

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

BRUNO RAMOS GOMES
KLEBER DE ALMEIDA SOARES
RICARDO CASTILLA DA SILVA
THIAGO GODÓI CALIL DA COSTA

**O SENTIDO DO USO RITUAL DA AYAHUASCA
NO TEMPLO DO MESTRE YAJÉ**

São Paulo
2005

BRUNO RAMOS GOMES
KLEBER DE ALMEIDA SOARES
RICARDO CASTILLA DA SILVA
THIAGO GODÓI CALIL DA COSTA

**O SENTIDO DO USO RITUAL DA AYAHUASCA
NO TEMPLO DO MESTRE YAJÉ**

Trabalho de Graduação
Interdisciplinar apresentado
ao curso de psicologia da
Universidade Presbiteriana
Mackenzie para obtenção
do grau de Bacharel em
Psicologia

Orientador:

Prof. Mr. Luiz Claudio di Pino Pezzini

SÃO PAULO
2005

Agradecimentos

Antes de tudo, ao mestre Yajé, e os mensageiros que vieram auxiliar, pela força, luz e entendimento trazidos na sessão. Ao Mestre Rogério e Ana, pela abertura e auxílio no entendimento do trabalho.

Ao nosso grupo; aos corujões; aos orientadores: Cristiano e Luiz Cláudio.

À Thainã, Edson, Oswaldo, Rafael, Daniel; Leonardo, Igor, Laura, Camila, , à Júlia, Clarissa, Laís, Profa. Corina, aos nossos pais, Bia Labate.

“Considero o povo da Ayahuasca um povo muito valente.”

Mestre Rogério – Templo do Mestre Yajé

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
A Fenomenologia como método de investigação	10
Relação homem-mundo: o corpo	13
O modo próprio de ser do homem.....	15
Revisão Bibliográfica.....	17
Relevância Social	19
Relevância Científica	20
CAPÍTULO 1 - A AYAHUASCA	22
1.1 Histórico do uso da ayahuasca	22
1.2 Raimundo Irineu Serra e o Santo Daime.....	26
1.3 A Barquinha	29
1.4 A União Do Vegetal.....	31
1.5 Neo-Ayahuasqueiros e o uso da ayahuasca atualmente.....	33
1.6 Farmacologia da ayahuasca.....	35
1.7 Aspectos legais.....	37
1.8 Noção de Ritual.....	38
CAPÍTULO 2 - MÉTODO	41
2.1 Universo da Amostra.....	41
2.2 Procedimento.....	42
2.2.1 Coleta de dados: atividades em grupo.....	43
2.3 Materiais para o trabalho manual.....	49
CAPÍTULO 3 - O TEMPLO DO MESTRE YAJÉ	50
3.1 História e objetivos do trabalho com a ayahuasca	50
3.2 Aspectos Rituais.....	57
3.3 Vida, Morte e Evolução	61
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS.....	64
4.1 Descrição dos sujeitos da pesquisa.....	64
4.2 Tentativa de compreensão.....	66
4.2.1 Sensibilidade	67
4.2.2 Sentir-se parte.....	70
4.2.3 Conflito/ Dualidade.....	74
4.2.4 Limpeza.....	76
4.2.5 Aprendizado	77
4.2.6 Relacionamentos	80
CAPÍTULO 5 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	82
CAPÍTULO 6 – CONCLUSÃO	85
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	87
ANEXO A – Resolução do CONAD.....	91

ANEXO B - Temas da entrevista com Mestre Rogério	95
ANEXO C – Entrevista com Mestre Rogério	96
ANEXO D– Entrevista em grupo	132

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de estudar o sentido do uso ritual da ayahuasca para alguns frequentadores do Templo do Mestre Yajé, localizado no distrito de Taiapuêba, em Mogi das Cruzes, estado de São Paulo, pensando a possibilidade desse uso levar a um encontro com o que é mais próprio da pessoa, de acordo com a analítica existencial heideggeriana. Usado desde tempos remotos pelos índios na Amazônia, o chá ayahuasca é feito por um cipó e uma planta, ambas de origem amazônica. Esse uso chegou à cultura ocidental através das chamadas religiões ayahuasqueiras, como o Santo Daime, a Barquinha e a União do Vegetal. Essas religiões surgiram devido ao contato de seringueiros com a população indígena local, e em seguida se espalharam pelo resto do país. Utilizou-se o método fenomenológico de investigação. A coleta de dados consistiu de uma entrevista com o mestre dirigente do Templo, a fim de obter uma fonte de dados fiel ao ritual e seu intuito, seguido de uma atividade em grupo. A pesquisa foi feita com cinco sujeitos participantes do Templo com idade superior a dezoito anos. A atividade consistiu de uma fantasia dirigida seguida de uma expressão artística visando a um maior contato do sujeito com sua própria experiência com a ayahuasca. Seguiu-se então uma discussão em grupo onde cada sujeito falou sobre o trabalho artístico, sua experiência e a relação com o chá. Esse material, junto com a observação da atividade, foi analisado fenomenologicamente buscando elucidar o que foi relatado por cada sujeito. Dividiu-se esses sentidos em alguns temas trazidos pela análise: sensibilidade, sentir-se parte, conflito/dualidade, limpeza, aprendizado e relacionamentos. Observando a análise, buscou-se perceber onde o relato do sujeito aparecia como momento em que se encontrava com o que é mais próprio dele. Isso aconteceu em todos os sujeitos, porém de forma diferente para cada um. Realizou-se uma devolutiva individual no final do trabalho, contando o que pudemos perceber no relato deles. Concluímos que esse encontro com o seu ser-próprio aparece no sentido do uso ritual da ayahuasca, apesar da forma diferente para cada sujeito.

Palavras-chave: Ayahuasca, método fenomenológico, sentido.

ABSTRACT

This research has the intention of studying the meaning of the ritualistic use of ayahuasca to some frequenters of the Mestre Yajé temple, located in the district of Taiaçupeba in Mogi das Cruzes, state of São Paulo, Brazil, considering the possibility that this use may lead to a closer contact with what is proper, according to Heidegger existential analysis. Used for a long time by the Amazonian Indians, the ayahuasca tea is made of a liana and a plant, both from the Amazonian forest. This use got into the occidental culture in Brazil through the traditional Brazilian religions, such as *Santo Daime*, *Barquinha* and *União do Vegetal*. These religions were born from the contact between the Brazilian rubber latex extractors and the local Amazonian Indians, and then spread all over the country. The phenomenological method of investigation was used in this research. The data collection consisted in an interview with the master of the temple, with the purpose of achieving an exact meaning of the ritual and its intention, followed by a group activity. The group was composed by five subjects that participate in the sessions of the temple with ages above 18 years old. The group activity consisted of a directed fantasy, and then an art expression aiming a higher contact of the person with its own experience with ayahuasca. Afterwards a group discussion happened, in this discussion each person talked about what he has produced in the activity, connecting the experience with their own relationship with the tea. This material, attached to the observation of the activity, was analyzed in a phenomenological way, with the intention of clarifying what was told by each fellow. These meanings were divided into some themes brought by the analysis: sensibility, feeling yourself as part of something, conflict/duality, cleaning, learning and relationships. Observing the analysis, it was attempted to realize where the report of the fellows appeared as a moment when the person would be getting in contact with is more proper of his' being. This happened to all the subject, but in a different way to each of them. An individual devolution was made by the end of the work, telling what we could perceive in their reports. We concluded that this meeting with what is properly in his own appears in the meaning of the ritual use of ayahuasca, even though this meaning is different to each one of the subjects.

Key words: Ayahuasca, phenomenological method, meaning.

INTRODUÇÃO

A ayahuasca¹ é um chá de efeito psicoativo feito a partir de duas plantas de origem amazônica, e que vem sendo usado pelas culturas indígenas há muito tempo. Desde o começo do século XX, devido ao contato desses povos na divisa do Brasil com o Peru com os seringueiros e os soldados da borracha (nordestinos contratados pelo governo para delimitar as divisas no norte brasileiro), surgiram religiões que fazem uso da substância como sacramento em seus rituais. Hoje em dia esse uso se espalhou pelo país, primeiramente através do Santo Daime e da União do Vegetal (duas das principais religiões que fazem uso do chá, sobre as quais discorreremos no próximo capítulo), e depois com o surgimento de novas formas de a utilizar (Labate, 2004). Esse uso sempre foi feito de forma ritualizada em todas as sociedades. Segundo o antropólogo Edward MacRae (1992), em seu estudo sobre a religião do Santo Daime, o uso ritual da ayahuasca tem uma função estruturante nas comunidades.

¹ Ayahuasca é um nome que vem da língua quíchua (língua nativa do Peru e que era utilizada pelos Incas) e quer dizer cipó ou corda dos mortos (*aya* que quer dizer “pessoa morta, alma, espírito” e *Waska* que significa “corda, liana, cipó”), é o mais usado, mas segundo o mesmo autor, são ao todo 42 os termos utilizados para se referir a esse chá, que é feito da mistura do cipó *Banisteriopsis caapi* com outras folhas (as mais comumente utilizadas são a *Psychotria viridis* ou *Diplopterys cabrerana*) (Labate; Araújo, 2004).

Temos como objetivo estudar o sentido do uso ritual da ayahuasca por alguns participantes do Templo do Mestre Yajé, em Mogi das Cruzes, estado de São Paulo. A escolha desse Templo ocorreu porque já havíamos participado de algumas sessões no ano de 2004. Nesse primeiro contato a instituição mostrou-se bem receptiva e interessada quando apresentamos a proposta do nosso trabalho.

A bebida é geralmente classificada como alucinógeno², mas de efeito singular, se destacando de outros alucinógenos como o LSD³, por exemplo. Mabit (In: Labate; Araújo, 2004) faz uma classificação esquemática de alguns dos efeitos possíveis, abrangendo apenas parte do que pode acontecer. Uma das características que mais se destacam em relação às outras drogas é a purga, como é chamada pelo autor. Dependendo de como está o indivíduo, podem acontecer vômitos, diarreia ou forte sudorese.

As visões proporcionadas pelo tema passam por vários temas, como imagens abstratas, de formas geométricas e cores variadas; formas antropomórficas, a natureza pode se animar, visões gerais em relação à humanidade, ao universo; visões em relação à própria pessoa, sua vida e relacionamentos; visões demoníacas, celestiais ou místicas. A visão pode ainda ser bem elaborada ou bastante primitiva, se apossando do indivíduo. A visão proporcionada pelo chá abrange ainda outros sentidos, como percepções auditivas, percepção de contato sobre o corpo, de modificação de partes deste, percepções olfativas,

² Os estudos sobre o tema (Labate, 2004; MacRae, 1992) utilizam geralmente o termo enteógeno, escolhido para que não se fosse preciso utilizar os termos droga ou alucinógeno (que deriva da palavra alucinação, que está ligada a erro ou ilusão), carregados de preconceito em relação ao tema. De acordo com MacRae (1992) a palavra vem do grego antigo *entheos*, que significa “Deus dentro”, e quer dizer “o que leva o divino para dentro de si”. Mesmo assim, esse termo ainda carrega forte ideologia, e por isso optamos por utilizar a palavra chá ou ayahuasca neste trabalho.

³ LSD, sigla para dietilamida do ácido lisérgico, substância sintetizada por Albert Hoffman, químico da Roche, na primeira metade do século XX. Essa substância é também alucinógena, foi febre na população jovem da década de 70, sendo um dos alucinógenos mais conhecidos.

sinestésicas, ou mesmo percepções de “presenças” invisíveis ou algo indefinível. (Mabit, In Labate; Araújo, 2004).

O autor diz ainda que ao se pôr a experiência em palavras, esta parece ficar mais vazia, sempre sugerindo que o que foi experienciado era muito mais significativo do que o que foi falado. Esse fato em especial foi decisivo para a escolha tanto da metodologia como do método a ser empregado.

A Fenomenologia como método de investigação

A fenomenologia é um modo de pensar oriundo da filosofia que nasceu no final do século XIX com Edmund Husserl, filósofo alemão. A partir do que ele via como uma crise no pensamento ocidental, por causa do pensamento dualista e cartesiano, propõe uma volta às coisas mesmas. Essa volta às coisas mesmas seria uma volta ao conhecimento que seria buscado pela filosofia em seus primórdios, que residiria na noção de fenômeno. O fenômeno é aquilo que aparece à consciência. Buscando sair da dualidade mundo-consciência, o filósofo não atribui o fenômeno nem ao mundo e nem a consciência, sendo a parte que existe entre esses dois elementos. A consciência participa disso no momento em que é sempre consciência de algo, e não apenas uma consciência “em si”, pura, que existe livre do mundo. Ao contrário, sempre que pensamos em uma consciência, ela sempre se dá como um estar consciente de alguma coisa, sempre voltada a um objeto.

Um dos fundamentos da fenomenologia é que a verdade se apresenta no fenômeno em que o homem (ser que busca algo) se relaciona com o mundo e consigo (ente que se apresenta). O homem tem como verdade o que se apresenta, para ele, no fenômeno. A verdade seria então tão relativa, mutável e fluida quanto as infinitas relações que o homem pode ter com o mundo e consigo pois é exatamente nessa relação que a verdade se apresenta.

A fenomenologia não é o estudo do fenômeno (como a biologia é o estudo da vida, por exemplo), mas “discurso sobre aquilo que se mostra como é (*phenomenon + logos*)”⁴. Desse modo, sendo um discurso, ganha um aspecto descritivo, buscando explicitar o que está aparecendo naquele momento para a pessoa que observa, não buscando relação de causa e efeito que “justificasse” a existência do fenômeno. O método fenomenológico não consiste de passos concretos como o método científico, pois é antes de tudo um método que foi criado visando uma volta radical a um verdadeiro conhecimento do mundo, do modo que fosse possível. Por isso consiste de regras abstratas, como a redução fenomenológica (*epoché*), por exemplo, que é a suspensão dos conceitos e idéias que se tem formado sobre o fenômeno (Critelli, 1986). Mas como se realiza na prática a *epoché*? Assim como a fenomenologia tem como resultado não uma, mas várias verdades, ela não tem uma, mas várias formas de ser posta em prática, e vem sendo usada em várias áreas do conhecimento, desde a observação participante e etnometodologia nas ciências sociais, passando pela psicologia que é a área que nos interessa, até a física, por exemplo (Martins, 1984).

⁴ Martins, J. *Psicologia da Cognição*. In “Temas Fundamentais de Fenomenologia”, Martins, J. Farinha, F. S. (org.), Editora Moraes, São Paulo, 1984.

Já a metafísica, parte do pressuposto de que a verdade seria uma, estável e absoluta, bem como a via de acesso a ela.

É importante deixar claro que seria uma total incoerência da fenomenologia se esta acreditasse que a forma como a metafísica observa a realidade é errada. Se seu pressuposto é que a verdade parte do olhar do homem, ela então admite que este olhar é verdadeiro. O que ela deixa claro é que, partindo-se deste olhar, a verdade alcançada seria uma verdade metafísica e que esta seria apenas mais uma forma das infinitas formas que o ser pode se relacionar com o ente. Assim a metafísica, por olhar o homem a partir da previsibilidade e mensurabilidade, teria acesso a esses aspectos do ser-homem, que não seria errada, mas não esgota o que pode ser conhecido sobre ele. Aliás, assim não se conhece o que é mais próprio do ser-homem e que o diferencia dos outros seres, de acordo com o que será falado mais adiante.

De acordo com Critelli (1996): “Não se trata, portanto de provar o quão errado é a perspectiva da metafísica, mas o quão única e absoluta ela não é”⁵

Logo, a verdade seria fluida para a fenomenologia, assim como o fenômeno, já que nasce da relação entre o mundo e aquele que (já dentro do mundo) observa-o. É esta fluidez que a metafísica tenta exatamente eliminar através de métodos e critérios científicos.

Critelli (1996) ilustra bem como a fenomenologia entende a relatividade da verdade e a fluidez do fenômeno perante o olhar do homem.

A relatividade diz respeito a provisoriedade das condições em que tudo o que é, vem a ser e permanece sendo. Desta maneira, a relatividade não é vista pela

⁵ CRITELLI, M. D. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo, EDUC-Brasiliense, 1996, p. 12.

fenomenologia como um problema a ser superado, mas como uma condição que os entes têm de se manifestarem. O método fenomenológico então gera um conhecimento sempre tentando explicitar da melhor forma possível a relação do homem com o mundo, não buscando dizer tudo o que pode ser falado sobre o assunto, por saber que isso é impossível. Tenta mostrar apenas mais claramente aquilo que está sendo conhecido e os limites disso.

Relação homem-mundo: o corpo

A fenomenologia se caracteriza como não sendo uma linha filosófica, mas uma conduta frente ao mundo. Dessa forma de se relacionar com o mundo nasce uma forma diferente de conhecimento também. Na fenomenologia a relação do sujeito com o objeto estudado se dá de forma diferente, exatamente porque esse homem não está fora do mundo que estuda, mas profundamente imbricado, inserido nele. O sujeito não está fora do mundo, mas sim em um corpo num mundo percebido desde sempre. Merleau-Ponty (1999), filósofo e fenomenólogo, desfaz essa idéia tradicional de que de um lado existe o mundo dos objetos, do corpo, da pura *facticidade* e, de outro, o mundo da consciência e da subjetividade, da *transcendência* através da busca de definir fenomenologicamente que é perceber que algo está no mundo. O que pretende é melhor “compreender as relações entre a consciência e a natureza interior e o exterior”. O sujeito está e é no corpo, e este está sempre no mundo. Daí se pensa que o sujeito realmente está no mundo, desde

sempre, imbricado, numa ligação pré-reflexiva com o mundo. O homem está no mundo antes do pensamento, e esse pensamento seria a consciência, caracterizada de forma diferente do que é concebida no pensamento científico. A consciência não seria algo constituinte do mundo, não teria esse poder de criar o mundo, mas também não é apenas consciência de que algo está lá e está sendo percebida por mim, uma consciência perceptiva. Na verdade o filósofo faz um diálogo entre essas duas formas de pensar a relação do homem com o mundo (o sentido construído pela consciência ou dado pelo mundo), mostrando que é exatamente nesse diálogo entre o homem e o mundo é que se tem o sentido colocado no mundo.

Antes de trabalhar com a idéia de corpo, busca se desfazer da idéia dualista de sujeito objeto, como a científica que vê o corpo como apenas objeto, amontoado de órgãos, ou das filosofias da consciência, que colocam a percepção do corpo como construída pela consciência. Ele trabalha o corpo como o local onde o ser existe no mundo, onde o campo do fenômeno se abre para ele. Seria o corpo vivido, algo existente, onde ocorre a conexão entre esses dois aspectos que são sempre trabalhados em separado pelo pensamento ocidental. O corpo fenomênico é esse corpo vivido, vivido em sua relação com o mundo. A vivência de uma relação com o mundo e com os outros (sempre através do corpo) se torna elemento de base do viver humano, ganhando no momento da percepção um sentido tanto o mundo quanto o próprio ser. Nesse diálogo entre as partes que já se encontram juntas é que tudo se significa e se define. Parte-se na construção do conhecimento sempre da subjetividade como estando totalmente ligada e essa busca do objetivo no real, ao contrário do pensamento científico que tenta excluir o que seria subjetivo, deixando apenas o que é do objeto “em si”.

O modo próprio de ser do homem

A fenomenologia ontológica⁶ de Martin Heidegger vai tratar do que seria o fenômeno do ser. Para isso ele parte de uma tentativa de compreensão do que seria singular no ser humano. Para o pensador alemão o homem existe, diferente das coisas que apenas são, e tem que dar conta da sua própria existência. De acordo com isso, o ser humano é o ser-aí, (*Dasein*), que já se encontra no mundo, sempre aberto para compreendê-lo.

O homem é essa abertura para algo que lhe é presente. Essa compreensão de mundo sempre se dá de um modo, sempre traz consigo um sentido, um jeito de se perceber o mundo e o homem. Logo, o homem ao interpretar o mundo, já se interpreta na relação estabelecida. Essa forma de ser está dentro de uma rede significativa que seria o modo de ser deste homem no mundo. O modo de ser no qual o homem se relaciona não é fixo, mas sempre mutável por ser uma construção continua junto ao mundo. Ao mesmo tempo em que o homem não existe sem o mundo (e por isso a palavra ser-aí, ou ser-no-mundo, inseparáveis, escrita assim para falar do ser homem), também não existe sem os outros seres humanos, por isso, uma das características do ser-no-mundo é ser-com-os-outros.

⁶ A ontologia é a parte da filosofia que cuida do que é ser.

O homem seria essa abertura para o mundo no qual já está, seria uma clareira onde as coisas que se mostram podem aparecer e serem compreendidas, dotadas de sentido. O *Dasein* sempre se abre de uma maneira, que varia. Porém, conforme Heidegger (1999): “Sendo sempre o mesmo, possui nas muitas alterações, o caráter de próprio”⁷. Nesse contato com o mundo, o *Dasein* vê o que ele mesmo é, ao mesmo tempo em que vê o que não é. Esse não ser ele mesmo não é ausência de ser, mas indica um determinado jeito de ser do *Dasein*, como a perda de si próprio, por exemplo.

O *Dasein*, nesse ser-com-os-outros, não dá conta sozinho do seu próprio ser, mas está sob a tutela dos outros (Heidegger, 1999). Não é ele próprio que é, os outros lhe tomam o ser. Assim se delinea a noção de modo próprio ou impróprio do ser. O *Dasein* sente que o modo como está sendo no mundo é uma forma bem própria dele, que está sendo autêntico; ou pode sentir que está sendo de um modo que não é seu; ou mesmo nem sentir, pensar-se sendo si mesmo enquanto segue com todos.

A partir dessa pequena explanação do modo próprio de ser do homem, levantamos a hipótese de que a vivência do uso ritual da ayahuasca tenha alguma relação com o encontro consigo mesmo, quer dizer, a pessoa sentir, entrar em contato com aquilo que considera ser mais ela, mais próprio de seu ser, seu mais peculiar modo de ser, manifestando que mais lhe diz respeito.

⁷ Heidegger, M. “*Ser e Tempo*” Parte I, Editora Vozes, Petrópolis, 1999, p. 167.

Revisão Bibliográfica

Segundo Labate (2004) “além do uso indígena, associado ao xamanismo, outra modalidade de consumo deste cipó é a do vegetalismo, uma forma de medicina popular à base de alucinógenos vegetais, cantos e dietas. Os vegetalista são curandeiros (curadores) de populações rurais do Peru e da Colômbia que unem elementos dos antigos conhecimentos indígenas sobre as plantas, ao mesmo tempo em que absorvem algumas influências do esoterismo europeu e do meio urbano...”⁸

Embora em vários países da América do Sul haja uma tradição de consumo da ayahuasca pela população indígena e por vegetalista, é somente no Brasil que houve o desenvolvimento de religiões de população não-indígena que fazem uso da bebida como sacramento (Labate, 2004). A literatura acadêmica sobre o uso ritual da ayahuasca no Brasil esteve até o momento concentrada nas áreas da antropologia e história dessas religiões ou de outros grupos que a utilizam, como os seringueiros (Araújo, apud Labate; Araújo, 2004). Mesmo os estudos de outras áreas do conhecimento têm como ponto de partida os estudos antropológicos sobre o assunto. Na área da psicologia são poucos os estudos já realizados. Apenas nos últimos tempos começam a aparecer algumas aproximações sobre o tema na área da psicologia e psiquiatria (Labate in: Labate; Araújo, 2004).

Eliseu Labigalini Jr. (1998) tenta se apoiar na antropologia para descrever quatro casos de membros de uma comunidade paulista da União do Vegetal, que antes de

⁸ Labate, B. “*A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras*”, in: LABATE, B. E ARAÚJO, W. S. (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2004 p. 233.

ingressar no grupo apresentavam problemas de dependência ao álcool. Neste trabalho os entrevistados relatam como o ingresso na religião influenciou na cura da dependência. São inúmeros os casos de pessoas que, antes de começar a tomar ayahuasca, tinham problema no consumo de outras substâncias.

Outro estudo na área da psicologia, com um enfoque da psiquiatria cultural sobre o assunto é o de Barbosa (1998), que realizou um trabalho avaliando com escalas psiquiátricas e entrevistas qualitativas 28 pessoas dois dias antes e sete dias depois da primeira experiência com a ayahuasca, em igrejas do Santo Daime, e núcleos da União do Vegetal no estado de São Paulo. O autor constatou que houve melhoras no estado emocional e mudanças comportamentais positivas, havendo, porém, uma capacidade de julgamento substancialmente prejudicada e passagens emocionalmente estressantes, sendo esses dois aspectos considerados pelo autor como fatores adversos à saúde mental. O estudo mostra-se importante por ser um dos primeiros com o enfoque psiquiátrico em relação ao tema, tendo bastante valor no campo acadêmico e na área da medicina, mas mostra-se pobre por focar apenas o primeiro uso na vida, em que a relação com a bebida e a forma de uso ainda não estão definidas, e por isso não influenciam no papel do uso. Seria necessário estudo na área da psiquiatria visando investigar qual o efeito que o uso continuado e ritualizado tem no psiquismo dos sujeitos.

Além desses estudos, existem apenas alguns de outras áreas que vão discutir temas que são de valor para a psicologia, mas sem dar um enfoque psicológico. A noção de saúde e cura nas concepções daimistas são trabalhados por vários autores, como McRae (1992), Groisman (1991, apud Labate; Araújo, 2004), Goulart (1996, apud Labate; Araújo, 2004), mostrando a importância desses conceitos dentro da religião. A

tese de Pelaez (1994, apud Labate; Araújo, 2004), de maior valor sobre o assunto para a psicologia, vai discutir a relação entre práticas terapêuticas e os estados alterados de consciência, analisando narrativas de cura no Santo Daime, buscando relações entre as práticas de cura do ritual e o modelo conceitual da psicologia transpessoal de Stanislav Groff, que fazia terapia com LSD.

Relevância Social

Devido ao grande aumento do uso da ayahuasca em contexto religioso no país a partir das décadas de 70 e 80, torna-se de extrema importância a realização de estudos sobre o tema. Afinal, o aumento de certa expressão religiosa dentro de uma sociedade pode implicar ou ser implicada por mudanças no comportamento e nos valores desta, reestruturando sua própria organização social.

A sociedade brasileira tem como característica os extremos sociais, isto é, grande parte da população possui situação financeira, estilo e qualidade de vida bem distintos, e essa grande diferenciação pode muitas vezes se mostrar com preconceitos em relação ao outro. Os diversos rituais que fazem uso da ayahuasca no Brasil têm em comum um aspecto muito interessante; segundo Brito (2004) “estes grupos religiosos, apesar de sua origem cabocla no interior da selva amazônica, hoje encontram-se espalhados em praticamente todas as capitais do país e seus adeptos abrangem desde pessoas humildes, iletradas nas regiões de sua origem, até representantes da classe média urbana, pessoas

altamente intelectualizadas, profissionais liberais como médicos, advogados, pesquisadores, estudantes e professores universitários das áreas urbanas.”⁹

Essa mistura de diferenças sociais presente nos rituais desperta interesse sobre o relacionamento destas dentro de um mesmo contexto e finalidade, sem haver qualquer diferenciação aparente.

Em outubro de 2004, o Conselho Nacional Antidrogas (Secretaria Nacional Antidrogas, que regulamenta a política em relação às drogas) publicou uma resolução (Ver anexo A) em que aceita a legitimidade do uso ritual da ayahuasca, liberando seu uso religioso, ao mesmo tempo em que instaurou um grupo de estudos interdisciplinar para cadastrar as instituições que fazem uso da substância e estudar sua possível utilização terapêutica. Isso mostra a atualidade do assunto no país, mostrando a importância de estudos sobre o tema por uma ótica psicológica.

Relevância Científica

Através de uma revisão bibliográfica percebemos que até hoje não foram realizados estudos psicológicos suficientes abordando o uso da ayahuasca. Segundo o artigo de Labate, Goulart e Araújo (In: Labate; Araújo, 2004) são necessários estudos que aprofundem mais este assunto, muitas vezes tratado pela mídia de modo superficial,

⁹ BRITO, G. *et all.* “Farmacologia humana da hoasca. Chá preparado de plantas alucinógenas usado em contexto ritual no Brasil” in: LABATE E SENA ARAÚJO (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2004, p. 624

ignorando a complexidade própria do uso ritual da ayahuasca. Fica evidente a necessidade de mais estudos sobre o tema, mostrando mais profundamente todos aspectos que envolvem o uso do chá. Segundo Glaucus de Souza Brito, “A ayahuasca ocupa uma posição central na etnomedicina mestiça e a natureza química de seus componentes ativos, somada à maneira através da qual é utilizada, torna seu estudo relevante para debates atualmente em questão na neurofarmacologia, na neurofisiologia e na psiquiatria”¹⁰.

Gostaríamos de enfatizar também a importância destes estudos para a psicologia, afinal o uso ritualístico da ayahuasca, assim como a psicologia, direciona seu trabalho para trabalhar no âmbito do sentido, do que seria comumente chamado de subjetivo. O termo psicologia, nome atribuído à ciência responsável pelos estudos de estados e processos mentais, tem sua origem na palavra grega psique. Psique, por sua vez, significa alma, espírito e mente. Portanto acreditamos ser importante relacionar essas duas formas de conhecimento, que mesmo distantes apresentam características em comum que podem proporcionar o enriquecimento de ambas. Esta é a proximidade entre a psicologia e a espiritualidade.

Nossa pesquisa enfoca a vivência do uso ritual da ayahuasca no Templo do Mestre Yajé, e o sentido atribuído a ela pelos participantes do templo. Como a análise será feita a partir da vivência, buscamos proporcionar uma fonte de dados empíricos uma vez que há uma carência desta característica entre os estudos já realizados sobre o tema.

¹⁰ BRITO, G. *et al.* “Farmacologia humana da hoasca. Chá preparado de plantas alucinógenas usado em contexto ritual no Brasil” in: LABATE E SENA ARAÚJO (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2004, p. 628.

CAPÍTULO 1 - A AYAHUASCA

1.1 Histórico do uso da ayahuasca

A ayahuasca é um chá de efeito psicoativo que vem sendo utilizado há muito tempo pela cultura indígena de grande parte da região amazônica que abrange a Amazônia brasileira, peruana, equatoriana e colombiana. Não existe registro histórico do começo de sua utilização, apenas mitos que explicam seu surgimento. Luiz Eduardo Luna (1986 apud Labate; Araújo, 2004), em seu trabalho sobre o assunto, conta 72 grupos indígenas que utilizam essa bebida na Amazônia Ocidental. O nome ayahuasca pode ser usado tanto para se falar da mistura quanto apenas para o cipó, já que esse é o elemento comum a todas as misturas feitas. Outros nomes comuns são *la purga*, na Colômbia, *Kamarampi* ou *caapi* pelos índios na fronteira entre o Brasil e o Peru, *Daime*, para os seguidores do Santo Daime (tanto o Alto Santo como o CEFLURIS, as duas dissidências que se

formaram depois da morte do fundador, o Mestre Raimundo Irineu Serra) e da Barquinha, e *Hoasca* para os seguidores da União do Vegetal. É importante ressaltar que este uso sempre foi feito com objetivo espiritual e de cura.

Atualmente esse chá é usado de forma mais significativa pela população indígena amazônica, pela população mestiça das cidades dessa região tanto através dos vegetalistas, como pelos seguidores de religiões ayahuasqueiras surgidas na região norte do Brasil (nos estados do Acre e Rondônia). Foi o uso dessas religiões que mais se espalhou pelo país e pelo mundo, fazendo surgir diversas formas de ritual e objetivos, principalmente a partir da chegada dessas religiões ayahuasqueiras nos grandes centros urbanos brasileiros (Labate, 2002).

Pedro Luz (in Labate; Araujo, 2004) faz uma revisão geral do uso ritual da ayahuasca entre os povos de língua Pano, Aruák e Tucano. Apesar de cada tribo e grupo lingüístico possuir rituais diferentes, pode-se perceber alguns aspectos que caracterizam o uso indígena. Na grande maioria das tribos o uso é feito apenas pelos homens. Para os Ashaninka, que são Aruák, o *kamarampi*, nome dado ao chá, é um dos elementos básicos de sua cosmologia, sistema de mitos e sistema religioso. Para eles o *kamarampi* está associado à imortalidade, e se for usado da forma definida, seguindo as regras culturais, faz com que o índio alcance a vida eterna (Luz, in Labate; Araujo, 2004). É claro que não se pode colocar essas formas de uso em uma linha contínua, sendo o uso do chá pelos índios o mais antigo e tradicional, e o feito pelas religiões amazônicas e nos centros urbanos o mais atual. É importante olhar esses rituais, formas de uso e significados como apenas diferentes em contextos diferentes, e não levar a uma noção de desenvolvimento.

A partir do contato dos índios com a cultura ocidental nasceram diversas formas de uso da ayahuasca, muitas delas já consideradas tradicionais. Uma delas, comum nos outros países da Amazônia, como Peru, Colômbia e Equador, é o vegetalismo. Os vegetelistas são habitantes ribeirinhos que fazem uso da ayahuasca principalmente (e outras plantas de poder), com o objetivo de cura. Segundo Luna (2004), essa tradição nasceu do contato dos seringueiros vindos do Peru e de outros países com a população indígena e ribeirinha já intensamente influenciada pelas missões cristãs. Essa tradição tem fortes influências indígenas, andinas e cristãs. Segundo Gow (1994, apud Luna, 2004), esse “xamanismo de ayahuasca” teria se originado há uns 300 anos, nos primeiros contatos dos índios com as missões cristãs. Para esses *curanderos* ribeirinhos, a ayahuasca e algumas outras plantas, chamadas plantas de poder, são na verdade professoras, pois contém entidades que ensinam sobre o mundo e sobre o uso de outras plantas. Daí o nome de vegetelistas, pois acreditam que as plantas sejam as verdadeiras fornecedoras de conhecimento. A ayahuasca, ao ser usada, coloca a pessoa em contato com esse mestre, que vai mudar a percepção e vai assim mostrar o mundo vegetal de outra forma, permitindo reconhecer outras plantas de poder e também aprender o uso de vegetais para a cura, a partir de suas características morfológicas. Segundo Luna (1986, apud Labate, 2004):

a ayahuasca e outras plantas mestras facultariam uma mudança perceptiva que permitiria notar claramente relações morfológicas, táteis, sonoras ou olfativas, entre a totalidade ou parte de uma planta

por um lado, e por outro de algum órgão ou aspecto do corpo humano¹¹

Além disso, os vegetalistas acreditam que a ayahuasca possibilita o conhecimento sobre outras espécies através da transformação nelas. Todas essas formas de uso de plantas psicoativas são muito semelhantes ao feito pelos xamãs indígenas, e por isso o vegetalismo é considerado uma forma de xamanismo, apesar de não se encaixar na figura do xamã como diferenciado do resto da sociedade, já que a ayahuasca é usada pela maioria dos adultos masculinos, e não apenas pelo *curandero*. A ayahuasca é sempre acompanhada pelo tabaco, como ferramenta que auxilia no seu manejo. Além disso, tanto no uso xamânico indígena como no dos *curanderos* é necessário cumprir certos pré-requisitos para que seja possível entrar em diálogo com o espírito ou os espíritos da ayahuasca e de outras plantas mestras, pois o contato com essas entidades é fonte de grandes poderes, mas ao mesmo tempo potencialmente perigoso, e por isso segue-se sempre uma purificação. Na cultura ocidental, a substância e a bebida só começaram a ser estudada e o cipó ganhou sua classificação apenas em 1852, quando o botânico Richard Spruce tomou-o junto a uma tribo amazônica, e descreveu o cipó utilizado para seu preparo, dando o nome de *Banisteriopsis caapi* (Mckenna, 1991).

¹¹ LUNA, Luis Eduardo, “Xamanismo Amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural”, IN: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (orgs.) “O Uso Ritual da Ayahuasca”, Editora Mercado de Letras, Campinas, 2004

1.2 Raimundo Irineu Serra e o Santo Daime

Já no Brasil, como a miscigenação com os índios não foi tão extensa como nos outros países latinos, e por diversas outras características culturais, o uso da ayahuasca pela cultura ocidental se deu de uma forma totalmente diferente. Enquanto o uso dos curanderos peruanos, equatorianos e colombianos parece ter se iniciado há cerca de 300 anos, no Brasil pela cultura ocidental se deu apenas no começo do século passado, sendo antes praticada apenas pelos índios (Luna, 2004). Foi a partir do contato dos soldados da borracha (a maioria imigrantes nordestinos contratados para demarcar as novas fronteiras do Brasil com o Peru e Bolívia) com os índios amazônicos da fronteira, que começaram as religiões tipicamente brasileiras. Foi nesse contexto que surgiram as duas principais religiões, a União do Vegetal e o Santo Daime. Raimundo Irineu Serra, o fundador do Santo Daime e conhecido como Rei Juramidã no astral por seus seguidores, era maranhense e um desses soldados da borracha. O Santo Daime é uma religião criada por este nordestino que entrou em contato com a bebida quando foi morar no Acre e na divisa com o Peru para trabalhar como seringueiro. Por ser o sacramento principal, equiparado à hóstia e ao vinho na religião católica, o chá ganha o nome de daime, que vem do verbo “dar”, e a religião de Santo Daime. Esse Daime vem de um hino em que se canta “Dai-me Força, Dai-me Luz, Dai-me Amor” Foi na cidade fronteira de Brasiléia, quando morava lá como seringueiro e como funcionário da Comissão de Limites, que entrou em contato com a ayahuasca, através de um conterrâneo seu, Antônio Costa. Durante toda a década de 20, Irineu trabalhou no Centro de Regeneração e Fé junto com os irmãos

Costa. Em 1930, depois de alguns anos morando em Plácido de Castro, ele passa então a morar na capital do Acre, Rio Branco (MacRae, 1992). É nesse ano que os seguidores do Santo Daime contam como o do início da religião.

Os rituais são caracterizados por bailados de passos simples, em que os seguidores cantam e tocam o maracá, espécie de chocalho. Além disso, acontecem todo dia 15 e 30 de cada mês um ritual de concentração, em que todos ficam sentados e em silêncio, finalizando com todos cantando alguns hinos do Mestre Raimundo Irineu Serra. Nos rituais da religião ficam separados homens e mulheres, fardados¹². Todos ficam voltados ao centro do templo, que tem uma mesa com os principais símbolos da religião, como a Cruz de Caravaca (uma cruz com mais uma madeira um pouco menor na horizontal), por exemplo. Os bailados são realizados em clima de festa nos dias de santo, e costumam durar de 8 a 12 horas. Depois da morte do fundador, aconteceram pequenos conflitos para se decidir quem seria o novo líder espiritual. A viúva de Irineu acabou por ficar no comando da igreja original. Nessa divergência surgiu o Santo Daime do líder Sebastião Mota Melo, o padrinho Sebastião. Ele fazia trabalhos do Santo Daime na colônia 5000, uma comunidade rural perto da cidade de Rio Branco. A partir do momento de sua separação do Santo Daime do Alto Santo (nome do bairro onde surgiu e morava a comunidade do mestre Irineu), aos poucos ele foi incorporando características de outras religiões, como a incorporação de espíritos vindo de rituais afro-brasileiros, por exemplo.

Foi a partir do contato do padrinho Sebastião com viajantes de outras partes do Brasil, como mochileiros e hippies, que parte dessas aberturas no ritual aconteceu. Nesses

¹² As fardas são uniformes que mostram a adesão dos seguidores no “exército de Juramidam”, e são saias para as moças e camisa e gravata para os homens.

novos contatos é que Sebastião conheceu outras plantas de poder¹³, como a *Cannabis*, que passou a ser usada ritualmente em sessões de cura, e era chamada de Santa Maria, considerada a mãe de Jesus (MacRae, 1992).

Foram também esses viajantes que, depois de um longo contato com a comunidade do Santo Daime na Colônia 5000 e no céu do Mapiá¹⁴, passaram a fazer rituais com Daime em outras regiões do país. Desse contato é que surgiram as igrejas no sudeste, e daí se espalharam por todo o país, e mais recentemente, pelo mundo (conforme se constata pelas igrejas na Holanda, Espanha, Estados Unidos, França e Japão, além de outros). Por causa dessa expansão, no final da década de 1980, os dirigentes das igrejas que seguem o Santo Daime da linha do Padrinho Sebastião se uniram e fundaram o CEFLURIS, que significa Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra. O CEFLURIS, por ter em seu nome a idéia de Eclético, vem incorporando em seus rituais algumas idéias ou símbolos de outras religiões, como a incorporação, por exemplo, elemento proveniente da Umbanda e outras religiões afro-brasileiras que não era permitido nos rituais de Mestre Irineu. (MacRae, 1992). Um dos rituais que passou a fazer parte do calendário oficial do CEFLURIS é o de São Miguel Arcanjo, realizado dia 27 de cada mês, que é aberto à incorporação de espíritos, e é chamado de ritual de cura.

¹³ Plantas de poder é um termo usado para designar substâncias psicoativas usadas tradicionalmente por outras sociedades e que, dentro dessas tradições, são consideradas entidades que o homem entra em contato, passando ensinamentos. (Labate, 2004).

¹⁴ Céu do Mapiá é a comunidade central do CEFLURIS, localizada no meio da floresta amazônica, em um dos igarapés do Rio Purus, a algumas horas de barco da cidade de Boca do Acre, no estado do Amazonas.

1.3 A Barquinha

Uma das três principais e mais tradicionais religiões criadas que utilizam o Santo Daime é a Barquinha, ou melhor, as Barquinhas. A primeira, de qual todas as outras unidades com diferenças rituais derivaram, tem o nome de “Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz”, situada na cidade de Rio Branco, no Acre. Este Centro foi criado em 1945 por um maranhense que morava na cidade há alguns anos. Daniel Pereira de Mattos nasceu em São Luís do Maranhão, e depois de passar parte da vida na marinha, foi viver em Rio Branco nas primeiras décadas do século XX. Grande boêmio, só entrou em contato com o Santo Daime na década de 30, ao estar enfermo e ser tratado por Raimundo Irineu Serra, maranhense também e fundador do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (CICLU), o Santo Daime (Araújo, 1999). Durante esse tratamento recebeu uma visão de dois anjos que desciam do céu com um livro azul para ser entregue a ele. Ele já havia tido essa visão numa noite de bebedeira às margens do Rio Acre, mas apenas na segunda vez isso lhe mostrou que deveria então criar sua própria missão, e fundou então a “Capelinha”, ou “Capelinha de São Francisco”, como era chamada no começo.

O Centro é também chamado de Barquinha devido à pequena Barca que tem na sua praça de bailado em frente à igreja, pelos vários símbolos relacionados ao universo marítimo. A “barca Santa Cruz”, como é chamada, tem dois significados: ela representa a própria missão deixada pelo fundador, e a viagem da vida de cada um (Araújo, 1999).

O principal trabalho ritual do Centro são as Obras de Caridade, ofertadas aos membros da comunidade que chegam lá, realizadas toda quinta-feira e sábado. O espaço

físico da igreja é constituído pela igreja em si com uma mesa em forma de cruz dentro e cadeiras voltadas para essa, um parque na frente do templo, onde acontecem os bailados, e um terreiro aos fundos, com sete gabinetes onde os médiuns dão os passes nos membros da comunidade que vêm recebê-lo.

Nas Obras de Caridade, enquanto os médiuns realizam passes, os outros integrantes da Barquinha cantam os salmos, espécie de orações, irradiando energia que será usada nos passes dos médiuns.

Além desse ritual, todas as quartas-feiras são realizados trabalhos de concentração para os fardados, que acontece apenas dentro da igreja. Nesses rituais a quantidade de Daime ingerida é maior, e o objetivo do trabalho seria a instrução dos adeptos e o seu desenvolvimento espiritual.

O terceiro tipo de ritual realizado no Centro são as romarias, que culminam no bailado, na entrega da romaria ao santo a que é dedicada. Os bailados são realizados no parque em frente à igreja, que tem o formato tanto de um convés de barco, como de um cálice. As romarias se constituem de vinte dias seguidos em que se toma o Daime e se canta os salmos como um compromisso com o santo ao qual é dedicada. No final desses vinte dias, se realiza um ritual no parque para entregar ao santo a romaria.

Durante esses anos de existência surgiram outros centros derivados desse primeiro na cidade de Rio Branco, nas imediações e estado do Acre e Rondônia. Mesmo assim, é uma religião que não apresenta características expansionistas, e tem apenas uma unidade fora da região amazônica, na cidade de Magé, no estado do Rio de Janeiro, ligada ao primeiro Centro fundado por Daniel Pereira de Mattos.

1.4 A União Do Vegetal

A União do Vegetal, a UDV, é uma das três tradicionais religiões brasileiras que fazem uso da ayahuasca. Foi fundada em uma região na fronteira entre o Brasil e a Bolívia em 22 de julho de 1961 pelo mestre José Gabriel da Costa. Em 1967, após uma série de perseguições policiais à sede do grupo em Porto Velho, foi conquistado o título de entidade civil, adotando assim o nome definitivo de Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. O mestre José Gabriel teve contato com a ayahuasca sendo um dos milhares de nordestinos seringueiros enviados pelo governo nacional para a extração da borracha na Amazônia. O extrativismo da borracha começou a apresentar uma crise a partir do ano de 1942, devido à concorrência com a borracha vinda da Ásia. Com o início da Segunda Guerra, após acordos fechados com os Estados Unidos, o governo Vargas iniciou um amplo recrutamento de trabalhadores para a extração da borracha no norte do país. Em 1943, José Gabriel integrou essa massa que invadiu os seringais amazônicos. Devido ao inevitável contato com grupos indígenas da região, muitos seringueiros chegaram a conhecer a bebida. Dentro deste contexto, “aí se inicia a nova etapa na trajetória de José Gabriel” (Brissac, in: Labate; Araújo, 2004).¹⁵

Devido às diversas experiências religiosas de José Gabriel, a UDV apresenta uma doutrina bem eclética. Segundo Sérgio Brissac (in: Labate; Araújo, 2004)

¹⁵ BRISSAC, S. “José Gabriel da Costa: trajetória de um brasileiro, Mestre e autor da União do Vegetal”, in: LABATE, B. E ARAÚJO, W. S. (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2004, p. 582.

(...) sua participação numa larga seqüência de configurações culturais muito próprias da sociedade brasileira: o catolicismo popular rural do interior da Bahia, a capoeiragem e os cultos afro-brasileiros de Salvador, a vida sofrida de seringueiro na Amazônia, a experiência de incorporações dos cultos de caboclo, o transe xamânico do hoasqueiro, e, finalmente, a atuação carismática do fundador de um novo movimento religioso.¹⁶

A UDV apresenta uma ordem religiosa extremamente hierarquizada, sendo esta uma de suas principais características. Essa hierarquia é estruturada da seguinte forma: discípulos, corpo instrutivo, corpo do conselho e quadro de mestres. Esse sistema de hierarquização é idêntico à organização da Igreja Católica, evidenciando a influência direta desta sobre a formulação da UDV.

Um dos principais objetivos da UDV é a evolução espiritual. Segundo Afrânio de Andrade (in: Labate; Araujo, 2004), a ayahuasca tem extrema importância dentro do sistema de crenças da UDV, pois serve “(...) como facilitadora da concentração mental para, neste estado em que a sensibilidade se aflora e a consciência se altera, veicular seu conteúdo religioso.”¹⁷ Acredita-se pelos adeptos da seita que a cada encarnação o indivíduo purifica-se gradativamente, até o dia em que não houver mais a necessidade de reencarnação, pois alcançou-se assim a purificação completa ou salvação.

¹⁶ Idem, p. 583.

¹⁷ ANDRADE, A. *Contribuições e limites da União do Vegetal para a nova consciência religiosa*, IN: LABATE, B; ARAÚJO, W. (orgs.) *O Uso Ritual da Ayahuasca*, Mercado de Letras, Campinas, 2004, p. 594.

O sistema de crenças da UDV tem como característica o “aprender do mestre”, sendo o mestre responsável pela disseminação da doutrina aos adeptos. Por sua vez, os adeptos seguem o objetivo de desenvolver-se espiritualmente, procurando manter-se sempre em sintonia com os ensinamentos do mestre para assim conquistarem sua total salvação. Buscam uma melhor compreensão do viver em comunidade e consigo mesmo, e muitos relatam viver de forma mais responsável.

Segundo o mesmo autor, a UDV é “... mais uma comunidade de fé que se propõe positivamente à transformação do ser humano”¹⁸. Sendo que essa transformação assume o caráter de restauração. Supõe ainda uma possível limitação da UDV, quando diz que essa possui uma atitude autoritária e intolerante perante as outras religiões, sendo estas ayahuasqueiras ou não. O autor acredita que isso possa ser um limite na sua contribuição à humanidade, mas um limite como apenas uma dificuldade, pois a contribuição parece ser clara nos relatos dos adeptos.

1.5 Neo-Ayahuasqueiros e o uso da ayahuasca atualmente

Hoje em dia é facilmente visível a diversidade de usos da ayahuasca não vinculados às tradicionais religiões ayahuasqueiras do Brasil, como o Santo Daime e a União do Vegetal, já que a Barquinha e o Alto Santo não se expandiram pelo território

¹⁸ idem, p. 604.

nacional. Segundo Beatriz Labate (2004) “...parece que estamos diante de uma explosão de diferentes modalidades e variedades urbanas de consumo da ayahuasca”¹⁹.

Essas novas formas de uso ocorrem freqüentemente nos centros urbanos ou próximo destes, visando a um experimentalismo cultural e religioso carregado de intenções ligadas ao auto-conhecimento. Luiz Eduardo Soares (apud Labate; Araujo, 2004) denominou o fenômeno em sua pesquisa como nova consciência religiosa. Essa relação entre a modernidade urbana e a ayahuasca é consequência da vida desorganizada proporcionada pela velocidade do sistema capitalista. O tempo perde seu valor específico reduzindo-se a uma inacreditável sucessão de eventos desconectados e o espaço dilui-se com a contínua troca ou invasão de culturas. Conseqüentemente as pessoas tornam-se simplesmente pessoas no meio de tanta desatenção às relações entre indivíduo-sociedade, indivíduo-indivíduo, enfim ao afeto.

A autora aponta também algumas características da pós-modernidade, como a evidente multiplicidade de escolhas impondo uma dúvida radical em toda a sociedade, fortalecendo a busca de si mesmo em cada indivíduo; observa também que o significativo crescimento dos modos de terapia e consultas de todo tipo evidencia a busca de auto-conhecimento na modernidade. É nesse contexto que surgem esses novos usos da ayahuasca caracterizados como neo-ayahuasqueiros.

É importante lembrar que estes novos usos urbanos são carregados de sínteses ecléticas, pois as tradicionais religiões ayahuasqueiras do Brasil já trazem traços da umbanda e do uso seringueiro desta bebida originalmente indígena. Além desse sincretismo, o novo uso urbano evoca a síntese operada pela umbanda entre o kardecismo

¹⁹ LABATE, B. *A Reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos*. Campinas, Mercado de Letras, 2004, p. 25.

e o culto dos orixás, com a presença de possíveis idéias e práticas do xamanismo indígena.

Os neo-ayahuasqueiros, em sua maioria, se norteiam pelo movimento Nova Era, que “caracteriza-se por um sincretismo, por um estilo de itinerância, de errância pelas religiões, uma adesão religiosa instável, aproveitando tudo que há de ‘bom nas religiões’ para compor uma religiosidade experiencial individual”.(Camurça, 1996, apud Labate, 2004).

Atualmente, portanto, há nos grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, e suas redondezas, variadas formas de uso ritual da ayahuasca. Primeiramente o uso tradicional das religiões, e segue-se então os grupos que são divergentes das religiões, mas contam com a mesma estrutura ritual que estas ou algumas variações. Existem também grupos novos, que ainda, de forma ou outra, ligados à tradição das religiões ayahuasqueiras. Além disso, usos novos, com rituais que remetem a outras tradições, como a hindu, aos neo-xamãs, ou a uma identidade indígena geral. Conta-se hoje por volta de 11 mil adeptos do uso da ayahuasca em suas mais variadas formas no país (Labate, 2004).

1.6 Farmacologia da ayahuasca

Este chá é de efeito intenso e de média duração. O seu efeito psicoativo resulta da interação entre as substâncias do cipó *Banisteriopsis caapi* e da folha *Psychotria viridis*, espécie mais comumente usada no Brasil. Brito (2002) destaca a ayahuasca como a

“única preparação botânica, no que diz respeito à atividade farmacológica, dependente da interação sinérgica dos alcalóides ativos existentes nas plantas”, quer dizer, seus compostos só tem efeito se usadas juntas dessa forma. A folha contém a N,N-Dimetiltriptamina (DMT), um forte alucinógeno de ação rápida que segundo Labate (2004) “possui uma semelhança estrutural com a serotonina, um importante neurotransmissor do sistema nervoso central”. Porém, a folha, ao ser ingerida sozinha (via oral), não produz nenhum efeito, já que a DMT é decomposta pela monoaminoxidase (MAO), um recaptador da serotonina, tornando-a inativa. Portanto, sua propriedade psicoativa só pode ser atingida através do uso combinado com o cipó, que contém alcalóides beta-carbolínicos, que são: a Harmina, a Harmalina e a Tetrahydroharmina.

Esses princípios ativos atuam como eficientes inibidores da monoaminoxidase, permitindo assim que a DMT tenha uma ação efetiva no organismo quando administrada via oral (Mckenna, 1991). Glaucus Brito acredita que esta seja a principal contribuição das beta-carbolinas para os efeitos da ayahuasca, pois “As quantidades de beta-carbolinas presentes numa dose regular de ayahuasca são bem abaixo do limiar de sua atividade alucinógena própria, porém acima do limiar para atividade como inibidora da MAO” (Brito in: Labate; Araújo, 2004).

A experiência provocada pela bebida inicia-se aproximadamente meia hora após a ingestão, podendo ocorrer alucinações (hipnagógicas ou não), fantasias como sonho, e sentimentos de clareza e estimulação. Náuseas passageiras e vômitos são também comuns após sua administração, sendo que quando ingerido no contexto ritual em grupo esses episódios são considerados como acontecimentos normal da experiência.

1.7 Aspectos legais

A partir do começo da década de 1980 o governo brasileiro vem estudando o uso ritualizado do chá ayahuasca. Em 1985, O *Banisteriopsis caapi*, componente básico no preparo da bebida, foi incluído na lista de substâncias proibidas pela Divisão de Medicamentos do Ministério da Saúde (DIMED). Porém, esta inclusão foi feita sem a aprovação do extinto Confen (Conselho Federal de Entorpecentes), o que causou questionamento de seitas que faziam o uso da bebida em contexto religioso.

O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal dirigiu uma petição ao CONFEN pedindo uma anulação da medida. O CONFEN, através do jurista e presidente Técio Lins e Silva, logo organizou um grupo de trabalho para estudar e tomar uma decisão sobre assunto. O estudo foi conduzido por uma equipe multidisciplinar que através de relatos e experiências vivenciadas pelos próprios pesquisadores averiguou efeitos orgânicos e sociais da bebida. O relatório final data de 26 de agosto de 1987 e exclui a ayahuasca da lista de substâncias de uso proibido no Brasil, porém a libera apenas para uso em contexto ritual.

No ano seguinte, em 1988, ocorreram denúncias sobre o uso do chá, o que fez com que o CONFEN atualizasse e revisasse o relatório anterior. Logo foram feitas novas visitas a seitas que faziam o uso da ayahuasca recolhendo depoimentos de adeptos e líderes. Segundo o Dr. Domingos Bernardo da Silva Sá, as poucas denúncias feitas a

respeito geralmente caracterizam o desconforto de pais inconformados com a opção religiosa de seus filhos.

Essa decisão foi confirmada novamente em 1992, quando foi formado outro grupo de trabalho pelo CONFEN para avaliar o caso. Em novembro do ano de 2004, o CONAD (que veio substituir o CONFEN na normatização em relação às drogas) legalizou definitivamente o uso ritual da substância (ver o relatório final no anexo A). Junto a essa decisão do CONAD, criou-se também um grupo multidisciplinar para "fazer o levantamento e o acompanhamento do uso religioso da ayahuasca e das pesquisas para sua utilização terapêutica"²⁰. Tudo isso mostra a atualidade e importância do tema a ser pesquisado.

1.8 Noção de Ritual

Para podermos estudar o uso ritualizado de uma substância psicoativa e o que é vivido pelas pessoas que fazem esse uso é fundamental pensarmos o que é um ritual, como se pode caracterizar algo como ritual ou não. Aune; Demarinis (1996), em um livro de ensaios interdisciplinares sobre o assunto, relatam a dificuldade em conceitualizar satisfatoriamente a noção de ritual. Segundo eles, depois de muita discussão entre pesquisadores do assunto em áreas diversas, ritual seria:

²⁰ Vide anexo A.

a matter of human culture, enacted by men and women, sometimes alone, more often in community. It is therefore a question of subjective experience. As we describe it, soberly, and as objectively as we can, we are describing the real experience of a real person or group of people.²¹

Pode-se perceber assim a complexidade que existe em definir o termo, pois segundo os autores, sempre que se passa por uma definição do assunto, acaba-se enfocando algum aspecto ou tipo de ritual, em detrimento de outros. (AUNE; DEMARINIS, 1996)

Buscando uma abrangência, eles conseguiram chegar na definição acima citada. Segundo eles, pode-se perceber nestas definições apenas algo muito abrangente que diz que algo de muito importante está acontecendo naquele local e naquele momento.

A noção teórica de ritual proposta por Catherine Bell está geralmente associada à ação, e em primeiro momento distancia-se dos tradicionais conceitos religiosos, como crenças, símbolos e mitos que são claramente conteúdos mentais que inspiram e promovem a idéia de ação, mas não são ações. O ritual, como ação, atua como forma de expressão ou performance ativa de tais conteúdos. Portanto, o ritual tem como objetivo diferenciar e aproximar ação de pensamento.

Shils (1968, apud Bell, 1992) argumenta que crença e ritual estão ao mesmo tempo juntos e separados, já que é concebível aceitar a crença mesmo não estando

²¹ “um assunto da cultura humana, vivido por homens e mulheres, às vezes sozinho, mas freqüentemente em comunidade. É então uma questão de experiência subjetiva. Sobriamente, como a descrevemos, e o mais objetivamente que podemos, descrevemos a experiência real de uma pessoa real ou grupo de pessoas.” (Tradução livre dos autores) AUNE, M. B.; Demarinis, V. *Religious and Social Ritual*, State University of New York, 1996, Albany, E.U.A.

relacionado a atividade do ritual. Conclui que “crenças podem existir sem rituais, mas rituais não podem existir sem crenças” (Shils, 1968, apud Bell, 1992). Porém, segundo Montagu (1969), o ritual está ligado ao cerimonialismo, que não está inevitavelmente enraigado na fé religiosa, apesar de normalmente se associar a ele. Esse cerimonialismo seria “um conjunto de observâncias formais, sancionadas, aprendidas pela observação ou preceito, que indicam uma atitude de reverência para com o sobrenatural.”²² Esse comportamento de respeito ao sobrenatural ganha o caráter de ritual ao se esperar que ele tenha o poder de trazer resultados na realidade.

Catherine Bell (1992) propõe um segundo padrão para estruturar o conceito de ritual, apontando este como um mecanismo funcional ou estrutural que reintegra a dicotomia pensamento-ação. O ritual como sendo um determinado modo de ação que caracteriza as representações do sagrado, sendo que este depende totalmente de tais representações (Bell, 1992).

²² ASHLEY, M. *Introdução à Antropologia*, Editora Cultrix, São Paulo, 1969.

CAPÍTULO 2 - MÉTODO

2.1 Universo da Amostra

Os participantes do grupo foram selecionados a partir dos seguintes critérios:

- Nível de participação e comprometimento com o grupo de trabalho, ou seja, integrantes oficialmente vinculados à instituição.

- Que tinham idade maior que dezoito anos.

Participaram voluntariamente da pesquisa cinco (5) dos freqüentadores do templo. Havíamos contatado um número maior para participar da pesquisa, porém, devido a uma reunião de última hora realizada na localidade do templo com os integrantes (os

chamados de vigilantes, que participam da organização do ritual), tivemos de realizar a atividade com esses integrantes, além da entrevista individual realizada com o Mestre do Templo, Rogério Rigoni.

2.2 Procedimento

Antes de realizar as entrevistas com os filiados ao templo, realizamos uma entrevista individual com o dirigente do templo “Mestre Yajé”, com o intuito de coletar alguns aspectos relacionados às especificidades do ritual em questão e o significado e papel do chá no ritual, pois, certamente, encontrar-se-iam vivências com conteúdos diferentes, dependendo da forma de condução e estrutura de cada ritual (essa entrevista encontra-se como anexo (anexo C), e foi utilizada para elaborar o capítulo três). Além de esclarecer sobre o significado e função do ritual, fizemos essa entrevista individual e em separado com o dirigente para que a presença e suas opiniões não influenciassem e dificultassem a livre expressão da experiência dos integrantes. Essa entrevista foi feita de forma não estruturada a fim de que ele se sentisse à vontade para falar de sua história e sua relação com o chá. Assim pudemos também observar de que forma ele iria se abrir para cada tema. Apenas enfatizamos a conversa em alguns temas que consideramos relevantes. Esses temas estão escalados no anexo A.

2.2.1 Coleta de dados: atividades em grupo

Uma das características do uso da ayahuasca é que o que é vivido no ritual e sob o efeito dela é extremamente denso e cheio de significado, conforme relata Mabit, (in: Labate; Araújo, 2004): “A qualificação das percepções vem a ser um desafio, pois pô-las em forma verbal geralmente é percebida como redutora do vivido.”²³ Essa característica peculiar da experiência acaba por dificultar a coleta de dados e a adequada compreensão do fenômeno relatado. Por isso, buscamos coletá-los de forma a minimizar a barreira criada por essa verbalização da experiência. Uma forma mais sofisticada dessa tentativa de verbalizar o vivido e o real seria a criação de conceitos, tentativa de precisar mentalmente algo percebido no real, e pode-se cair no erro de pensar que essa representação seria o real em si. Porém, conforme exposto por Heidegger,

Há coisas no pensamento onde o conceito não apenas falha, mas onde ele nem tem lugar. (...) É possível que eu pense de maneira correta justamente quando me ocupo de coisas que não admitem uma definição conceitual, quando me ocupo de coisas, pois, que recusam qualquer compreensão conceitual (...), qualquer coisa a que eu só posso

²³ MABIT, Jacques, “*Produção visionária da ayahuasca no contexto dos curandeiros da Alta Amazônia Peruana*”, IN: LABATE E SENA ARAÚJO (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2002, p. 159.

aludir. Esses tipos de coisas só podem ser "vistas" ou "não vistas" em sentido "figurado". "Só" podemos indicá-las, aludir a elas.²⁴

Sabemos também que o conhecimento se dá através da linguagem, logo, ao ter como propósito do trabalho acadêmico a geração de conhecimento, não temos como fugir disso, de colocar a experiência em palavras e trabalhar com conceitos. Portanto, estruturamos a metodologia da presente pesquisa de forma a tornar mais espontânea a expressão verbal sobre a vivência, por meio da expressão artística. Heidegger (2001) diz ainda que a forma não-conceitual de perceber as coisas não só precede a formação de conceito, como essa experiência a alicerça, fundamenta-a. Para buscar a significação dessa experiência de forma não-verbal, pedimos aos sujeitos da pesquisa que expressassem em um material de sua escolha dentre uma gama de materiais disponíveis, a forma como eles percebiam naquele momento sua vivência com o chá. O intuito foi fazer com que o sujeito objetivasse de alguma forma sua vivência real com a ayahuasca. Segundo Dulce Mara Critelli, o real objetivado apresenta uma gama de signos, onde cada um contém parte da

...complexidade e significação da trama a que pertence, revelando as relações que entre eles se mantêm. Cada signo contém em si o registro, a conservação e a sinalização de um certo modo de se habitar o mundo²⁵.

²⁴ HEIDEGGER, Martin, Org: BOSS, Medard, *Seminários de Zollikon*, São Paulo, EDUC Petrópolis, Vozes, 2001. Pp. 157-158.

²⁵ CRITELLI, D. M. *Analítica do Sentido: uma tentativa de aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*, São EDUC, 1996. p. 119.

Portanto, além de a experiência artística ter o objetivo de facilitar o contato com cada vivência e a expressão desta, serve como um registro de signos e significados que juntos completam o conteúdo verbal dos sujeitos. Configura-se então como um instrumento rico para auxiliar a compreensão na análise de dados.

O primeiro contato com os sujeitos aconteceu no dia da entrevista com o mestre, que foi realizada na semana anterior ao trabalho com o grupo.

Assim, num local reservado no templo, onde acontece a socialização em volta da fogueira depois dos trabalhos com o chá, reunimos o grupo pesquisado e iniciamos as atividades com um exercício de apresentação individual, dizendo seu nome, idade, um pouco sobre si além de um breve histórico sobre sua relação com a ayahuasca. Não consideramos que este tenha sido o local mais adequado para a realização do trabalho, devido a grande circulação de pessoas em volta, o que pode ter dificultado a introspecção dos sujeitos. Isso aconteceu, pois o templo, local que iríamos utilizar, precisou ser usado de última hora para uma reunião dos organizadores do ritual. Compreendemos isso, e, de qualquer modo, o trabalho realizado não se mostrou tão prejudicado por esse fato quanto havíamos imaginado.

Posteriormente realizamos uma atividade de fantasia dirigida²⁶ para que cada participante da pesquisa começasse a entrar em contato com sua relação com o chá. Consideramos esse trabalho importante, pois visa estimular uma relação mais autêntica com a sua experiência, e que a partir desse contato mais trabalhado a pessoa esteja com esta mais presente e possa falar de sua relação com a bebida. Pensamos que assim surgiria uma expressão e discussões mais ricas no grupo.

²⁶ Atividade de concentração em que as pessoas ficam de olhos fechados e tem seus pensamentos dirigidos pela fala do terapeuta, prática advinda da terapia de grupos e Gestalt-terapia.

A fantasia dirigida, baseada em uma proposta de atividade enfocando a consciência do livro *Tornar-se Presente* (Stevens, 1988), foi a seguinte:

Pegue esse momento agora para prestar atenção àquilo que você agora tem presente na consciência.... Tente ser somente um observador de sua consciência e veja para onde ela vai..... Diga à si mesmo: “Agora tenho presente(...)” e complete essa frase com o que você estiver pensando no momento. Observe se é algo fora, dentro de si, uma fantasia... Para onde vai a sua atenção?(...)

Você está na maior parte do tempo consciente de coisas fora do corpo, ou de sensações dentro de sua pele?(...) continue vivenciando a sua consciência e imagine sua consciência como se fosse um farol. Aquilo em que esse farol focaliza está claro, mas outras coisas tendem a sumir(...) Se peço que preste atenção àquilo que ouve, você provavelmente ouvirá minha voz, diferentes sons, ou ruídos(...) Enquanto você faz isso, terá, na maioria das vezes, quase que esquecido das sensações da mão direita(...) Quando menciono as mãos, sua atenção se move para lá, e você se conscientiza das sensações nela(...) Quando sua atenção se transporta para lá, sua consciência dos sons vai desaparecendo(...) sua consciência pode mudar de uma coisa para outra rapidamente, mas você só pode estar totalmente consciente do que estiver em foco no momento(...) Dedique algum tempo para tornar mais consciente o que você focaliza na sua consciência, e o que surge no foco dela(...)

Agora observe que tipos de coisas ou eventos surgem nesse foco. De todas as milhares de experiências possíveis nesse momento, só algumas vão emergir a sua consciência. Preste atenção nelas. Há um processo seletivo que dirige a sua atenção a

certos tipos de coisas, que são de certa forma relevantes para você, tendendo a ignorar outras(...)

Agora tente dizer a si mesmo, “eu estou escolhendo ter consciência de...” e termine a frase com aquilo que você tiver presente no momento....

Memorize o que o foco de sua consciência destacou...

Agora que está em contato com seu próprio corpo e com o foco de sua consciência, foque sua experiência com a ayahuasca e o papel dela para você, na sua vida(...) Entre em contato consigo mesmo, vá mexendo as extremidades, respire fundo, abra lentamente os olhos. Observe que à sua frente existem alguns materiais... Use-os livremente para tentar expressar e entrar mais ainda em contato com sua relação com ayahuasca e qual o papel dela para você.

Oferecemos materiais gráficos e deixamos que eles trabalhassem livremente por cerca de 30 minutos. Através dessa forma não conceitual de expressar a vivência, tivemos como objetivo fazer com que se aprofundassem nela, para que depois a discutissem. Escolhemos os materiais de modo que os participantes tivessem uma grande variedade de opções para desenvolver o trabalho.

Depois disso pedimos para que cada um falasse sobre o que criou, gerando uma discussão em grupo sobre as experiências expressas. Através da entrevista em grupo visamos atingir dois objetivos que devemos levar em conta. O primeiro objetivo foi o de conseguir uma maior riqueza nas respostas com mais detalhamento. Pensamos que o indivíduo, ao ouvir as opiniões dos membros do grupo, pudesse se mobilizar e lembrar de certas dimensões de sua vivência, da qual não se lembraria espontaneamente. Outro

objetivo foi o de conseguir fazer com que existisse uma formulação e construção coletiva do assunto em pauta. Isso deve ser levado em conta, pois um dos elementos ontológicos do homem (ser-no-mundo) e constituinte do movimento de realização deste (ou seja, de construção do real) é o de ser-com-os-outros. Este processo de realização tem vários elementos, mas ao fazermos uma entrevista em grupo o elemento que visamos é o testemunho, no qual a representação ganha uma espécie de consolidação necessária ao homem para se apropriar dela, possibilitando a objetivação da experiência através da fala aos outros do grupo. Conforme diz Critelli (1996):

O desvelado e expresso (revelado) tem que ser visto e ouvido por outros, tem que ser testemunhado para ganhar uma espécie de consolidação.²⁷

Outra característica do testemunho é que a pessoa que testemunha não apenas recebe e confirma o revelado, pois se assim acontecesse o homem não necessitaria da testemunha, pois já conteria em si mesmo o que necessita. O homem ao procurar quem o testemunhe, procura uma segunda opinião, uma outra face do revelado.

²⁷ CRITELLI, M. D. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo, EDUC-Brasiliense, 1996. p. 77

O outro com quem alguém fala sobre algo não é um mero receptor de uma mensagem, mas seu co-elaborador. Isto é, ele é elemento constituinte da possibilidade desse algo se mostrar.²⁸

Depois de transcrever e analisar o material coletado foi feita uma devolutiva com cada participante da pesquisa sozinho.

2.3 Materiais para o trabalho manual

Materiais gráficos: papel A3, argila, giz de cera, lápis de cor, cola, guache, tesoura, lantejoulas, purpurina, aquarela, borrachas, lápis preto, pincéis. Além do material gráfico, utilizou-se também microfones, para captação da discussão, e máquina fotográfica (registros de imagem).

²⁸ Idem. p. 78

CAPÍTULO 3 - O TEMPLO DO MESTRE YAJÉ

Para construir essa parte do trabalho sobre o templo, seu ritual e intuito, fizemos uma entrevista com o dirigente do templo, o Mestre Rogério Rigoni²⁹.



Figura 1: Frente do Templo

3.1 História e objetivos do trabalho com a ayahuasca

A história do Templo está intimamente ligada à história do Mestre Rogério com o uso da ayahuasca. Há mais de 10 anos, ele e sua mulher, Ana, vêm bebendo o chá em outras religiões ayahuasqueiras. Segundo ele:

²⁹ Essa entrevista ocorreu no dia 10 de abril de 2005, no sítio Natureza Divina, em Mogi das Cruzes, onde se localiza o Templo do Mestre Yajé. A entrevista aconteceu de forma não estruturada, numa conversa sobre os temas que definimos ser importantes para uma melhor compreensão do ritual e do que é experienciado nele. Essa entrevista foi gravada e transcrita, e se encontra em anexo (ver anexo C).

Até então tinha conhecido o vegetal, o daime, mas a Ayahuasca³⁰ a gente veio conhecer bem mais na frente... já no ano de 1999, em um período que eu morava em Rondônia e trabalhava lá e a gente teve contato com uma comunidade indígena...³¹

Rogério usa o termo Ayahuasca ao se referir à sua religião, com a qual entrou em contato em 1999. Através de sua relação de amizade com os Suruí (tribo do estado de Rondônia a que se refere na citação) passou a conhecer a Ayahuasca. Ele diferencia o chá da ayahuasca, de sua comunidade, ao dos outros, como Daime ou Vegetal, como será explicitado mais adiante.

Já no ano seguinte, em 2000, disse ter havido uma “*chamada espiritual para vim para São Paulo construir um templo*”. Apesar de não ser “filial” de alguma matriz, Rogério não considera que esse tenha sido o ano de fundação de sua religião. Diz que:

a Ayahuasca existe há milhares e milhares de anos... nós não criamos nada, só a instituição, o Centro Espírita Beneficente Natureza Divina, e o Centro Espírita, ele muda, ele é mutável

Assim, foi nesse ano que nasceu o *Centro Espírita Beneficente Natureza Divina*, nome oficial do Templo, com uma casa de feitiço em Rondônia, hoje com cerca de 120 membros filiados.

³⁰ Como o mestre chama de ayahuasca tanto o próprio chá como o trabalho realizado por ele com a substância, vamos deixar em minúscula quando for o primeiro caso, e com a primeira letra em maiúscula ao tratar do seu próprio trabalho.

³¹ Todas as citações, salvo o contrário, são da entrevista com Rogério, na íntegra, em anexo (anexo C).

Porém, a intenção do templo não é a formação de sócios:

(...) a finalidade dele não é formação de sócios, é que a pessoa se corrija de alguns vícios, consiga se equilibrar e se firmar e daí dar seqüência à vida dela. (...) a finalidade da instituição é que as pessoas, independente do credo delas, consigam se equilibrar e se firmar dentro da luz divina da ayahuasca e daí por diante dar seqüência na vida mais fortalecidas. Essa é a finalidade do centro.

Rogério veio para o sudeste para trazer a Ayahuasca para a região, e pretende voltar para o norte depois que tiver um trabalho consolidado em algumas cidades, como Suzano, Sorocaba, e outras.

Conforme visto acima, ele diferencia o seu chá dos do Santo Daime e da União do Vegetal, falando que o que define o chá não é apenas a combinação das mesmas duas plantas, mas múltiplos fatores.

a diferença já se inicia com a pessoa que vai preparar o chá, com a intuição dela, com a invocação que ela está fazendo. E passa por um processo na feitura do chá de cozimento da água, do tipo de jagube, do tipo de rainha, tempo de cozimento, tempo de apuro, e tudo isso tem uma invocação

De acordo com o Mestre, além do processo de feitura do chá, a intuição e vocação da pessoa que prepara o chá fazem com que ele se ligue a certo conteúdo espiritual, que vai variar o que ele é (variando também o nome que é chamado) e o seu efeito.

essa invocação é a egrégora que vai manter viva a energia espiritual daquele chá, manter presente. E o Daime tem a egrégora deles, o Vegetal tem a egrégora deles, a Barquinha tem a egrégora deles, e a Ayahuasca tem a egrégora dela. Portanto, não são iguais.

O termo egrégora é muito usado no universo ayahuasqueiro, e segundo Labate (2004) “*representa linhagens ou escolas espirituais. Contém, em primeiro lugar, uma dimensão social*”³². Ainda segundo a autora, o termo ressalta não a diferença, mas essa convivência com a alteridade, uma aceitação implícita dessa diferença, de alguma forma. Isso é algo que está muito presente no discurso do dirigente do templo.

Nesse relacionamento com as outras egrégoras é que se tem uma das características do Templo do Mestre Yajé mais ressaltadas por Rogério. Segundo ele:

Se você pega a Ayahuasca, ela abre um espaço enorme para várias religiões e vários mestres, para que as pessoas, independente da religião que tem, possam usufruir o máximo da Ayahuasca e que o mestre delas que venham falar com elas, não seja embutido um mestre à força.

³² LABATE, B. *A Reinvenção do uso da Ayahuasca nos centros urbanos*, Mercado de Letras, 2004, Campinas, p. 196.

A principal característica da egrégora da Ayahuasca é que ela abre espaço para todas as outras egrégoras se manifestarem. Ela é eclética. Essa abertura é comandada pelo mestre da Ayahuasca, o Mestre Yajé.

Segundo o dirigente, a liberdade está intrinsecamente ligada à religião, e a ayahuasca traz esse livre-arbítrio para que a pessoa possa escolher se soltar do que a prende:

É o comando da egrégora da Ayahuasca que mantém aberta essa liberdade. Vamos dizer que é ele que ensina a pessoa a soltar o grilhão, é ele que mostra o caminho. Para a pessoa soltar a grilhão... O grilhão é ela que solta. (...)Só você se prende, só você se solta.

A ayahuasca traz a liberdade para a pessoa ao elevar seu grau de entendimento sobre as coisas:

Então conforme a pessoa vai bebendo a ayahuasca, e vai compreendendo melhor isso, vai se soltando, vai percebendo que algumas coisas foram criadas com a finalidade exclusiva de aprisionar o espírito e a matéria da pessoa, dentro daquela seita e daquela religião...

O intuito da Ayahuasca seria então fazer “*com que o individuo pense mais, raciocine mais, utilize mais... a inteligência*”. O trabalho se caracteriza como sendo mais mental. Essa liberdade faz com que a pessoa seja “*o pastor de si mesmo*”, e possa

“Adquirir consciência de que você tem inteligência o suficiente para discernir o bem do mal.” Trabalha assim com a dualidade.

Bebendo ayahuasca, o homem vai se libertando desses valores que estão oprimindo-o, e entra em contato com seu Deus interior³³, exteriorizando-o. Para ele, a última libertação seria a da própria ayahuasca, *“que num grau mais alto de compreensão, também é uma muleta”*.

Entrar em contato com o Deus interior é algo positivo para o indivíduo:

porque esse Deus interno desperta virtudes... a virtude da tolerância, da paciência... da humildade, do bem querer às pessoas... tira a intolerância do indivíduo, a intolerância da fé principalmente... passa a enxergar os outros irmãos como iguais, não diferentes... retira os preconceitos raciais, sociais.... e isso é gradativo, doloroso, por isso que ayahuasca dói. ayahuasca dói! Não tem uma pessoa que não sinta uma dor dentro do trabalho da Ayahuasca porque dói. É como se tivesse tirando um tumor da pessoa...

Assim, ao mesmo tempo em que a Ayahuasca traz pontos positivos, como o despertar das virtudes, é doloroso, mas essa dor deve ser aceita:

Eu que estou há anos sei que não é o caminho mais fácil. Mas tenho certeza que é o caminho... um dos caminhos mais sedimentados que conheci, mais fortes que conheci...

³³ esse seria o Deus absoluto, que também está dentro de cada pessoa.

Essa dor, esse sofrimento que muitas vezes vem ao se usar a ayahuasca faz parte da pessoa, pois, segundo Rogério:

são resquícios dela mesma, eu enxerguei algumas coisas terríveis, sim, mas elas estão dentro de você, a ayahuasca não tem coisas terríveis. O terrível está dentro de você. Ela só acessou isso, ela abriu o despertar da consciência, e você abriu o armário. E lá estavam esses monstros. Agora, tem que haver um trabalho pra retirar esses monstros. E geralmente são monstros que você colocou aí dentro.(...) E quanto mais ela luta pra não ver aquilo, mais ela sofre. Quanto mais luta. Quando há a aceitação, fala “bom, então eu entendi isso aqui, tá acontecendo isso e isso, e é preciso que tome algumas atitudes.” Pronto, cessa o sofrimento.

Assim, ao mesmo tempo em que a Ayahuasca traz, junto com esse contato com seu divino interno certa dor e sofrimento, estas são também coisas que já estavam dentro do indivíduo. De certo modo a ayahuasca apenas as “revela”. Ele considera também necessário esse sofrimento, pois leva a tomar decisões, à evolução.

Diante do que é revelado à pessoa, do mesmo modo que teve a liberdade para deixar entrar, pode aceitar e corrigir a imperfeição.

Depois de explicitar essa função e funcionamento do chá, o mestre do templo justifica que tudo isso que foi falado é questão de fé, que não tem explicação científica que comprove esses aspectos:

É o mistério da fé. Aí não tem como discutir, não tem como debater isso. Ou você acredita que aquilo faz parte de um contexto espiritual, ou você acredita que aquilo faz parte de um contexto científico, determinado por substâncias químicas. Ou um ou outro. Ou você pula num barco, ou você pula num outro barco.... nos dois, nos dois barcos não tem jeito...se colocar um pé num barco outro no outro, rasga as pernas, porque não tem como andar nos dois barcos ao mesmo tempo.

Relacionado a isso parece estar a dificuldade de se explicar a experiência com a ayahuasca: *“No fundo, é... Só bebendo ayahuasca para entender isso”*. Isso se dá também devido à impossibilidade em relatar uma experiência: *“Então não tem como explicar alguma coisa que só você saboreou, só você sentiu”*.

3.2 Aspectos Rituais

Como a instituição está relacionada a algo que existe há milhares e milhares de anos, de certo modo o ritual e a estrutura do templo são mutáveis:

Porque ele é composto de prédio, de madeira, de cadeiras, enfim, de simbologias, e ele é mutável, é cíclico, não é estático, pode mudar a qualquer momento.

Assim a instituição está aberta, para mudar de acordo com o que o “ambiente” pede. Em São Paulo se tem o uso de cadeiras, diferente do que acontece em Rondônia. Da mesma forma, segundo o Mestre:

nosso ritual é eclético, você vai ouvir músicas que falam sobre o cristianismo, ouvir músicas que falam sobre o budismo(...) enfim, sobre diversas religiões....

Ao vir para perto de São Paulo, o ritual se estrutura da seguinte forma: todos ficam sentados em cadeiras confortáveis, voltadas para a mesa em forma de meia lua, local onde se sentam o mestre e dois discípulos ao seu lado. Atrás da mesa ficam alguns símbolos, como um sol, uma lua e uma estrela, e uma cruz, tudo dentro de um triângulo. Essa cruz está no altar apenas por certo período de tempo:

Hoje, por exemplo, tem a simbologia de uma cruz, vazada no centro, uma cruz sem Cristo, mostrando a ressurreição de Cristo... O Cristo sem o sofrimento da cruz... Ele dentro do próprio indivíduo, e não na cruz... Hoje a simbologia é essa, mas nem sempre foi essa... Há três anos atrás era outra... Ela se recicla a cada três anos... Cada três anos é colocada uma nova simbologia dentro da igreja, e ela passa a representar todas as religiões...

Este aspecto simbólico parece estar profundamente relacionado à idéia de abertura para as egrégoras.

O ritual começa com todos sendo servidos de ayahuasca pelo mestre em sua mesa. Depois que todos foram servidos, todos falam a frase “Deus nos guie” e bebem junto o chá. Passam algumas dezenas de minutos com músicas tocando, e todos em silêncio. Certo momento o mestre faz um canto de abertura, pedindo permissão para iniciar os trabalhos com a bebida.

A partir desse momento até o fim da sessão variam-se músicas gravadas, ensinamentos falados pelo mestre e perguntas feitas pelas pessoas, que por ele são respondidas, além de cantos chamados de “Pedidos de mensageiros”, que são proferidos pelo mestre ou alguns de seus discípulos. Transcorridas cerca de duas horas após o início da sessão, é permitido repetir a dose da bebida, para os que quiserem. Ele termina a sessão com um canto bem parecido com o que abriu os trabalhos, e todos se cumprimentam e existe então um momento de confraternização. Os que ainda sentirem necessidade podem continuar dentro de templo, até acabar o “trabalho” interno da pessoa, nome que se dá ao momento do uso do chá.

Segundo Rogério, *“o ritual sentado, a pessoa em silêncio, facilita a concentração dela, para que ela possa absorver tudo o que existe de melhor dentro da ayahuasca...”*.

A não ser por essas características acima, o ritual acontece de forma diferente em cada sessão, apesar de sempre se ter alguns pontos definidos. Na sessão de novato³⁴, a finalidade *“é que a pessoa tenha o contato com o chá, com a ayahuasca e dentro dela*

³⁴ Sessão de novato são aquelas abertas para pessoas que nunca participaram do ritual, definidas pelo mestre como mais suaves.

possa despertar o divino... Não tem [correção], e se existir, é muito pouca correção”. Já na sessão para filiados, chamada de sessão de escala e que acontece nos primeiros e terceiros sábados do mês, “já está o espírito desperto e, portanto, pode-se mostrar as imperfeições que existem no espírito e o que ele deve corrigir... E o que ele pode corrigir...”.

Além dessas,

o templo também tem sessão festiva, que está intimamente ligada ao calendário festivo do centro, algumas datas festivas do centro; tem sessões orientativas, tem sessões apenas para o quadro de vigilantes.

Tirando os aspectos centrais, que são os objetivos de cada ritual citados acima, o resto do ritual depende muito da sessão:

depende muito da sessão, de como é o ritual, as músicas que são colocadas, são os pedidos de mensageiros que são colocados, então cada sessão, apesar de existir pontos pré-definidos do que vai ser feito, muita coisa é dentro da própria sessão. Por exemplo, uma pessoa lança uma pergunta, dentro daquela pergunta abre um leque enorme de interpretações, de cada um, dentro da compreensão de cada um, e a ayahuasca põe a maneira de ver da ayahuasca, e a pessoa examina e confronta com aquilo que ela pensa, e aí, examina...

É nessa estrutura de diálogo, de demanda e relação com o mestre, que o ritual vai se construindo. O papel do mestre seria de fazer a ligação entre a entidade que comanda a egrégora, o Mestre Yajé, e os participantes da sessão. Segundo ele:

Na Ayahuasca é mais ou menos assim, você aprende com o mestre Yajé. Ele ensina, algumas coisas ficam muito bem sedimentadas no banco de memória, outras ficam mais ou menos, porque é um conhecimento muito grande. E aí, quando surge algum questionamento dentro da sessão, acesso o contexto. Eu acesso o contexto. E o restante é o mestre que traz. Se eu não tiver o conhecimento pleno daquilo ali, o mestre traz o restante. Eu só acesso o contexto, o contexto geral, vamos dizer assim, a essência da coisa. Dali pra frente se eu for me perder, ele dá seguimento.

Ele pode assumir esse papel no ritual por ter mais tempo de vivência com o chá, e assim, um relacionamento mais íntimo com o Mestre Yajé.

3.3 Vida, Morte e Evolução

De acordo com o mestre, a morte física e a vida fazem parte do ciclo da natureza, e que a “linha de separação” é algo muito tênue.

Morte é tudo aquilo que não está vivo. Vivo é tudo aquilo que não está morto."... "Morre uma árvore dessas, cai, e se transforma em um adubo para que possa fornecer substância para que outra planta consiga sobreviver nesse solo, e viver de novo, e assim por diante, é cíclico.

Já a morte espiritual, o mestre deixa claro que não acredita que exista, pois se considerasse esta morte como verdadeira e considerando que o homem é parte do Deus eterno, a morte do homem "representaria" a morte de Deus.

... Se eu acreditar na morte do espírito, eu não acredito que Deus é eterno... e se eu acredito que sou uma parte de Deus, se eu morro, portanto Deus morre também....

O mestre acredita que o processo evolutivo do Espírito não finda com a morte e que o espírito não só pode como deve reencarnar.

processo reencarnacionista é perfeitamente plausível e é justamente o que acontece no processo evolucionista de cada ser.

Ele relata ainda que o ser só não reencarna neste plano quando não houver mais necessidade de evoluir neste plano, mas sim em outro.

O mestre acredita que nosso planeta nunca vai acabar enquanto houver necessidade espiritual de que ele exista. Essa necessidade seria o nosso próprio processo de evolução.

Quando não houver necessidade mais da Terra, do plano espiritual, houver essa necessidade ela vai tá aqui, porque faz parte do nosso processo de evolução.

De acordo com ele, as plantas são uma forma de energia e que a ayahuasca é uma demonstração de um tipo de energia. Fala ainda que existe energia em tudo o que nos circunda e em nós mesmos.

Essa energia tá presente na terra o tempo todo, tá presente entre nós, tá interagindo conosco.

O mestre relata ainda que os animais são espécies de consciências coletivas que variam de acordo com a sua espécie. Ele diz que por sermos seres de consciência devemos aprender com esses animais e vegetais aproveitando sua energia.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Descrição dos sujeitos da pesquisa

O grupo de sujeitos foi formado por cinco participantes acima de 18 anos, que apresentaram interesse, disponibilidade e comprometimento para a participação de todas as etapas da pesquisa. O único critério de seleção foi o grau de participação e comprometimento com os objetivos do templo do mestre Yajé. Afinal, o objetivo desta pesquisa é tão somente aproximar-se da compreensão do sentido, da relação que as pessoas estabelecem com o uso ritual da ayahuasca.

Como não tínhamos a intenção de igualar o grupo em questão de gênero, o grupo foi aleatoriamente formado por quatro pessoas do sexo masculino e uma do sexo feminino.

Desse modo, o grupo de sujeitos constituiu-se da seguinte forma:

- Sujeito 1: Estudante de administração de empresa com 20 anos que frequenta o templo há alguns meses. Identificou-se bastante com os trabalhos do Santo Daime, mas considera a Ayahuasca mais interessante pela liberdade que esta o proporciona.



Figura 2: Produção do sujeito 1

- Sujeito 2: Estudante de Letras com 20 anos que frequenta o templo desde janeiro. Este sujeito já participou de trabalhos no Santo

Daime, porém identificou-se apenas com o trabalho proposto no templo do Mestre Yajé.

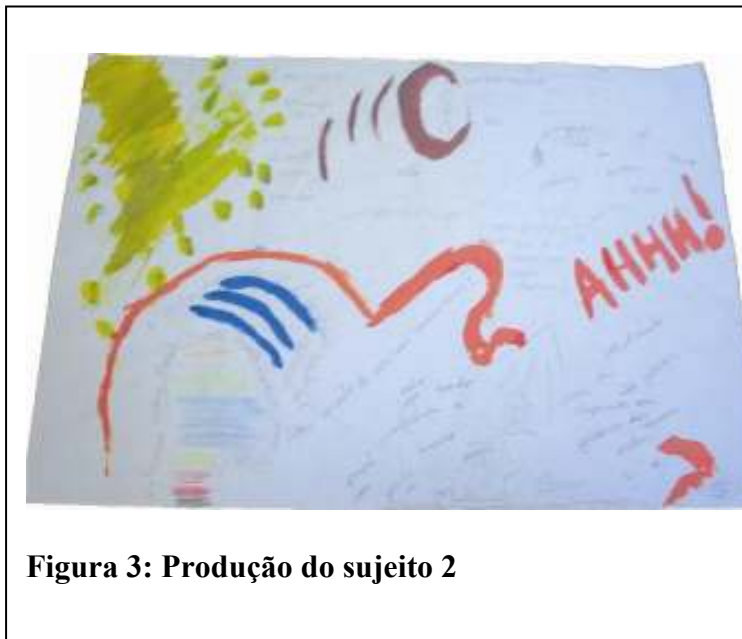


Figura 3: Produção do sujeito 2

- Sujeito 3: Professor de artes plásticas /educador em um dos CEUs em São Paulo, com idade de 46 anos. Desde janeiro vêm participando assiduamente das sessões no Templo, e antes por dois anos participou

algumas vezes de trabalhos no Santo Daime.



Figura 4: Produção do Sujeito 3

- Sujeito 4: Fotógrafo e estudante de fotografia de 19 anos que frequenta o templo há 9 meses e conhece apenas as sessões da Ayahuasca no templo do Mestre Yajé.

- Sujeito 5: Atriz e pesquisadora de teatro, com 23 anos, que frequenta a instituição há alguns meses. Conheceu o Santo Daime em Belém do Pará, onde morava, mas não se adaptou ao culto religioso ali proposto.

4.2 Tentativa de compreensão

Neste capítulo pretendemos fazer uma análise qualitativa dos relatos dos sujeitos sobre os trabalhos produzidos com o material gráfico (todos escolheram trabalhar com o papel, tintas e lápis de cor), e o que ele tentou expressar de sua relação com a ayahuasca. Entendemos análise como uma tentativa de ver o que foi falado, e como isso foi falado,



Figura 5: Produção do Sujeito 4

qual o sentido dado ao que é relatado. Esse material foi lido algumas vezes e tentou-se ver o que estava sendo falado ali, e dividido em temas criados também a partir dos relatos. Como os relatos seguem um certo pensamento do momento do sujeito, e por falar de uma obra apenas, consideramos problemático fazer essa divisão em temas, mas para se trabalhar com os dados isso foi necessário, apesar de difícil. No capítulo posterior vamos mostrar possíveis relações dos elementos que pudemos observar com a noção heideggeriana de modo próprio ou impróprio de ser.



4.2.1 Sensibilidade

Um dos temas mais citados pelos sujeitos em relação à influência da ayahuasca em suas vidas é a noção de que ela desenvolve a sensibilidade do sujeito em relação ao mundo. Porém, cada um deles dá um sentido para essa sensibilização. Para o sujeito 1, por exemplo, como ele fala abaixo:

S1: Hoje eu já tinha falado sobre sensibilidade e lá eu senti isso daí, uma comunicação que você faz com a natureza sem... Sem falar com ela, você não fala com ela, você se

comunica, mas não se fala...”(...)“ E a ayahuasca ajuda muito também nessa parte da sensibilidade. Você está no ambiente...

Podemos perceber no discurso dele que a sensibilidade, algo que a ayahuasca o ajuda muito a ter, é poder se perceber, se sentir no ambiente. Essa forma de sentir o ambiente aparece também como uma forma de diálogo, de relação com ele.

Já no sujeito 2, essa sensibilidade trazida pela ayahuasca aparece de forma conflituosa (conforme podemos ver no item Conflitos/Dualidades mais abaixo), e traz assim pontos positivos e ao mesmo tempo negativos para sua vida. Como diz S2:

S2: (...) Eu escrevo poesia o dia inteiro; e eu escrevia poesia mais pela estética, pela parte formal... E depois que eu aprendi como se sente algo, flui mais fácil... Porque poesia é sentimento... Misturado com forma, estética, e padrões. Então fluiu, assim, pra minha área, melhor, depois que eu comecei a beber ayahuasca...

Nesta fala ele relaciona beber ayahuasca a um melhor sentir, e esse sentir está ligado a uma melhor expressão artística através de seus poemas. Nas poesias ele trabalha o que percebe pelas suas sensações, expressando-as organizadamente em um padrão estético. Ao mesmo tempo em que a sensibilidade facilitou-o a escrever poesia, por integrar o que sente em uma expressão formal, por outro lado está presente de modo conflituoso em seu cotidiano, como se pode ver na terceira frase do sujeito no item “Conflitos/Dualidades”. Isso dificultou sua sociabilização, como ele fala abaixo:

S2: Dificultou a minha sociabilização, com certeza. Eu entro em um ônibus, assim, e eu olho para as pessoas e penso “Será que elas estão percebendo que eu fui reduzido a um verme?” (...) Porque foi uma das sensações que eu tive, eu fui reduzido a um verme, não foi nem a um nada, foi a verme, desceu, assim...

Já para o sujeito 4, a ayahuasca aguça sua sensibilidade, ajudando a perceber o que no mundo está fazendo bem para ele ou não. Ele relata um exemplo de como isso pode acontecer nas suas relações com outras pessoas:

S4: Às vezes uma pessoa.. A pessoa senta num lugar, você sente toda aquela energia... Aí você fala: “Se eu ficar aqui essa energia vai entrar em mim...” Eu ainda não tenho ainda a capacidade de filtrar ela... Então já (fazendo movimento com a mão) sai.... É essa sensibilidade... É essa sensibilidade, que a ayahuasca está me aguçando...

O S4 percebe que essa sensibilidade “mais aguçada” ajuda-o no seu aprendizado e no seu cotidiano.

A questão da sensibilidade está presente também no relato do sujeito 5, que fala de uma percepção que não acontece pelos sentidos normais, e que não acontece no cotidiano.

S4: (...) e tendo essa expansão da consciência, porque embora eu tenha feito aqui os dois olhos, mas, dentro de um todo desse círculo aqui....

Na verdade é o terceiro olho. Que age quando a gente tá fazendo nosso trabalho... (...) É a percepção que a gente não tem no cotidiano.

4.2.2 Sentir-se parte

S1: fazer parte dele, como um ser realmente vivo que faz parte da vida no planeta, no universo.

Nessa parte percebemos o sentimento de fazer parte do todo. O sujeito 1 fala desse aspecto que melhora na sensibilidade, uma parte importante que tem um sentido no mundo, na vida do planeta.

S1: (...)Essa energia aqui, ela se movimentava mais ou menos... E ela ia em tal direção, e quando eu viajei para lá eu senti que mais ou menos eu cheguei no mesmo lugar que ela queria me falar... Para mim estar lá. Eu sei.

Percebemos nesse relato uma certa tranquilidade pelo sujeito, ao sentir que está no lugar em que deveria estar.

Uma característica peculiar do trabalho do sujeito 3 é o modo dele falar da sua experiência com a ayahuasca. Ele não apenas relata o que foi produzido, mas ainda parece estar em processo de construção. Ao mesmo tempo em que fala sobre o que fez e

como fez, está construindo o que é o trabalho, e falando de suas imagens no trabalho com a ayahuasca, servindo realmente de ponte entre a experiência expressa e a expressão verbal.

No caso do sujeito 3, esse sentimento de fazer parte está ligado à convivência com os outros indivíduos, a uma idéia de comunidade

S3: (...)num determinado momento da sessão, quando eu tava aprendendo a abrir o olho, ficava muito com o olho fechado, mergulhado, nesse momento eu percebo um grande cabeção, todo mundo formava um grande cabeção, todas as cabecinhas formavam um grande cabeção e eu tava lá, tinha rompido esses limites do corpo e tava junto nesse cabeção. Então, um vomitava lá, era um tanto de mim que tava vomitando, quem vinha tomar a segunda dose, amargava a boca também, um choro, um espirro, umas palavras, as perguntas, muitas das perguntas nesse cabeção, é como se eu fosse procurar numa biblioteca, fosse procurar esses arquivos e tá essa pergunta, que essa voz, esse ser que tá plasmado comigo que tá trazendo essa questão, isso é meu também.

Nessa parte do relato podemos perceber como o que é vivido e feito por cada uma das pessoas que estão no ritual, é compartilhado por todos e faz parte de todos. Isso cria um sentimento de união, conforme o relato abaixo:

S3: sou uma cabeça afundada, um cabeção afundado, quase meio afogado, com um monte de companheiros juntos, de certa maneira sofrendo, né, entre aspas... num sufoco, né?

Aqui percebemos como se o compartilhamento do sofrimento mostrasse que estão todos juntos, na mesma situação. Essa união ao se compartilhar sentimentos faz com que todos juntos vão avançando, conseguindo superar os problemas:

S3: Caminhando com o trabalho, né, vem essa estrutura de cabeção, vaso comunicante... meio de... parece que a gente se junta, né.. pequenas coisas... As ajudas de palavras de orientação, né, do mestre sempre que... ajuda... músicas que vem trazendo... daí vai.. né.. ter condição de eu caminhar nesse eixo... eu vou conseguir, né.. galgar outras estruturas...

É dentro dessa união que ele consegue entrar no eixo, estar nessa comunhão dá a segurança de que vai conseguir e ajuda-o nisso. A idéia do eixo está no começo de sua fala, quando fala como a *“ayahuasca, eu acho que leva... te joga num turbilhão e te estica e te afunda, ... de primeira me afunda”*. Para sair desse fundo, é preciso encontrar o eixo e subir, se elevar como pessoa.

Nessa idéia de eixo, encontra-se também uma união do sujeito com o mundo, que vê *“ o eixo que está no corpo! Eu olho fora do corpo, e vê esse eixo também...”*, apresentando os dois (sujeito e mundo) com as mesmas características.

S3: E essa questão de elevação e te levar lá pra baixo,..., é... Tem que cavar bem fundo, e depois assumir um eixo, pra depois se elevar, caminhar, conhecer outras camadas, elevar, nas coisas que estão aqui também

Essa comunhão em forma de “cabeção” que o indivíduo vive também está ligada a como se forma a identidade:

S3: A identidade pessoal, a minha identidade, a identidade de cada um... Tem que se formar junto... É essa a sensação... Se forma junto... Ela nasce junto, e eu vejo as pessoas, vai, dentro desse cabeção... Não vejo pessoas, vejo as sensações, as emoções, as dificuldades, sabe, os sonhos... A imagem.. Como se estivesse todo mundo dentro de uma embarcação que afundou, né, lá embaixo....

Nessa parte do seu relato, podemos perceber como a identidade de cada um para ele desaparece, ele não as vê, e ficam todos mesclados apenas nos sentimentos e pensamentos, todos no mesmo barco.

Podemos perceber também o sentido de sentir-se parte do mundo no relato do sujeito 5. Isso está bem presente em seu relato:

S5: O mestre sempre fala que essa é uma religião de culto à natureza... Então eu me sinto muito, muito, muito, intimamente ligada aos elementos da natureza... É... Tanto do reino vegetal, quanto esses elementos que a gente vê que estão muito ligados a esse culto, que é o

sol, a lua e a estrela, né, os astros... (...) Tudo que é natureza, que eu sinto muito próxima, sinto muito perto de mim, e eu fazendo parte de... uma integração, uma sensação de integração muito grande... Aquela coisa que você falou da pequenez, mas da grandeza (apontando para S1), ao mesmo tempo, né... Porque tudo faz parte de tudo, Então tudo é importante, tudo é valioso, embora eu esteja dentro de um contexto que é muito maior.

Essa integração parece passar uma tranquilidade ao indivíduo.

4.2.3 Conflito/ Dualidade

S2: Ficava oscilando entre o medo e a paz, mas dependia só de uma desistência... Se eu me colocasse contra, era paz, mas se eu fizesse alguma reação para manter a paz eu tinha medo Então era mais ou menos quando eu tava fazendo, eu ia sentindo as coisas que eu senti quando eu bebi ayahuasca. Não sei, algumas indecisões assim...”(...) “É um conflito que por palavras fica fraco de expressar... É mais isso a sensação que eu tive.

Aqui pudemos perceber que o sujeito sente um conflito na experiência que tem com o chá. O conflito parece estar ligado ao modo como ele se relaciona com o que vivencia, permitindo-se ou não, estando contra ou a favor, e os sentimentos que isso traz. A tentativa de não permitir, de controlar a experiência traz paz e ao mesmo tempo medo.

Estar sob o efeito da ayahuasca é conflituoso, pois é uma experiência ligada às emoções, e como o indivíduo considera ser sua razão, isso acaba destruindo a forma como ele concebe o mundo. Isso foi visto em como ele justifica o conflito, na frase abaixo:

S2: É porque eu sou razão, e quando você passa para a esfera da sensação parece que quebra todas as concepções que você formou na sua vida. (...)

Sabe o conflito: “Essa pessoa existe ou é construção da minha mente?” (risos) Mas eu falo, não, não sou tão bom de produzir essas coisas... Então eu fico... E é todo dia isso... Já desde janeiro isso... Não sei, me sinto ferido, ao mesmo tempo em que... É um prazer... (...) Eu não sei...

Na parte acima o conflito do sujeito entre o que ele sente e o que ele constrói pelo pensamento aparece de outra forma. Assim, ele passa a duvidar se o que ele está sentindo, percebendo no mundo foi realmente percebido ou se isso foi na verdade construído pela razão. Soluciona o conflito afirmando aquilo que percebe pela razão. Ele parece ainda estar duvidando do que percebe.

4.2.4 Limpeza

No discurso do sujeito 4 uma das principais funções da ayahuasca seria a de limpeza. O chá viria para limpar o sujeito das coisas pesadas e negativas que ele vai carregando em si, como podemos observar no seguinte relato:

É como eu vejo a minha experiência com a ayahuasca, né... Eu chego aqui com um monte de energia negativa do mundo... Da minha convivência com os outros seres humanos que a gente vai acumulando... Fica aquela coisa densa... e quando você se purifica, parece que você já elevou um patamar... Mas não precisa necessariamente você vomitar...

Percebe-se também que essa limpeza não é necessariamente uma limpeza física, podendo vir acompanhada de vômito ou não. Isso, para ele, vem sempre acompanhado um aprendizado, ajudando a lidar melhor com o mundo, conforme veremos no item Aprendizado.

(...) E é por isso que a gente está vindo aqui, é como se fosse um “Spa espiritual”! (risos) Pra gente poder estar se limpando, né, limpando a mente... Começa a analisar...

Ao escutar o relato do sujeito 4, o sujeito 5 falou que também sente que a experiência com a ayahuasca traz uma limpeza:

Nessa limpeza vai tudo o que eu vejo que não me serve mais. Na minha vida... Porque eu tô lá no trabalho, e vejo, isso aqui, isso aqui, isso aqui, porque aconteceu isso aqui comigo, porque na verdade eu fiz assim, assim e assado! Então porque eu vou continuar fazendo? Se não me serve mais!

Essa limpeza aparece como também ensinando a ela, o que deve parar de fazer por estar trazendo coisas ruins, das quais ela irá precisar se limpar.

4.2.5 Aprendizado

Para o sujeito 4, a experiência com a ayahuasca traz ensinamentos, faz ele aprender sobre coisas do mundo e dele. Esses aprendizados vêm como ferramentas que terão diversas funções. Vão fortalecê-lo, elevá-lo, como se pode notar na frase abaixo:

Quando a gente está naquela situação difícil, tendo uma correção, um aprendizado, se purificando, e quando vem a luz da ayahuasca, nos preenche, nos torna mais forte, aumenta o volume espiritual... (...) E

você (abrindo os braços) consegue levantar os braços, e alcançar assim, toda a energia...

Vêm ensiná-lo a lidar com as coisas do mundo:

E daí eu consigo levantar os braços, e o mestre diz.. “Olha, você vai ficar um pouco mais forte agora, tô te dando mais uma ferramenta”

O modo como ele aprende a lidar com as próprias questões e com o mundo é desenvolvida na frase abaixo:

Uma coisa que eu vivencio na ayahuasca (...) Que a ayahuasca ensina a gente e lidar com os nossos medos... Me ensina a.... “Você tem medo disso?? Então toma, tá aqui na sua frente, a um palmo!” (risos) Vamos lá! E aí resolve na hora...

Assim, ele percebe que tem a oportunidade, durante a sessão, de se instrumentalizar ao ter que enfrentar questões que não sabe lidar no dia-a-dia.

O sujeito 4 percebe que a sua experiência com a ayahuasca mostra o caminho que deve seguir na vida

O principal aprendizado trazido pela ayahuasca para o sujeito, e em qual se fundamenta todos os outros que ele fala, é a questão de que tudo no mundo é energia:

Um aprendizado básico que a ayahuasca me trouxe é que... é tudo energia, cara.... A gente está aqui sentado, é uma energia que está circulando... Se a gente tá lá conversando com alguém na rua, e é um papo pesado, é uma energia que está ali circulando... E às vezes você até pode estar conversando sobre aquilo, mas não está deixando entrar em você... Entendeu? Porque você também não pode se isolar do mundo, pra se poupar disso, né... É tudo uma questão de como você vai manejar essa energia dentro de você...

Porém ele percebe que esta troca com o meio deve ser seletiva até que ele aprenda a lidar com certas energias, por isso destaca a questão da seletividade que é necessária com o que está ao seu redor:

S4: Por que que eu estou trazendo isso pra dentro mim, tô aprendendo? né? Não estou.... Às vezes uma pessoa.. A pessoa senta num lugar, você sente toda aquela energia... Aí você fala: “Se eu ficar aqui essa energia vai entrar em mim...” Eu ainda não tenho ainda a capacidade de filtrar ela... Então já (fazendo movimento com a mão) sai.... É essa sensibilidade... É essa sensibilidade, que a ayahuasca está me aguçando...

Ele percebe que esta forma de lidar com o mundo se fundamenta numa sensibilidade mais aguçada pela ayahuasca, como mostrado no item sensibilidade.

O sujeito 4 relata também que a ayahuasca mostra para ele qual o caminho pessoal que ele deve seguir. Sabendo desse caminho, ele tem a liberdade então em segui-lo ou não:

(...) Então o mestre me pôs aquele caminho, e disse, “Então esse é o seu caminho na vida!” Segue por ele, que eu estou com você, agora qualquer desvio é por sua conta própria... Então esse caminho... A ayahuasca me ensina que nesse caminho vai ter muita dificuldade... Mas eu sei que é ele... Eu posso tropeçar, eu posso... me levanto , tudo, mas eu sei que é esse caminho... E eu sei que se eu me desviar, eu não vou estar na minha plenitude... Então é ele... Sempre em linha reta, ali... Por mais que venha todas as influências, que vão te agarrando, e você vai se soltando, Eu sei que vou pra lá, e não vou me desviar... Cada vez com mais convicção...

4.2.6 Relacionamentos

O sujeito 2 afirma que o uso da ayahuasca dificultou seu relacionamento com as pessoas

Dificultou a minha sociabilização, com certeza. Eu entro em um ônibus, assim, e eu olho para as pessoas e penso “Será que elas estão percebendo que eu fui reduzido a um verme?”

O sujeito 5 relata claramente que com o uso da ayahuasca melhorou sua relação consigo e por isso também com as outras pessoas deixando essas relações mais honestas.

(...) Eu estou super mais conectada comigo, super mais sabendo onde eu estou, quem eu sou, e tal... (...) A minha relação comigo mesma, enriqueceu, e se tornou muito mais clara, então a relação com as outras pessoas também fica muito mais limpa, muito mais nítida, mais honesta... mais... não mais fácil, né, porque se relacionar não é fácil...

Depois de ter buscado esclarecer o que foi falado pelos sujeitos a partir de uma divisão em vários temas, vamos procurar perceber em quais momentos o sujeito sente que entra em contato com o que é mais próprio dele.

CAPÍTULO 5 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados foram analisados fenomenologicamente, buscando o seu sentido para o sujeito no capítulo anterior. No presente capítulo pretendemos buscar, dentro do material que mostra a relação do sujeito com o chá, como esse sentido se relaciona com a noção de modo próprio de ser, que foi discorrida na introdução. Vamos passar por cada um dos sujeitos procurando esclarecer esse aspecto.

Nos relatos do sujeito 1, pode-se perceber esse encontro quando ele relata que a ayahuasca leva a se perceber melhor no ambiente, indicando uma relação entre ele e o mundo em que este sabe que está e quem é ao se estar ali. Isso aparece na relação tranqüila, de comunicação com o mundo. Sentir que está no lugar onde deveria estar e que faz parte do todo mostra também um encontro consigo próprio.

Porém, no relato do sujeito 2, percebemos que essa maior abertura para sentir as coisas o levou a muitos conflitos. Relata que o uso do chá lhe quebrou as concepções que

formou em sua vida. Também disse que vem atrapalhando na sua sociabilização e no seu convívio cotidiano com as pessoas em geral..

O sujeito relatou que durante a sessão com o chá sente que se encontra consigo mesmo³⁵, mas que não consegue levar isso para a vida cotidiana. Porém, ele percebe que a introspecção que ele tem no momento de escrever poesia ajuda a ordenar essa sensibilidade.

O sujeito 3 demonstra em vários momentos do seu relato tanto sentir quanto buscar no trabalho com a ayahuasca um encontro com o que lhe é mais pessoal. Ele relata como precisa ir bem fundo, “afundar” para poder depois encontrar o eixo e se elevar. Esse cavar bem fundo é ir para uma parte da sua vida que ele não conhece, e a partir desse afundamento encontra seu eixo, aquilo que estaria no seu centro. Entendemos que nesse rebaixamento para depois subir ele encontra o que é próprio dele. Ele comenta como esse eixo aparece nele e no mundo, mostrando como ele se sente ligado ao mundo.

O sujeito 4 mostrou de forma clara em seu relato como a ayahuasca o ajudou a sentir melhor o ambiente, suas relações e de que forma deve agir. Ao conseguir discernir o que lhe pode fazer mal ou bem, pudemos ligar isso a um encontro consigo mesmo, ou seja, com o que lhe é mais próprio. Além disso, a ayahuasca ajuda-o a se limpar do que não é próprio dele e que está fazendo mal. Depois dessa limpeza, ele se sente conectado com o cosmos, mais forte e inteiro no mundo. Todo esse trabalho pareceu-nos estar ligado com um trajeto que o leva a se encontrar e assim se sentir pleno. Essa percepção do que vai fazer bem ou não leva a uma seleção na vida. Essa seletividade está ligada a escolher quão impróprio você vai ser, ao mesmo tempo em que leva a escolher quão

³⁵ “Hoje, é como se o meu espírito, estivesse vagando, e eu estou como um zumbi aqui, e daí eu venho, bebo o chá, e encontra... Mas daí eu volto pra casa, e vaga...” (Ver relato sobre produção, anexo D)

próprio você vai ser, pois de uma forma ou de outra, essa seletividade afasta pessoas, cria um meio cotidiano diferente. Você vai ser próprio dentro de um ambiente propício, achar e seguir o que quer no mundo, e assim colocando a questão da propriedade acima da impropriedade. Essa sensibilidade para perceber o que lhe vai fazer bem ou não facilita-o a agir no cotidiano.

O sujeito 5 mostra em seu relato também em alguns momentos se encontrar consigo mesmo. Ao relatar como em sua experiência com a ayahuasca sente-se integrada ao mundo e à natureza, e que tem seu valor dentro desse contexto. Sentindo-se valorizada, ela se coloca no mundo de acordo com o que sente ser mais sincero e honesto seu. O sujeito relata explicitamente como se sente mais conectado a si mesmo, sendo mais honesto consigo mesmo e com os outros no mundo.

Todos os sujeitos mostraram em seus relatos momentos de encontro consigo mesmo vivenciados nas sessões de ayahuasca, com o que sente ser mais próprio seu.

CAPÍTULO 6 – CONCLUSÃO

Sabemos que esse estudo representa apenas um aspecto possível de se estudar na vivência da ayahuasca, porém consideramos nosso trabalho bastante significativo. Durante todo o processo do trabalho percebemos diversos elementos que relacionam-se com a possibilidade de encontro consigo mesmo, hipótese proposta no início da pesquisa.

De acordo com o que pudemos observar, concluímos que o uso ritualístico da ayahuasca pôde proporcionar uma relação mais íntima com o modo próprio de ser dos participantes da pesquisa. Acreditamos que o encontro consigo mesmo apresentado pelos sujeitos está diretamente ligado à relação que estes estabelecem com a vivência. A experiência com ayahuasca possibilita um contato com aspectos psicológicos profundos do indivíduo, para que assim este possa sentir-se melhor. Este processo assemelha-se bastante com a proposta dos trabalhos terapêuticos da Psicologia. Apesar de a Ayahuasca mostrar esse aspecto de proporcionar um encontro com o que é mais próprio da pessoa,

ela não pode ser comparada à um trabalho de terapia, caracterizando-se mais como um processo individual complementar ao processo terapêutico.

Fazer essa pesquisa foi muito gratificante, pois pudemos ver como é difícil gerar conhecimento fundamentado na vivência desse assunto tão complexo. Além disso, a forma como ocorreu a coleta de dados (como já foi explicado no capítulo 4) acabou limitando a profundidade do que foi mostrado pelos indivíduos. Vimos como é necessário mais estudos sobre o assunto, visando outros aspectos da vivência, já que esta se mostrou um território fecundo para o estudo do ser humano, principalmente em seus aspectos psíquicos. Isso se mostra necessário também por esse trabalho nunca ter tido a intenção de abarcar tudo o que pode ser falado sobre o assunto, obviamente, por ser somente a construção de um conhecimento gerado de um fenômeno, com um grupo de pessoas em uma determinada situação. Pode-se dizer que o delimitado intuito desse trabalho foi alcançado com sucesso.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ASHLEY, M. **Introdução à Antropologia**, Editora Cultrix, São Paulo, 1969.

- ARAÚJO, W. S. **Navegando sobre as ondas do Daime : historia, cosmologia e ritual da Barquinha**, Campinas, UNICAMP 1999.

- AUNE, M. B.; Demarinis, V. **Religious and Social Ritual**, State University of New York, 1996, Albany, E.U.A.

- BARBOSA, P. **Psiquiatria cultural do uso ritualizado de um alucinógeno no contexto urbano: uma investigação dos estados de consciência induzidos pela ingestão da ayahuasca no Santo Daime e União do Vegetal em moradores de São Paulo**. Dissertação de mestrado em Saúde Mental, Unicamp, 2001.

- BAUER, M. W. e GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático**. São Paulo, Editora Vozes, 2002.

- BELL, C. **Ritual Theory, Ritual Practice**, Oxford University Press, New York, 1992.

- BRISSAC, S. “José Gabriel da Costa: trajetória de um brasileiro, Mestre e autor da *União do Vegetal*”, in: LABATE, B. E ARAÚJO, W. S. (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas, Mercado de Letras, 2004.

- BRITO, G. *et all.* “Farmacologia humana da hoasca. Chá preparado de plantas alucinógenas usado em contexto ritual no Brasil”; “Farmacologia humana da hoasca – efeitos psicológicos”; “Farmacologia humana da hoasca – estudos clínicos”, in: LABATE E SENA ARAÚJO (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas, Mercado de Letras, 2004.

- CRITELLI, M. D. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo, EDUC-Brasiliense, 1996.

- HEIDEGGER, M. , (Org: BOSS, Medard), **Seminários de Zollikon**, São Paulo, EDUC Petrópolis, Vozes, 2001.

- HEIDEGGER, M., **Ser e Tempo**, Parte I, Petrópolis, Editora Vozes, 8ª Edição, 1999.

- LABATE, B. **A Reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos**. Campinas, Mercado de Letras, 2004.

- _____ “*A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras*”, in: LABATE, B. E ARAÚJO, W. S. (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas, Mercado de Letras, 2004.

- _____; ARAÚJO, W. S. (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas, Mercado de Letras, 2004.

- LABIGALINI Jr., E. **O uso de ayahuasca em um contexto religioso por ex-dependentes de álcool – um estudo qualitativo**. Tese de mestrado em Saúde Mental, Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 1998.

- LUNA, L. E. “*Xamanismo Amazônico, Ayahuasca, Antropomorfismo e mundo natural*” in: LABATE E SENA ARAÚJO (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas, Mercado de Letras, 2004.

- MABIT, J. “*Produção Visionária da ayahuasca no contexto curanderil da Alta-Amazônia Peruana*”, in: LABATE E SENA ARAÚJO (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas, Mercado de Letras, 2004, pp. 145-178.

- MACRAE, E. **Guiado pela Lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime**, São Paulo, Editora Brasiliense, 1992.

- MARTINS, J. *Psicologia da Cognição*. In **Temas Fundamentais de Fenomenologia**, Martins, J.; Farinha, F. S. (org.), Editora Moraes, São Paulo, 1984.

- MCKENNA, T. “*Among Ayahuasqueros*”, in: **The Archaic Revival**, San Francisco, Harper Collins Publishers, 1991.

- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**, São Paulo: Martins Fontes. 1999.

- PENA. G.A. **Introdução à Psicologia Fenomenológica**, Rio de Janeiro, Imago, 2001

- STEVENS, J.O, “**Tornar-se Presente**”, **Experimentos de crescimento em gestalt-terapia**, São Paulo, 1988.

ANEXO A – Resolução do CONAD

RESOLUÇÃO Nº 4 - CONAD, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2004

Dispõe sobre o uso religioso e sobre a pesquisa da ayahuasca

O PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL ANTI-DROGAS - CONAD, no uso de suas atribuições legais, observando, especialmente, o que prevê o art. 6º do Regimento Interno do CONAD; e CONSIDERANDO que o plenário do CONAD aprovou, em reunião realizada no dia 17 de agosto de 2004, o parecer da Câmara de Assessoramento Técnico-Científico que, por seu turno, reconhece a legitimidade, juridicamente, do uso religioso da ayahuasca, e que o processo de legitimação iniciou-se, há mais de dezoito anos, com a suspensão provisória das espécies vegetais que a compõem, das listas da Divisão de Medicamentos - DIMED, por Resolução do Conselho Federal de Entorpecentes - CONFEN, nº 06, de 04 de fevereiro de 1986, suspensão essa que tornou-se definitiva, com base em pareceres de 1987 e 1992, indicados em ata do CONFEN, publicada no D.O. de 24 de agosto de 1992, sendo os subseqüentes considerandos baseados na já referida decisão do CONAD;

CONSIDERANDO que a decisão adequada, da Administração Pública, sobre o uso religioso da ayahuasca, foi proferida com base em análise multidisciplinar;

CONSIDERANDO a importância de garantir o direito constitucional ao exercício do culto e à decisão individual, no uso religioso da ayahuasca, mas que tal decisão deve ser devidamente alicerçada na mais ampla gama de informações, prestadas por profissionais das diversas áreas do conhecimento humano, pelos órgãos públicos e pela experiência comum, recolhida nos diversos segmentos da sociedade civil;

CONSIDERANDO que a participação no uso religioso da ayahuasca, de crianças e mulheres grávidas, deve permanecer como objeto de recomendação aos pais, no adequado exercício do poder familiar (art. 1.634 do Código Civil), e às grávidas, de que serão sempre responsáveis pela medida de tal participação, atendendo, permanentemente, à preservação do desenvolvimento e da estruturação da personalidade do menor e do nascituro;

CONSIDERANDO que qualquer prática religiosa adotada pela família abrange os deveres e direitos dos pais "de orientar a criança com relação ao exercício de seus direitos de maneira acorde com a evolução de sua capacidade" , aí incluída a liberdade de professar a própria religião e as próprias crenças, observadas as limitações legais ditadas pelos interesses públicos gerais (cf. Convenção Sobre os Direitos da Criança, ratificada pelo Brasil, promulgada pelo Decreto nº 99.710, de 21/11/1990, art. 14);

CONSIDERANDO a conveniência da implementação de estudo e pesquisa sobre o uso terapêutico da ayahuasca, em caráter experimental;

CONSIDERANDO que o controle administrativo e social do uso religioso da ayahuasca somente poderá se estruturar, adequadamente, com o concurso do saber detido pelos grupos de usuários;

RESOLVE:

Art. 1º Fica instituído GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO para levantamento e acompanhamento do uso religioso da ayahuasca, bem como para a pesquisa de sua utilização terapêutica, em caráter experimental.

Art. 2º O GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO será composto por seis membros, indicados pelo CONAD, das áreas que atendam, entre outros, aos seguintes aspectos: antropológico, farmacológico/ bioquímico, social, psicológico, psiquiátrico e jurídico. Além disso, o grupo será integrado por mais seis membros, convidados pelo CONAD, representantes dos grupos religiosos, usuários da ayahuasca.

Art. 3º O GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO escolherá seu presidente e vice-presidente e deverá, como primeira tarefa, promover o cadastro nacional de todas as instituições que, em suas práticas religiosas, adotam o uso da ayahuasca, devendo essas instituições manter registro permanente de menores integrantes da comunidade religiosa, com a indicação de seus respectivos responsáveis legais, entre outros dados indicados pelo GRUPO MULTI-DISCIPLINAR DE TRABALHO.

Art. 4º O GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO

estruturará seu plano de ação e o submeterá ao CONAD, em até 180 dias, com vistas à implementação das metas referidas na presente resolução, tendo como objetivo final, a elaboração de documento que traduza a deontologia do uso da ayahuasca, como forma de prevenir o seu uso inadequado.

Art. 5º O CONAD, por seus serviços administrativos, deverá consolidar, em separata, todas as decisões do CONFEN e do CONAD sobre o uso religioso da ayahuasca, para acesso e utilização dos interessados que poderão, às suas próprias expensas, extrair cópias, observadas as respectivas regras administrativas para tanto.

Art. 6º Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

04/11/04

JORGE ARMANDO FELIX

Ministro-Chefe do Gabinete de Segurança Institucional e

Presidente do Conselho Nacional Antidrogas

ANEXO B - Temas da entrevista com Mestre Rogério

- Nome: _____

- Idade: _____. Profissão e formação: _____

1 - Histórico e papel do chá:

- Porque decidiu tomar ayahuasca.
- Quando foi sua primeira experiência com a ayahuasca e como foi.
- Desenvolvimento da sua experiência com a bebida
- E hoje em dia, o que é a ayahuasca para ele.

2 - Templo e Ritual:

- Como virou mestre e o que é ser um mestre para ele.
- motivo da criação do templo em Mogi das cruzeiras –SP
- Como funciona o ritual e o que é importante nele
- Qual a origem do ritual
- Função das palavras no ritual, Elas são emitidas por ele ou recebidas pelo guia?
- Preparação dele antes do ritual?

3 - Conceitos, visão de homem e de mundo

- Visão do ser humano (o que é o homem?)
- Como é estar sob o efeito do chá. O que é estar sob o efeito para ele?
- O que é consciência, e como o chá atua nela
- O que é percepção, tanto da realidade como de si mesmo.
- O que é a vida e algo estar vivo

ANEXO C – Entrevista com Mestre Rogério

Transcrição da entrevista com o mestre Rogério:

Bruno: Como foi sua história com o chá e como ela vem vindo até hoje, a história do templo, e o papel que o chá tem para você?

Rogério: Então, a mais de uma década, eu e minha companheira... a gente vem bebendo o chá em outras entidades religiosas... vinha bebendo o chá em outras entidades religiosas. Passou pela União do Vegetal, passou pelo Santo Daime, pela Barquinha lá em Ji-Paraná e apesar de não ter sido sócio do Daime... não ser assim discípulo do Daime, mas pela amizade que tinha com alguns dirigentes do Daime facilitaram nosso ingresso de poder participar do trabalho e conhecer um pouco mais. Foi um período muito bom que deu para aprender um tanto de coisa... ver um tanto de coisa e conhecer pessoas e se relacionar, um relacionamento de amizade bom que a gente fez em Rondônia e depois lá na frente que a gente veio conhecer a Ayahuasca. Até então tinha conhecido o vegetal, o daime, mas a Ayahuasca a gente veio conhecer bem mais na frente... já no ano de 1999, em um período que eu morava em Rondônia e trabalhava lá e a gente teve contato com uma comunidade indígena... teve contato com alguns índios. Como vivia assim na proximidade da floresta, facilitou bastante essa comunicação e a gente pode fazer um estreitamento na relação de amizade assim com alguns índios da tribo Suruí. E daí para frente iniciou a história. Foi muito bom e tem sido muito bom. Já no ano de 2000, no ano seguinte... houve assim uma chamada espiritual para vim para São Paulo construir um

templo aqui... fazer um trabalho aqui que precisava ser feito em São Paulo, e tamo fazendo o trabalho, o trabalho ainda não tá concluído não, tem muito trabalho ainda. A gente construiu o templo e irmandade tá hoje aqui com aproximadamente 120 irmãos e estamos lançando já os alicerces da igreja de Suzano, uma cidade próxima daqui... e até o final do ano a gente quer ver se já inicia os trabalhos em Suzano. No ano que vem já é um projeto já montado para outra igreja em Sorocaba e eu espero retornar para o Norte por volta do ano de 2008, já com pelo menos oito igrejas aqui em São Paulo. Ai já firmou em São Paulo e agente pode retornar para Rondônia e desenvolver nosso trabalho lá. E provavelmente a gente vai subindo... não vai direto para Rondônia... para no Mato Grosso e no Mato Grosso constrói outra igreja, no Mato Grosso do Sul, depois no Mato Grosso outra e vamos subindo até chegar em Rondônia voltando para casa né? Tamo voltando para casa. Mas até então a gente vai, tem um trabalho longo aqui em São Paulo ainda, vamos dizer que aqui em Mogi das Cruzes a igreja já está sedimentada, mas tem muita coisa para ser feita nas cidades vizinhas e essa igreja de Sorocaba para nós é muito importante porque ela vai atender uma população da região de Alphaville, daquela região que margeia a capital né? Araçariguama...São Roque... toda aquela região ali que hoje vai para Sorocaba, para algum centro do Daime... então é mais uma opção para o pessoal que bebe o Daime poder conhecer a gente, poder conhecer o trabalho e também para as pessoas que moram na região ali que não conhecem o chá poderem conhecer. Então para nós é importante sedimentar uma igreja naquela região e fazer um trabalho firme lá. É isso.

Bruno: Eu sinto que está crescendo bastante aqui, sempre que eu venho eu sinto que está cada vez maior. Como você lida com isso?

Rogério: Então, nós estamos aqui há quatro anos e nesses quatro anos e alguns meses a gente foi crescendo gradativamente com alicerces fortes, começou comigo e com Ana, quando chegou em São Paulo era eu e ela. E depois foi chegando um irmão, foi chegando outro, e chegando outro e hoje somos 120. Por essa casa já passaram centenas de pessoas, se trataram, o centro..., a finalidade dele não é formação de sócios, é que a pessoa se corrija de alguns vícios, consiga se equilibrar e se firmar e daí dar seqüência a vida dela.

Algumas pessoas acabam ficando porque se identificam com a doutrina, se identificam com a instituição e acabam ficando na instituição, fazendo parte da instituição. Mas a finalidade da instituição é que as pessoas independente do credo delas consigam se equilibrar e se firmar dentro da luz divina da Ayahuasca e daí por diante dar seqüência na vida mais fortalecidas. Essa é a finalidade do centro.

Ricardo: Quando você fala que conheceu a Ayahuasca e que no Daime não era "ayahuasca", o que você quer dizer com isso?

Rogério: É que as pessoas sempre dizem assim: Daime, Ayahuasca, Vegetal é tudo igual. Não é tudo igual. Não é. E Só quem bebeu os três sabe que não é. Tem que estar bebendo para saber, porque senão acha que é a mesma planta, o mesmo chá feito com as mesmas plantas é igual, a diferença já se inicia com a pessoa que vai preparar o

chá, com a intuição dela, com a invocação que ela está fazendo. E passa por um processo na feitura do chá de cozimento da água, do tipo de jagube, do tipo de rainha, tempo de cozimento, tempo de apuro, e tudo isso tem uma invocação, essa invocação é a egrégora que vai manter viva a energia espiritual daquele chá, manter presente. E o Daime tem a egrégora deles, o Vegetal tem a egrégora deles, a Barquinha tem a egrégora deles, e a Ayahuasca tem a egrégora dela. Portanto não são iguais. É como a pessoa, por exemplo, bebe uma água lá de caxambu e bebeu uma água de Mogi, as duas são água, mas quem bebe sabe a diferença. "Ah, mas a água é incolor, não tem sabor", mas a pessoa que bebe água sabe que tem diferença, ela sente a diferença. Ela sente a diferença. É uma coisa sutil porque ta envolvendo a egrégora, então é só quem bebe é que sabe, quem não bebe acha que é tudo igual.

Bruno: É, eu sinto isso também. No ritual também, em cada ritual se trabalha de um jeito.

Rogério: É, em cada ritual se trabalha de um jeito. Por exemplo, o Daime, ele abre uma egrégora 100% cristã, 100%. Eu mesmo não conheço, pode até existir uma linha do Daime assim que abre espaço para outros mestres entrarem, mas a linha do mestre Irineu assim é basicamente o mestre Jesus. Se você pega o vegetal, por exemplo, já abre um espaço para Salomão, então que vem de uma linha Judaica. Se você pega a Ayahuasca ela abre um espaço enorme para várias religiões e vários mestres, para que as pessoas independente da religião que tem, possam usufruir o máximo da Ayahuasca e que o mestre delas que venham falar com elas, não seja embutido um mestre à força. Se a

pessoa tem a compreensão de que, por exemplo, Jesus é o mestre dela, muito bem, ótimo, então ouça os ensinamentos do mestre Jesus, e dê seguimento a eles. Se a pessoa acha melhor, que na compreensão dela, o mestre dela é Maomé, pois bem, então siga os ensinamentos do Mestre Maomé, leia o alcorão, siga os ensinamentos do Alcorão, as coisas boas do alcorão, que a pessoa procure praticar, consiga se equilibrar dentro da força e da luz da ayahuasca na religião dela. E assim, sucessivamente para cada religião. Então tem uma abertura muito grande para todos os mestres, ela é eclética. Não se fecha. Ela trabalha o espiritual da pessoa com a crença da pessoa, sem tentar mudar a crença da pessoa, sem mudar a crença.

Kleber: Uma aliada...

Rogério: Aliada à crença dela.

K: Vai somar

Rogério: Vai somar, nunca puxar a pessoa, dizer que tem que ser dentro dessa crença... A ayahuasca é a liberdade... É a liberdade. É a liberdade, porque a religião tem que ser liberdade. Se ela aprisionar a pessoa, ela é qualquer outra coisa, menos religião. Acorrentou o indivíduo, não é religião. A religião tem que trazer liberdade, paz para o espírito do indivíduo, para que ela possa seguir tranqüila ali, se sentir bem, se sentir em paz. Então a Ayahuasca traz essa liberdade para a pessoa, da pra pessoa essa liberdade, independente se a religião dela oprima ela. Mas se daquela maneira ela vê que a religião

dela é aquilo, e serve pra ela, então trabalha ela dentro da religião dela. Não tenta tirar ela daquilo não. Se ela quiser deixar a religião dela, porque a religião dela está oprimindo ela, é porque ela viu isso. Ninguém forçou nada. Ela viu isso dentro da luz da ayahuasca, é diferente. Então dá essa liberdade, dá o livre arbítrio pra pessoa escolher o que é melhor para si.

Bruno: Mas, deixa eu entender, daí o mestre Yajé, ele é o seu mestre daí?

Rogério: O Mestre Yajé, ele comanda a egrégora da Ayahuasca. Ele tem o comando.

Bruno: Mas mantém aberto, então?

Rogério: Mantém aberto, para os outros... É o comando da egrégora da Ayahuasca que mantém aberta essa liberdade. Vamos dizer que é ele que ensina a pessoa a soltar o grilhão, é ele que mostra o caminho. Para a pessoa soltar a grilhão... O grilhão é ela que solta. Ele só mostra para a pessoa como é que faz para a pessoa soltar o grilhão, que oprime ela em qualquer situação, seja na religiosidade, seja no trabalho, seja na familiar, seja emocional, enfim, qualquer coisa que possa amarrar o indivíduo, e que possa trazer sofrimento pra ele lá na frente. Então vem trazendo a liberdade pro indivíduo, abrindo as portas da liberdade pra ele. Mas sempre entregando pra ele o livre arbítrio. Você só consegue ser livre se você quiser ser livre, ninguém pode te dar essa liberdade. Só você se prende, só você se solta. Para isso a pessoa tem que adquirir um grau de evolução e um

grau de entendimento. Enquanto ela não adquirir esse grau, ela está presa a algumas coisas. Presa a paradigmas, presa a algumas verdades absolutas de algumas religiões, né? Então conforme a pessoa vai bebendo a ayahuasca, e vai compreendendo melhor isso, vai se soltando, vai percebendo que algumas coisas foram criadas com a finalidade exclusiva de aprisionar o espírito e a matéria da pessoa, dentro daquela seita e daquela religião. E a pessoa tá ali, com medo de sair, porque vai pro inferno, porque vai pra um lugar terrível, ou porque deus vai castigar ela, ou porque... enfim, por qualquer situação imposta pela religião com a finalidade dela assombrar a pessoa, assustar a pessoa, e trazer terror pra pessoa, e a pessoa ficar ali. Então vai tirando o véu da ilusão, vai descobrindo esse véu da ilusão, vai descobrindo esse véu da ilusão e vai descobrindo os mistérios, né... E principalmente vai desmistificando um tanto de coisa pra ela mesma ver, ela mesma percebendo, desmistificando... tirando um tanto assim de pensamentos que foram, assim, embutidos nela, desde a infância. E isso eu não estou falando de uma, duas religião não, tem diversas religiões que fazem isso. E a gente sabe disso. E muita gente sabe disso e faz de conta que não quer ver. É muito mais cômodo ir acreditando, é mais fácil acreditar do que pensar, por isso tem mais crente do que pensador. Então no fundo, a ayahuasca faz com que o indivíduo pense mais, raciocine mais, utilize mais... a inteligência, que é uma virtude divina que foi dada ao homem.. tem que aproveitar ao máximo a inteligência, o que puder aproveitar da inteligência, não se deixar levar por pessoa, examinar as coisas dentro de uma luz divina, sem se deixar levar assim, como, um cordeiro... Como um cordeiro. Por isso veio a palavra pastor... então não se deixar levar... como um cordeiro.

Kleber: Nesse sentido que vem a liberdade...

Rogério: Uma liberdade. Você tem que ser o pastor de si mesmo, não deixar que qualquer ninguém seja seu pastor, que você seja seu próprio pastor. Adquirir consciência de que você tem inteligência o suficiente para discernir o bem do mal. Ficar gente lendo, falando, gritando... você tem que discernir por si próprio. Então essa luz, essa liberdade para a pessoa escolher.... pegar um livro sagrado, e ter a capacidade de questionar algumas coisas, e ver que aquilo não tem sentido, que tem coisa que não tem sentido.. seja o livro sagrado que for, de qualquer religião, pegar algumas coisas e falar, isso aqui, foi embutido aqui e a finalidade era me manter aprisionado. Ter a consciência. Não achar que o livro é sagrado, sagrado é o homem, sagrado é essa árvore, sagrado é a natureza.. livro é só um amontoado de folhas, que alguém escreveu.. e papel aceita tudo, tudo... o que quiser escrever nele, você escreve... então o homem tem que adquirir a consciência espiritual, e não ficar agregado ao papel, uma muleta.. o papel é só uma muleta.. começar a soltar as muletas, e poder caminhar sozinho... tanto é que quanto mais se bebe ayahuasca, menos se bebe ayahuasca... conforme vai passando o tempo, vai diminuindo a quantidade de ayahuasca.. até um dia em que a pessoa não vai beber mais ayahuasca. Porque no fundo, num grau mais alto de compreensão, também é uma muleta, que nem um livro sagrado... só que uma muleta para a pessoa largar as outras. E aí por fim larga ela....Vamos dizer assim que seja a ultima muleta do individuo. Com o apoio dela, a pessoa vai soltando das outras, quando chegar o dia, solta dela. Então quanto mais tempo a pessoa bebe ayahuasca, menos ela bebe. A quantidade que ela vai bebendo é menor...

Kléber: Tem uma musica que você utiliza que diz assim: “Deus está em mim, Deus está em nós”, né... É um pouco disso que você está falando, né? Dessa liberdade... que a ayahuasca traz?

Rogério: Sim.. Deus está em mim, Deus está em nós, todos.. Cada pessoa é uma fagulha de Deus, é uma parcela de Deus, é uma parte do divino...e nós representamos o divino na terra... o homem é o guardião desse planeta. Ele controla.. um tanto de coisa aqui no planeta... ele pode preservar ou ele pode destruir, depende dele. E aí conforme ele vai deixando se exteriorizar nele o Deus que existe nele, ele vai melhorando a si e o planeta. É só ele deixar exteriorizar isso. É que ao invés de deixar se exteriorizar isso, ele se agrega a valores e a conceitos pré-determinados pela sociedade... pelas pessoas... a valores pré-estabelecidos religiosos e sociais... deixa esse divino obscurecido dentro dele, preso dentro dele, não consegue soltar isso porque ele está acorrentado... a verdades pré-determinadas... pré-destinadas... verdades pré-destinadas, “olha, vai acontecer isso e aquilo e aquilo. Você tem que se fazer assim, assim e assim. Se você não fizer assim, assim e assim vai acontecer isso, isso e isso.” E ele acaba de viver o presente... o agora, porque está acorrentado a aquilo. Então enquanto não houver uma clareza para ele... uma liberdade para ele, ele fica nesse ciclo vicioso... o tempo todo no ciclo vicioso, ele não sai daquilo.

Bruno: E a Ayahuasca ajuda a entrar em contato com esse Deus interno...

Rogério: Interno e exteriorizar ele... porque esse Deus interno desperta virtudes... a virtude da tolerância, da paciência... da humildade, do bem querer às pessoas... tira a intolerância do indivíduo, a intolerância da fé principalmente... passa a enxergar os outros irmãos como iguais, não diferentes... retira os preconceitos raciais, sociais... e isso é gradativo, doloroso, por isso que ayahuasca dói. Ayahuasca dói! Não tem uma pessoa que não sinta uma dor dentro do trabalho da Ayahuasca porque dói. É como se tivesse tirando um tumor da pessoa...

Bruno: Não é o caminho mais fácil, né?

Rogério: Não é o caminho mais fácil, não é o caminho mais fácil. Eu que estou há anos sei que não é o caminho mais fácil. Mas tenho certeza que é o caminho... um dos caminhos mais sedimentados que conheci, mais fortes que conheci... e tira a pessoa principalmente das superstições também, vai livrando da superstição... a pessoa vai se desligando dessa imagem do Diabo com rabo e com chifre.. do bicho-papão que está li no mato esperando, do inferno com um caldeirão e alguém com tridente na mão esperando você... da história que o indivíduo depois que comete alguns erros na terra, alguns pecados, está condenado ao inferno eterno... então... mostra para o indivíduo que os índios são exatamente seres humanos como nós, o negro é como nós, o asiático é como nós... são graus de compreensão diferentes, é só isso. É um grau de compreensão diferente porque a cultura dele, a maneira que viveu... o próprio espírito ta em processo evolutivo e tem um grau de compreensão diferente, e a gente tem que saber respeitar isso.

Thiago: Acho legal você falar um pouco sobre o seu ritual, como ele funciona... como você faz para chegar nesse objetivo.

Rogério: Quando nós criamos essa instituição...

Bruno: Só uma coisa, pra esclarecer: tem uma lá em Rondônia?

Rogério: Tem uma casa de feitiço em Rondônia.... Quando nós criamos a instituição.. quando nós criamos a instituição porque a Ayahuasca existe a milhares e milhares de anos... nós não criamos nada, só a instituição, o Centro Espírita Beneficente Natureza Divina, e o Centro Espírita, ele muda, ele é mutável. Porque ele é composto de prédio, de madeira, de cadeiras, enfim, de simbologias, e ele é mutável, é cíclico, não é estático, pode mudar a qualquer momento. Essa igreja pode ir pra frente, crescer pra cá, para os lados. Pode colocar mais vitrô, entrar mais pessoas, que a finalidade da instituição física é acomodar as pessoas aqui dentro, só... só... Então pra São Paulo, foi criado algumas situações para atender a população do estado de São Paulo, as cadeiras que são colocadas aqui, a maneira de ser projetado o prédio, enfim, tudo isso é pra atender São Paulo... Evidentemente que Rondônia é um outro estado, uma outra temperatura, o grau de entendimento do rondoniense difere do povo de São Paulo... Então pode ser mais simples, e muito mais funcional, inclusive... Então a instituição, ela é criada no ano 2000, vindo pra São Paulo, deixando em Rondônia uma casa de feitiço, onde é preparada a ayahuasca que é servida aqui... Duas vezes por ano a gente vai lá e prepara o feitiço do chá.. E o ritual é eclético... apesar de chamar centro espírita Beneficente Natureza Divina,

esse “espírita” tem uma conotação muito mais alta do que... as pessoas imaginam espírita, espírita kardecista... tem essa idéia.. espírita está voltado assim para o espírito, no sentido espiritual...

Bruno: A alma?

Rogério: É... Inclusive por haver essa conotação com o kardecismo, de ligação com o kardecismo... Não quer dizer que não estamos ligados, não estamos ligados cem por cento, só na egrégora do kardecismo... Há um fio de ligação sim, mas há um fio de ligação com o budismo, com o cristianismo... Um fio de ligação com o islamismo, enfim, tem um fio de ligação com um tanto de religião... E tudo que é bom da religião nós trazemos para nós, de qualquer religião... Qualquer ensinamento divino de qualquer mestre religioso é bem vindo aqui... Então por haver essa conotação, ligação direta, fazer essa ligação com o espiritismo, ou seja do candomblé, ou da umbanda, ou seja da linha kardecista, esse nome está sendo mudado. Então esse ano que estamos agora, em 2005, vai ser mudado para Centro Eclético Natureza Divina. Pra tirar essa conotação que ficou na cabeça das pessoas. Abrir mais esse campo de interpretação. então o centro tem um ritual eclético, ele permite e aceita os ensinamentos de outros mestres além do mestre Yajé, apesar do Mestre Yajé ser o pilar, a fundação principal da instituição, seria assim a pessoa, o espírito de luz que carrega toda a instituição, carrega todas as pessoas da egrégora da ayahuasca, ele aceita que entrem outros mestres que venham ensinar qualquer coisa que possa trazer equilíbrio e firmeza para qualquer pessoa aqui dentro, dentro da religião dela, mostrando que não existe intolerância para a fé, não existe

intolerância para a fé... Para a fé, é tolerante para qualquer religião, e trazendo assim, abrindo os braços para todas as religiões se unirem, num ideal comum de evolução, de busca do divino... então dentro desse contexto, nosso ritual é eclético, você vai ouvir músicas que falam sobre o cristianismo, ouvir músicas que falam sobre o budismo, ouvir pedido de mensageiros que falam sobre o budismo, que falam sobre o islamismo, enfim, sobre diversas religiões... ver algumas simbologias... hoje, por exemplo tem a simbologia de uma cruz, vazada no centro, uma cruz sem cristo, mostrando a ressurreição de Cristo... O Cristo sem o sofrimento da cruz... Ele dentro do próprio indivíduo, e não na cruz... Hoje a simbologia é essa, mas nem sempre foi essa... Há três anos atrás era outra... Ela se recicla a cada três anos... Cada três anos é colocada uma nova simbologia dentro da igreja, e ela passa a representar todas as religiões... Não tem o espaço físico para colocar a simbologia de todas as religiões, então colocamos de uma que representa todas, e a cada três anos é reciclada e é colocada uma nova.

Bruno: Eu lembro que antes tinha aquele judaico...

Rogério: O menorá, o menorá judaico, durante três anos permaneceu ele... E nós estamos com a cruz há quase um ano, daqui a dois anos vai sair a cruz e vai entrar uma outra simbologia, de uma outra religião... E não importa a religião não... Se for uma a religião que procura aproximar o homem de Deus, a instituição está aberta pra receber a simbologia dela, e, num período, vai ter essa simbologia dela aqui dentro... Pode ser daqui a um ano, sessenta, noventa, não importa, vai ter a simbologia dela aqui, e ela representando naquele momento todas as religiões da terra... Então hoje é o

cristianismo... É o símbolo cristão... Mas amanhã pode ser o símbolo de uma religião lá da Índia, que tem 200 pessoas, 100 pessoas... Não importa, é a fé daquelas pessoas, é a fé daquelas pessoas... Se existe uma ligação com o divino, é muito bem vindo entre nós...

Ricardo: No ritual as pessoas permanecem sentadas, existem outros rituais, em outras entidades, que trabalham a dança, por exemplo... Como é que é isso, porque que é assim?

Rogério: Nós entendemos que o ritual sentado, a pessoa em silêncio, facilita a concentração dela, e ela possa absorver tudo o que existe de melhor dentro da ayahuasca... quando a pessoa se levante, dança, a gente vê que pode, um pouco da energia da ayahuasca pode se dissipar naquilo, por que a pessoa tem que se preocupar no andar, no falar, no dançar, no ler, e aí a pessoa não tem 100% de concentração na força e na luz da ayahuasca para poder receber tudo de bom que ela traz... Não que o trabalho de dança, de cantigas, não seja bom, é só uma outra maneira de ver e outra maneira de fazer que nós entendemos ser melhor assim... Talvez haja pessoas no Daime, ou em outra instituição que dançando, e cantando, e bailando ou lendo, consiga fazer um bom trabalho... Nós entendemos que não. Que o nosso jeito pra nós é melhor assim... Não quer dizer que pra eles não é bom... O que pra mim não é bom, pra outra pessoa é... É o grau de compreensão dela, e a gente respeita isso... Pra nós aqui nós entendemos que o melhor jeito é esse...

Bruno: Te permite refletir mais?

Rogério: Com certeza. Se interiorizar mais... O silêncio é imprescindível pra nós, assim, para o nosso entendimento, assim, para um aproveitamento assim, maior da força e da luz da ayahuasca...

Thiago: E as musicas que tocam no ritual, as coisas que você fala, tem uma certa ordem a ser seguida, ou é mais espontâneo...

Rogério: Depende muito da sessão, depende muito da sessão... Sessão de novato, por exemplo, ela tem alguns pontos definidos já. Então um ponto definido, a finalidade da sessão de novato é que a pessoa tenha o contato com o chá, com a Ayahuasca e dentro dela possa despertar o divino... Não tem, e se existir, é muito pouca correção. A doutrina não é, assim, tão estreita em cima das pessoas, por quê? Porque a pessoa está chegando agora... Ela tem que primeiro entrar em contato, sentir o divino dentro dela, então vamos dizer é uma sessão, vamos dizer assim, mais leve... Mais leve, no sentido leveza, a cobrança interna de cada um... A cobrança é menor interna... É só o despertar... Numa sessão de escala, já está o espírito desperto e, portanto, pode-se mostrar as imperfeições que existem no espírito e o que ele deve corrigir... E o que ele pode corrigir... E aí dentro desse poder e dever, se lança o livre arbítrio para ele. Ele só faz, só corrige se ele quiser... Se ele falar não vou corrigir, bem, paciência... Mas a ele são dados o poder e o dever... Se você não faz, é parte da sua compreensão... Se você entende que não deve corrigir isso, parte da sua compreensão... Entende também que o seu processo evolutivo tem uma interdependência com essa correção ou não... Sempre tem essa consciência, que está

relacionado com o grau evolucionar de cada um, a correção ou não das imperfeições espirituais... Então, a pessoa ela adentra da instituição e participa do primeiro trabalho, e é despertada, vai pra sessão de escala, e a sessão de escala é uma sessão de grau, onde é ensinada uma coisa dentro do grau dela... Aqui também tem sessão festiva, que está intimamente ligada ao calendário festivo do centro, algumas datas festivas do centro; tem sessões orientativas, tem sessões apenas para o quadro de vigilantes, é o grau do vigilante.

Então depende muito da sessão, de como é o ritual, as músicas que são colocadas, são os pedidos de mensageiros que são colocados, então cada sessão, apesar de existir pontos pré-definidos do que vai ser feito, muita coisa é dentro da própria sessão. Por exemplo, uma pessoa lança uma pergunta, dentro daquela pergunta abre um leque enorme de interpretações, de cada um, dentro da compreensão de cada um, e a ayahuasca põe a maneira de ver da ayahuasca, e a pessoa examina e confronta com aquilo que ela pensa, e aí, examina... se ela achar que deve entender daquela maneira que a ayahuasca mostra, bem, se achar que não, tá livre... dá essa liberdade... ou não vejo assim, vejo de outra maneira, muito bem.. Mas continua examinando isso daí que foi dito, guarda no seu banco de memória, de vez em quando acessa e examina, e se dá essa oportunidade pra você examinar um outro ponto de vista...

Thiago: Para examinar o ponto de vista dela também, né?

Rogério: Examinar o ponto de vista dela mesmo. E quando você examina o outro ponto de vista, você obrigatoriamente tem que puxar o seu, não tem outro jeito, o seu

referencial é o seu ponto de vista, e examinando o seu ponto de vista, pode ter certeza que nesse outro que foi colocado aqui, tem coisas que se você não pegar na totalidade, algumas coisas sai daqui de bom e entra no seu. Alguns pontos... Ó, esse daqui encaixa aqui, esse encaixa aqui, esse encaixa aqui.... “Eu posso usar, olha como eu posso usar isso daqui...” isso que foi ensinado, no meu ponto de vista, e facilita a compreensão.. mais lá na frente, é outra história... coisas que eu não entendia quando tinha 18 anos, 20, com quarenta e quatro eu entendo melhor, porque houve uma passagem de tempo, houve uma bagagem, bagagem de vida de ensinamento, de compreensão, de entendimento, de aceitação, de prática... e hoje de ensino, e dentro de tudo isso houve uma mudança de alguns conceitos básicos que eu tinha lá atrás, o homem vai mudando, ele é cíclico, graças a Deus que somos cíclicos, podemos mudar, mudar de opinião a qualquer momento que for necessário, e poder escutar outras opiniões, ter essa abertura.

Então dá essa abertura, mostra a visão da ayahuasca, e dá a oportunidade do individuo interpretar da melhor maneira que ele achar que deve interpretar. Sem forçar nada, só dá novamente... Eu reitero que é um novo ponto de vista, ou um ponto de vista que ele já tinha e só adicionou mais conhecimento para ele. Independente seja esse ponto de vista cristão, hebraico, não importa.

Kleber: Já que você tocou nesse assunto, nessa questão, eu queria um comentário sobre a consciência, e a expansão da consciência, a consciência expandida no trabalho.

Rogério: Por exemplo, estamos na consciência plena do que está acontecendo aqui nesse momento. Utilizando assim das nossas faculdades mentais, intelectuais, e

buscando um entendimento do funcionamento da ayahuasca com o indivíduo e com o divino, essa interação. Aqui, numa consciência plena, material. Utilizando o conhecimento que a gente já teve, desde a infância. Utilizando também um conhecimento ancestral, genético humano que vem vindo de milênios, pré-histórico, está no nosso código genético isso. Bem, essa consciência é totalmente diferente de uma consciência expandida. Quando você expande a sua consciência, através da ayahuasca, você abre um portal dimensional. Neste portal, lá existe um mundo diferente do nosso.

E esse mundo diferente do nosso, do nosso, assim, material aqui, a pessoa ou acredita, está convicta, ou não acredita, ou não acredita. Por exemplo, Deus, ou a pessoa acredita, ou não acredita. Não tem outro jeito, acreditar que a ayahuasca abre portais espirituais e a pessoa pode acessar o mundo espiritual, é fé. Porque se eu sair desse contexto de fé, eu vou entrar no contexto científico, e vou dizer, isso é a Dimetiltryptamina, ou a Harmina, que tá aumentando o nível de serotonina no cérebro, e não sei o que...eu vou trazer todo um conceito filosófico, científico para a situação, e aí eu parto pro lado científico. E não é isso que nós estamos buscando aqui. Não é isso. Se eu imaginar dessa maneira, a ayahuasca é uma droga. Se eu ver dessa maneira, a ayahuasca é uma droga. E só quem bebe ayahuasca, sabe que ela não é uma droga. Então, é assim: ou você acredita em Deus, ou não acredita em Deus, se você acreditar em deus, está dentro de você aquilo, você pode acreditar em Deus e ser taxado como louco. “cadê a prova científica de que ele existe?” Não tem, não tem prova científica. Algum dia Deus desceu para falar com uma pessoa num plano físico assim, fez um milagre num plano físico que você viu, alguma coisa documentada cientificamente... Não tem. Então posso dizer que se você acredita em Deus você é louco. Isso falando do modo científico.

Bruno: Mesmo se tivesse essa comprovação, a gente ainda poderia duvidar de que é verdadeiro.

Rogério: Isso falando do modo científico. Você vir pro modo religioso é totalmente diferente. Totalmente diferente. Tudo aquilo que nós fazemos aqui, é porque nós temos fé. Porque nós participamos disso, porque nós vivemos isso, porque nós enxergamos isso, porque isso tá dentro de nós. É a nossa visão, a nossa forma de entendimento. Então nunca pode relacionar a ayahuasca com a ciência. Porque nós vamos chegar num ponto em que ela abre um caminho totalmente diferente um do outro. Um quer explicar, e o outro quer que o outro sinta. De qualquer maneira quer explicar, por metodologia científica, e o outro é só o sentir, é só o sentimento. São valores assim, totalmente diferentes. Nesse sentido, dificilmente vai haver uma interação lá na frente. Dificilmente. Isso não é só na Ayahuasca não, qualquer religião. Pra gente entender isso melhor é só... Todos nós freqüentamos o 1º e 2º grau, e lá nós aprendemos que o homem veio do macaco, pronto. Isso derrota completamente qualquer conceito religioso que possa existir em qualquer religião na face da terra. Da Terra! Hoje na Terra! Qualquer religião não fala isso. Mostra a divisão, a cisão, entre a ciência e o religioso aí.

E se você não escrever isso na prova, lá no colegial, você é reprovado. Escreve lá, “não, eu nasci de Adão e Eva”, escreve isso na prova. Isso mostra que a ciência bate de frente com a religiosidade. Então vai lá, pega um ancestral, homem de neandertal, australopithecus, enfim, pega lá qualquer ancestral hominídeo, e tenta demonstrar que aquilo ali foi o início da humanidade. E assim ele vai voltando, vai voltando, vai

voltando, volta 14 milhões de anos, por exemplo, voltou lá, mas como é que eu sei? Como que eu defino que esse indivíduo, que esse indivíduo que acharam lá, não havia dentro dele uma busca pelo divino? Que ele não entendia diferente isso? Como é que eu posso avaliar o grau de inteligência dele? Há 14 milhões de anos, se eu não consigo nem o meu, nem o MEU, não tenho consciência plena do que eu conheço, do que eu sei, do meu grau de inteligência. Eu próprio me desconheço. O próprio ser humano de hoje, de agora, do nosso século não se conhece na totalidade, vai conhecer um homem de 14 milhões de anos atrás?

Kleber: Você acha que isso acontece por quê? Porque a gente não consegue ter esse entendimento, mas ter um entendimento sobre a sua vida, sobre sua existência?

Rogério: É assim, o homem tentando entender outras coisas ele deixou de entender ele mesmo. Por exemplo, a psicologia existe a quantos anos? A ciência psicologia?

Bruno: Cem anos...

Kleber: Cento e poucos anos...

Rogério: Cento e poucos anos! Sabe há quantos milhões de anos existe a humanidade? E há cem anos o homem procurou entender a si! Foi ontem! Foi ontem que

o homem buscou... “Pera aí. Deixa eu me entender, deixa eu ver exatamente, pensar um pouco sobre mim.”

Thiago: Mas isso de forma mais científica, né? Você pensa...

Rogério: Mesmo que seja de uma forma científica, ele está buscando o conhecimento próprio. Vamos dizer, se você buscar... Vamos trazer para a idade média, por exemplo... Na idade média eram muito poucos os homens que buscavam o auto-conhecimento, o homem estava envolvido com guerra, com toma terra de um, de outro, enfim. Era outra situação, vivendo outra situação. Se você volta à época romana, ou bárbara, o homem muito pouco se voltava pra si. Muito pouco, ta começando a desenvolver essa aptidão de descobrir a si mesmo. Então fala assim “mas Freud disse isso... eu não concordo...” sim, mas abriu um portal pra você conhecer mais coisas... foi através disso que você começou a pensar. Ele te forneceu uma informação, e daquela informação a pessoa começou a acessar outras informações... abriu um portal de descobrimento. Abriu um portal. E assim os filósofos que viveram na humanidade toda, nesses tempos que conhecemos, abriram portais pra gente descobrir um tanto de coisas. Independente de se estavam certos ou não, o que importa é que abriu. E vêm abrindo. E vem abrindo. O que nós fazemos aqui, se for trazer pra um conceito mais material, mais plano físico... Abre condições pra que o individuo conheça a si mesmo.

Se partir pra um plano científico, estudar e falar assim vamos sair do plano espiritual, vamos imaginar a ayahuasca como um plano físico então, só plano físico... vamos imaginar que tivesse aqui cinco cientistas sentados, só visualizando o campo

científico da ayahuasca. “O que é que vocês fazem aí?” Qual o objetivo de vocês, plano físico. É interiorizar o indivíduo, é ele conhecer a si próprio, e, portanto ele corrige as imperfeições dele. Pronto! Se a ciência quer entender assim, ótimo! Pode entender assim. Para nós não vai mudar absolutamente nada, nós vamos ficar aqui bebendo o chá, se interiorizando, vendo um tanto de coisa nossa, acessando o divino...

Thiago: Mas você acha válido essa compreensão da ciência?

Rogério: Veja só, sempre houve, assim, um embate. Como a ayahuasca não é embate, não é embate. você entende dessa maneira, a ciência entende dessa maneira bem, entenda aí, não tem embate, é, assim, a liberdade, novamente dentro da liberdade de pensamento, de.. pra pessoa, dentro do livre arbítrio dela entender do jeito que ela quer... se ela não aceita a religiosidade, e aceita só o científico... e vê que a ayahuasca abre esse portal dimensional e pra pessoa acessar o interno dela, e portanto, daí melhorar as imperfeições dela, ótimo! Sem problema nenhum, tamo assim... se ela quer entender isso como uma substância, que ativa outras substâncias do cérebro, e portanto a pessoa consegue abrir a consciência, abrir os portais do inconsciente, e poder ali se enxergar, enxergar algumas imperfeições, e perfeições dela, né... descobrir alguns tapetes, abrir alguns armários antigos, acessar informações antigas, e que isso traga algum benefício pra ela, ótimo também. ótimo também.. Então não entramos num embate com a, com a ciência... Deixamos o livre arbítrio dela, pra pensar da maneira que ela quiser pensar, da maneira que ela quiser pensar, que quiser achar. E nem por isso... eu, por exemplo, sou um homem voltado pra ciência, tanto que sou médico. Homem voltado pra ciência. nem

por isso faço da ciência uma forma de guerra, forma de guerra contra a minha religiosidade. Por exemplo o meu lado médico tem um conceito. Ta lá guardado. Mas eu sobreponho o meu lado espiritual. Mas o conceito médico ta lá guardado, ta ali ele, eu aprendi! De vez em quando eu acesso ele pra algumas informações relacionadas com a coisa material. Mas continuo ele lá e deixo o espiritual sobressair.

Bruno: São diferentes, né?

Rogério: São diferentes, não estão competindo.

Ricardo: Qual a diferença que você encontra assim no estado que a pessoa fica, assim, sofrendo mais com aquilo que está acontecendo e o outro que a pessoa ficam em miração, não sei direito como é aqui...

Rogério: Esse estágio de sofrimento que a ayahuasca por alguns momentos durante o período da sessão, a pessoa pode passar por algumas situações dessas de sofrimento, são resquícios dela mesma, eu enxerguei algumas coisas terríveis, sim, mas elas estão dentro de você, a ayahuasca não tem coisas terríveis. O terrível está dentro de você. Ela só acessou isso, ela abriu o despertar da consciência, e você abriu o armário. E lá estavam esses monstros. Agora, tem que haver um trabalho pra retirar esses monstros. E geralmente são monstros que você colocou aí dentro. Não foi os outros que colocou. Ninguém abre as portas do seu inconsciente e coloca um monstro lá dentro, sem você permitir. A não ser que você foi pra um campo de concentração e sofreu uma lavagem

cerebral! Do contrário, no seu intelecto desenvolvido aqui que você tem, e dentro do seu livre arbítrio que você tem, andando pra lá e pra cá, você deixou que entrasse monstro aí dentro, foi você que permitiu isso. “Ah! Eu vi umas coisas terríveis, porque eu não me dou bem com a minha mãe, não me dou bem com o meu pai, porque eu matei uma pessoa, porque eu roubei tal coisa, porque eu usei droga”. Sim! Tudo isso são imperfeições que você precisa... ser corrigidas. E você abriu um armário e se encontrou com elas! São suas. E isso provoca uma reação física na pessoa, porque aquilo mexe demais. Mexe demais e a pessoa acaba entrando num processo de sofrimento, mas isso é uma coisa passageira. E quanto mais ela luta pra não ver aquilo, mais ela sofre. Quanto mais luta. Quando há a aceitação, fala “bom, então eu entendi isso aqui, ta acontecendo isso e isso, e é preciso que tome algumas atitudes.” Pronto, cessa o sofrimento. Agora, tudo isso já tá embutido na história da fé. Se nós formos pro lado científico é uma sobrecarga de serotonina e não sei o que, e aí vai daí por diante. Né... Então tem que vir pro lado da fé... Se for pro lado científico, já tem outra explicação isso. “ah, vomitou porque tem uma sobrecarga de diamitina, uma substância, e a substância provocou o vômito.” É o lado científico.

Eu conheço criança que bebeu a mesma quantidade de ayahuasca que um adulto, eu conheço, já vi isso várias vezes... E a criança ficou em paz, e o adulto se virou no avesso quase. Tinha a mesma quantidade de diamitina, era o mesmo chá, beberam juntos, “Ah, mas é um organismo diferente do outro”... tudo bem, sim, mas o outro é criança! Inclusive é muito mais sensível. Então a ayahuasca, dentro desse aspecto é o mistério da fé... É o mistério da fé. Aí não tem como discutir, não tem como debater isso. Ou você acredita que aquilo faz parte de um contexto espiritual, ou você acredita que aquilo faz

parte de um contexto científico, determinado por substâncias químicas. Ou um ou outro. Ou você pula num barco, ou você pula um outro barco.... nos dois, nos dois barcos não tem jeito...se colocar um pé num barco outro no outro, rasga as pernas, porque não tem como andar nos dois barcos ao mesmo tempo. (risos)... Isso é um fato. Voltamos para a história lá, olha, Deus tá no céu.. Deus existe lá no céu, tá lá, tá aqui, ta dentro de você... Ou acredita ou não acredita nisso. Ou você acredita, e ta dentro do âmbito religioso da fé, ou você não acredita e você é louco. Porque você acredita em uma coisa que não existe, que a ciência diz que não existe. Então é uma coisa ou outra, então a gente nunca pode trazer essa relação entre ciência e religiosidade, junto querendo intercalar um com o outro assim... Porque sempre vai ter embate. A ciência sempre tem que provar de alguma maneira. E a religiosidade sempre tem que trazer a fé...isso, desde que existe religião e ciência, ta aí. Então, sobre a peia, nós chamamos de peia essa situação, ela é passageira, nem sempre acontece, quando acontece tem um motivo, pode acontecer com dez, quinze, vinte, todas as pessoas, ou com uma só, ou com nenhuma. Quem participou de diversas sessões aqui sabe disso. Bebe-se o mesmo chá, portanto com as mesmas substâncias fito químicas das plantas, que está no mesmo chá que todos bebem. As pessoas têm comportamentos e sensações diferentes umas das outras. A explicação científica é uma a explicação religiosa é outra, e no grau de compreensão de cada um. Dentro do grau espiritual de cada um, vem lá, consegue ver algumas coisas, sentir algumas coisas, resolver algumas coisas, ou sofrer outras coisas. No fundo, é... só bebendo ayahuasca para entender isso. É como uma pessoa que nunca tomou coca-cola, o outro chegar e falar assim: “Isso daqui é uma coca-cola” e o outro fala “e o gosto, como é que é? Explica pra

mim.” Você pode explicar do jeito que for! A outra vai ficar olhando assim.... “Sim, mas com o que que parece?” Eu na conheço nada na terra que se pareça com coca-cola! (risos)

Bruno: É, né?

Rogério: Então não tem como explicar alguma coisa que só você saboreou, só você sentiu. Por mais que você tente explicar aquilo, a pessoa vai ficar olhando assim, “mas é uma bebida preta, é estranho isso aí... mas você falou que é gasoso, eu entendo o que é gasoso, mas e o sabor?”.... “o sabor é gostoso, mas...como é que eu vou explicar isso?” enquanto não beber a coca-cola, não tem jeito de saber.

(...)Na ayahuasca é mais ou menos assim, você aprende com o mestre Yajé. Ele ensina, algumas coisas ficam muito bem sedimentadas no banco de memória, outras ficam mais ou menos, porque é um conhecimento muito grande. E aí, quando surge algum questionamento dentro da sessão, acesso o contexto. Eu acesso o contexto. E o restante é o mestre que traz. Se eu não tiver o conhecimento pleno daquilo ali, o mestre traz o restante. Eu só acesso o contexto, o contexto geral, vamos dizer assim, a essência da coisa. Dali pra frente se eu for me perder, ele dá seguimento.

Bruno: Como se você fizesse a ligação dele...

Rogério: A ligação dele com aquele questionamento.

Thiago: Mas você está ali.. digo consciente ali assim, você percebe que é o mestre que está ali te passando isso?

Rogério: Sim, é uma consciência expandida, é uma consciência expandida, só que como existe assim, uma ligação maior, pelo tempo de vivência, uma ligação mais estreita com ele, ele consegue passar com mais facilidade pra mim.

Thiago: E você passa pra gente, né?

Rogério: Isso. É como uma pessoa que está acostumada a ouvir pássaro na floresta. Um ornitólogo, por exemplo. Se a gente entra na floresta, nesse momento, agora, tem pássaro cantando na floresta, é que não estamos prestando atenção. Mas tem. Um ornitólogo pára aqui assim, e fala “Ó, tem um passarinho cantando, e é tal passarinho!” porque ele conhece o som, já, e sabe definir dentro da mata os sons que existem.

Bruno: Tem discernimento...

Rogério: Tem discernimento para isso porque foram anos de prática, ali.

Thiago: É uma relação mais íntima com...

Rogério: Mais íntima! É...

Ricardo: O estado de miração, como seria isso assim, pra você?

Rogério: A miração é um termo usado pelo povo do Santo Daime, nossos irmãos do Santo Daime... Nós não usamos esse termo aqui. Trazendo para uma compreensão mais terrena, miração é algo que não existe. O homem está no deserto, vê uma piscina, com uma garrafa de água gelada boiando na beira da piscina, no meio do deserto. Evidentemente que aquilo é uma miração, é alguma coisa criada pela mente dele. Pra satisfazer, inclusive, uma necessidade dele. Ele queria, naquele momento, ter uma piscina de água, e uma garrafa de água gelada transbordando ali. Uma jarra de água. Então a miração é isso, pra nós. Dentro da consciência expandida da ayahuasca, você pode vislumbrar, ver, ouvir ou sentir sensações e ter acesso ao mundo espiritual, e não ter nenhuma miração. Aquilo que você está vendo aquilo é concreto, aquilo existe do outro lado, e está aí relacionado diretamente com a sua fé. Quanto maior for a sua fé, a sua crença, maior a sua visão, maior a sua audição, maior a sua sensação, maior a sua percepção, isto está diretamente relacionado com a sua crença e com a sua fé. Senão, quanto menor a crença e a fé, parte pro lado da miração. Aí você vê só aquilo que você quer ver, ou aquilo que lhe satisfaz, ou aquilo que você não acredita, porque se é miração, não existe, portanto você acredita.

Então, isso, são essas as diferenças entre a ayahuasca e o Santo Daime... essa é uma das diferenças, e não adianta colocar explicações mirabolantes em cima disso. A palavra é clara, miração, o que é miração, é isso, pronto! Já definiu a história, qualquer coisa que se crie em volta disso é demagogia barata, então é claro, o que é miração e o

que não é miração, pronto. Nós aqui não miramos. Eu vi uma pessoa falar uma vez que mirar vem do espanhol mirar, ver... Não, mirar é uma história, miração é outra história, não adianta tentar corrigir essa historinha, porque já foi dito... mesma coisa, você disse uma coisa está dito, pronto, tem que assumir, pronto, não ficar tentando acochambar a história, “não porque não é bem isso...” Assume, pronto.

Bruno: Voltando ao negócio do ritual, assim, daí você faz alguma preparação antes do ritual?

Rogério: Preparação, eu procuro me alimentar bem pouco, procuro passar um dia, assim, tranquilo, aqui no sítio, ficar aqui conversando com os irmãos, deitado, repousando, enfim, ter um dia assim, tranquilo para que durante o trabalho eu possa desenvolver um trabalho melhor, né... Estar em condição de auxiliar, me auxiliar e auxiliar a irmandade... não existe uma preparação específica, vou comer isso, não vou comer aquilo, vou beber isso, não vou beber aquilo... a preparação básica da história é a pessoa durante o dia em que vai ser realizada a sessão, ela estar dentro de uma frequência de paz, serenidade, o espírito bem tranquilo, assim, para poder receber essa luz divina da ayahuasca quando chegar o momento. Num trabalho de sábado, pra não interferir no meu trabalho aqui, porque é uma outra energia, a energia da ciência médica, e quando eu estou ali no consultório eu estou desenvolvendo ali a ciência médica, portanto estou voltado pra ciência, pra cura da doença física, portanto voltado só pra aquilo. Então no sábado eu não desenvolvo isso, pra que não entre essa energia da ciência médica dentro da história da espiritualidade. Deixo isso pra de segunda a sexta-feira.

Bruno: Pra ficar bem direcionado...

Rogério: Bem direcionado para aquilo que eu vou fazer. Saber dividir, isso é importante. Muito importante.

Bruno: Queria saber o que é a vida pra você, o que é algo estar vivo?

Rogério: Essa... Essa pergunta, quando você fala em vida, você imediatamente fala em morte, porque estão interligadas essas duas situações, né? Uma vez uma pessoa perguntou isso daí pra mim e eu respondi: “Eu vou responder a sua pergunta, só que antes eu vou lhe fazer outra, o que pra você é morte?”, eu perguntei pra pessoa.

Ela falou, “morte é tudo aquilo que não está vivo”. Eu respondi “Vivo é tudo aquilo que não está morto.” Percebe que é um ciclo? Percebe que é um ciclo? Então, essa linha que separa a vida da morte, é uma linha muito tênue! O que hoje está vivo amanhã está morto, está vivo, e está morto.... num sentido material, num sentido material. É cíclico. natureza tem uma transformação cíclica, né? Morre uma árvore dessas, cai, se transforma adubo para que possa fornecer substância para que outra planta consiga sobreviver nesse solo, e viver de novo, e assim por diante, é cíclico. A árvore nasce, solta uma semente, daquela semente nasce outra árvore... Essa coisa cíclica é a vida. E dentro desse cíclico, tem que haver a morte. Física. Física. Dentro do planeta terra. Com relação à vida, só, estritamente vida, só estritamente vida espiritual, não existe morte. Só existe vida. Só vida.

Se eu acreditasse, ou se tivesse convicção de que existisse morte espiritual, nada disso que eu estou falando aqui dentro, dessa instituição, nada disso que eu acredito, tenho convicção, teria sentido. Então tudo isso que eu falaria aqui, ou falo, ou tudo isso que eu falei, e venho falando, e vou continuar falando, não tem sentido. Seria demagogia minha, estaria fazendo um trabalho como um furo n'água. Eu tento inclusive o tempo todo passar que o espírito, não existe morte para ele. Ele sempre está vivo, porque se eu acreditar na morte do espírito, eu não acredito que Deus é eterno... E se eu acredito que sou uma parte de Deus, se eu morro, portanto Deus morre também. E se Deus morre, acaba toda a minha convicção, desse Deus eterno que me criou, criou vocês, criou toda essa natureza, e vai permanecer sempre indefinitivamente. Por toda a existência que existir o universo ele vai estar aí presente... Então acreditar na morte, acreditar na minha morte espiritual é acreditar na morte de Deus.

Ricardo: Como você acredita na vida após a morte, você acredita que a pessoa possa vir a encarnar novamente...

Rogério: Com certeza, eu acredito, tenho convicção disso. Ela tanto pode, como deve encarnar novamente, é um processo evolutivo... Nesse aspecto, nós convergimos, é uma convergência com o kardecismo... É uma convergência com o hinduísmo. Que o homem passa por várias fases de evolução, dentro de um processo reencarnatório. Importante mostrar que nesse aspecto estamos convergindo, que nesse aspecto estamos convergindo com essas duas religiões... Às vezes com outras mais, que eu até desconheço. Que tenha a mesma forma de pensar que nós. E nesse aspecto nós

divergimos com o Cristianismo. Que não vê assim, que vê que o indivíduo morre e não volta mais. Mas nem sempre foi assim... O cristianismo, lá no passado, no início não era assim... Mostra novamente a mão do homem mexendo com a religiosidade, e modificando algumas coisas. Então para nós, o processo reincarnacionista é perfeitamente plausível e é justamente o que acontece no processo evolucionista de cada ser.

Bruno: Então, nesse processo evolutivo você acha que pode-se chegar num topo?

Rogério: Com certeza, e aí quando chega nesse momento já não há a necessidade de reencarnar nesse plano aqui, num outro plano dimensional em que a pessoa entre aspas “reencarna” e passa para um processo evolutivo de uma outra forma já num grau de evolução, de entendimento de compreensão já bem diferente do nosso, chamo isso de espíritos mais evoluídos e com o passar do tempo, nós vamos chegando, cada um vai chegando nesse grau, pessoas que vão ficar mais tempo na terra, pessoas que vão ficar menos tempo, mais, todos passam por esse estágio.

Uma pessoa disse para mim num dia, o senhor acha que o mundo vai acabar? E aí eu disse para ela: quando não houver necessidade mais da terra do plano espiritual, não houver mais necessidade dela aqui, não existe mais, enquanto houver essa necessidade ela vai tá aqui, porque , faz parte do nosso processo de evolução, tirar ela daqui hoje, o criador vai ter que arrumar um outro planeta pra gente? Como que agente vai fazer? Se já tem esse daqui? Então é consenso isso, o planeta não vai acabar, pode acontecer um tanto de coisas aqui claro que nos estamos vivendo na terra, tem tempestade, tem chuva,

terremoto, tem tudo isso, os homens por falta de bom senso, constroem casa na beira de barranco, em lugar onde tem fissura, onde há terremoto, então tem essas coisas, o sujeito constroem uma cidade, numa falha geológica, onde toda semana ta lá acusando um tremorzinho e ai quando acontece um tremor violento, morrem milhares de pessoas, daí as pessoas ficam se lamentando, e ficam dizendo, há como que aconteceu isso? A como que aconteceu isso? Falta bom senso pra você, como que vai construir uma casa ai? Se a pessoa tivesse pensado não teria acontecido.

Lá no Japão, o pessoal constrói casa em volta de vulcão, daí faz um barulho... “Não, acho, ACHO que não vai acontecer nada...” Como acho que não vai acontecer nada?!

Thiago: É, né, uma hora vai acontecer....

Rogério: A qualquer momento aquilo pode entrar em erupção.... Gases venenosos, um tanto de coisa saem de ali de dentro, a pessoa fala.. “Ai, mas aconteceu, como que aconteceu isso...”

Que falta de bom senso. Aí culpa o criador. “Oh, Deus, onde é que estava Deus nesse momento, que não veio aqui para auxiliar nós?”

Mil oitocentos e quarenta e seis, se eu não me engano aqui, não falhe a minha memória, dia de todos os santos em Portugal, em todas as casas havia velas acesas, comemorando o dia de todos os santos. Às 21h30min da noite, houve um tremor de terra, morreram milhares e milhares de pessoas. Eu não me recordo em que cidade que foi. Portugal é justamente debaixo, tem uma falha geológica bem embaixo da cidade... Claro

que naquela época não existia tecnologia o suficiente para saber que ali existia uma falha geológica... Mas o ser humano é... ele é perceptivo, começa a tremer a terra aqui, ele só fica aqui se ele quiser.

Kleber: É a liberdade de escolha...

Rogério: É a liberdade de escolha, “quero ficar aqui”; Bom, isso aqui pode rachar e você entrar dentro! Bem,então fica, ué. “Eu vou construir uma casa, lá no Rio de Janeiro, numa favela, num morro, a 180 graus. Eu vou fazer uma casa.” Sim, olha só, é um morro, 180 graus! Chuva violenta aqui, desbarranca e cai com tudo. “Não, eu vou fazer.” Ah, caiu, morreu fulano, Beltrano, filho.. “Meu Deus, Meu Deus, como aconteceu isso?” Como assim, como aconteceu isso? (rindo) Você sabia que ia acontecer isso... Você sabia que aquilo ali podia acontecer a qualquer momento. Então veja só... É o livre arbítrio, a pessoa vai lá e faz, e aí tem que achar um culpado pra história. É muito mais fácil culpar a outra pessoa do que culpar a si próprio, né?

Ricardo: Pra você qual a diferença entre o espírito homem, e o espírito árvore, os animais, a natureza?

Rogério: Cada planta dessas que você vê aqui na mata atlântica, nós estamos podendo assim, observar a mata atlântica aqui, cada planta dessa, ela tem uma energia própria dela. Uma energia própria. Essa energia tá presente na terra o tempo todo, ta presente entre nós, ta se interagindo conosco... Interagindo conosco... Não tem um

espírito ali. Essa árvore não raciocina, não tem um raciocínio como o nosso. Mas existe uma energia ali. Não precisa ir longe. Bebe ayahuasca e você vê a energia dela! E toda planta tem a sua própria energia. É que o homem não conhece na totalidade todas as plantas, mas cada uma tem a sua energia. E no mundo animal, por exemplo, os animais, a ayahuasca ensina que é uma consciência coletiva. O mundo animal é uma consciência coletiva, dependendo do grupo de animais que está. O cachorro tem uma consciência coletiva. Ele não tem um espírito próprio dele, mas faz parte de uma energia, e essa energia faz parte de um contexto de uma consciência coletiva. E tem uma finalidade. O cachorro, por exemplo, falando do cachorro. Por exemplo, ele tem uma finalidade, ele ensina ao homem a fidelidade, ao amor ao carinho, né...

Se a gente prestar atenção no cachorro, vê que ele tem alguns ensinamentos a trazer para nós: o companheirismo, a amizade, são coisas boas que vêm trazendo para nós. O cachorro é capaz de trazer alegria para o homem, trazer paz para o coração dele... Às vezes ele está irritado, nervoso, aborrecido com alguma coisa, e começa a brincar com o cachorro, durante alguns minutos aquilo se acalma. Vê a energia que ele traz para nós. Energia boa. Saber aproveitar essa energia dos animais, que podem trazer para nós, os ensinamentos que ele traz para nós, é muito bom! E nós temos discernimento para isso, tem inteligência! Talvez outro animal não consiga observar, um animal não consegue observar no outro, mas nós observarmos nele, tem condição. É só utilizar a nossa inteligência, de uma maneira mais... eficiente. Mais observatória! Não deixar assim, só se levar pela história “Eu vi ali um cachorro, passei.. Não só passar, ver... observar esse cachorro!” Observar outros animais, não precisa ser necessariamente só o cachorro.

Thiago: Plantas...

Rogério: Plantas, com certeza! (...) É isso então?

Bruno: É isso.

ANEXO D– Entrevista em grupo

Transcrição do comentário sobre a produção

“A liberdade é a palavra de ordem desse grupo”

S1: Eu queria colocar que não sou bom desenhista. Eu queria colocar aqui eu de olho fechado, né... Conseguindo enxergar por cima da minha cabeça, não sei como... de olho fechado também... E... Mais ou menos um conselho, eu não sei. Meu pai ia pescar e me chamou e a gente foi no mato né, e eu acho que ele me aconselhou a ir para lá... aí depois eu entendi... Hoje eu já tinha falado sobre sensibilidade e lá eu senti isso daí, uma comunicação que você faz com a natureza sem... Sem falar com ela, você não fala com ela, você se comunica, mas não se fala...

Facilitador 1: Com a sensibilidade, né?

S1: Com a sensibilidade que você tem. E a ayahuasca ajuda muito também nessa parte da sensibilidade. Você está no ambiente... E fazer parte dele, como um ser realmente vivo, que faz parte da vida no planeta, no universo.

Facilitador 1: Você se sente assim?

S1: Sim. Às vezes sim, às vezes não, mas quando eu bebo ayahuasca com certeza... Com certeza. E isso é interessante para mim, essa parte de sensibilidade que acontece, que melhora em mim bastante.

Facilitador 1: Me fala um pouco mais do que você fez aí...

S1: Bom, esses aqui foram mais ou menos... Essa energia aqui, ela se movimentava mais ou menos... E ela ia em tal direção, e quando eu viajei para lá eu senti que mais ou menos eu cheguei no mesmo lugar que ela queria me falar... Para mim estar lá. E sei. E essa imagem aqui é que eu via por cima da minha cabeça também... Não sei...

Facilitador 1: Essa parte em azul, né?

S1: O céu na verdade, eu via por cima da minha cabeça.

Facilitador 1: Tá... mostra para a galera e vai falando...

S1: Desenho meio feio né,mas...

Facilitador 1 E a coisa acontecendo aqui em cima...

S1: Isso.

Facilitador 4: Desde o começo você fez a arte... Como foi a elaboração?

S1: Isso aqui foi... Eu queria desenhar mas... Fazer o desenho igual aparece para mim...

As imagens da ayahuasca...

S5: Aí é muito virtuosismo....

S4: Teria que tirar foto.

Facilitador 1: Uma coisa sobre-humana.

S1: Eu queria explicar isso. Nessa parte só, mas tem outras coisas que eu queria explicar, nesse desenho só eu não vou conseguir explicar.

Facilitador 1: Legal, mas sinta-se à vontade para fazer qualquer comentário depois que a gente fizer essa primeira rodada que estamos apresentando aqui, para dizer: “olha, tem mais alguma coisa que eu queria dizer. As coisas ainda estão no processo de. Elas ainda estão vindo. Então, fique a vontade.

S1: Tudo bem.

Facilitador 1: Vamos lá S2.

S2: Eu? Bom, está meio complexo aqui que agora eu não estou entendendo mais o que eu fiz. Mas eu vou tentar...

Facilitador 1: Lembra um pouco do momento em que você estava fazendo, as coisas que estavam vindo...

S2: Eu fiz... Aqui um rosto de perfil e essas cores representam esferas, eu nunca passo da metade, só para baixo... Que é uma esfera que não é muito positiva. Daí aqui em volta da cabeça eu escrevi Nietzsche, Voltaire, Fichte, Platão. Sócrates, Espinosa, Freud, Jung e Reich... Depois esses três riscos azuis representam uma expansão... “A falha humana só é demonstrada quando há explicação”... Daí eu tava gritando: Eu estou cansado de ser um homem verme! E o corpo... Daí as palavras todas fora de ordem que representavam uma frase enquanto eu tava pintando, e esse outro rosto todo vermelho é quando você perde o controle e grita. Daí um olho... Que eu sinto que eu estou sendo perseguido por uma visão. Conhecimento; antes da vivência divina exige-se autoconhecimento... Apreciação do que é inexistente se sente... Existe mais paradoxo e antítese do que a vida? Nascer para depois morrer? E o conflito com esse olho que estava me olhando, a abstração que eu não consigo captar... O ensinamento. Aqui tem olho... Daí um boneco deitado com a alma indo para um plano, e nesse intervalo um niilismo, que é a redução ao nada. Aí eu escrevi vaga, mas eu não lembro por que... Daí aqui na parte do conhecimento e do olho um intervalo da metafísica... Eu não sei explicar!

Facilitador 1: Já explicou... várias coisas. Agora vamos criar um pouco mais disso e tenta trazer um pouco da sensação que você estava sentindo ao realizar isso tudo. O que você estava sentindo nessa hora?

S2: Eu tava sentindo... que fluía naturalmente quando ia fazendo, mas depois na hora de dar mais uma explicação... como se tivesse na força, quando eu estou na força da ayahuasca as coisas fluem para o entendimento e depois que passa, que eu tento explicar se dispersa tudo.

Facilitador 2: Foi meio espontaneamente...

S2: É, foi espontâneo... daí quando eu explico eu perco a razão para explicar...

Facilitador 1: Então, por isso que eu ainda falei, a sensação. Qual a sensação que você estava tendo? A sensação não é nada racional, né? É um processo que vem numa outra via. Bom... você entendeu?

S2: Entendi.

Facilitador 1: O que estava vindo? Não precisa necessariamente...

S2: Ficava oscilando entre o medo e a paz, mas dependia só de uma desistência... Se eu me colocasse contra, era paz, mas se eu fizesse alguma reação para manter a paz eu tinha

medo. Então era mais ou menos quando eu tava fazendo, eu ia sentindo as coisas que eu senti quando eu bebi ayahuasca. Não sei, algumas indecisões assim... De novo? Eu vou beber de novo? Parece que... A minha psique anda solta, eu não tenho mais ego, cadê o meu eu? Mas depois volta... Parece que eu vou para expansão depois volto... É um conflito que por palavras fica fraco de expressar... É mais isso a sensação que eu tive.

Facilitador 3: Uma coisa conflituosa...

S2: É porque eu sou razão, e quando você passa para a esfera da sensação parece que quebra todas as concepções que você formou na sua vida. Daí eu ficava: nossa, e agora? O que eu sou? Eu já perdi... A única coisa que eu tinha que eram as coisas que eu formava desde os meus 11, 12 anos... e daí quando você sente é diferente de pensar, e daí eu estou até hoje assim.

Facilitador 1: Mas é alguma coisa, isso já é alguma coisa. Legal, vou falar a mesma coisa para você. Na medida em que a gente for falando, se você achar alguma coisa interessante do desenho que você queira dizer, sinta-se à vontade para falar. Ta bom?

S2: Ah, o que eu achei interessante é que, eu escrevo poesia o dia inteiro; e eu escrevia poesia mais pela estética, pela parte formal... E depois que eu aprendi como se sente algo, flui mais fácil... Porque poesia é sentimento... Misturado com forma, estética, e padrões. Então fluiu, assim, pra minha área, melhor, depois que eu comecei a beber ayahuasca...

Facilitador 1: Entendi, entendi...

S2: É isso...

S1: Isso cai na parte da sensibilidade, de novo, né?

Facilitador 1: Como?

S1: Isso tem a ver com aquela parte da sensibilidade que eu falei... Acaba mudando...

Facilitador 2: Tem a ver com sensação, né?

Facilitador 4: Mas só no poema, assim, você sente isso?

S2: Não, não é... Você está falando no cotidiano? Não, às vezes eu preciso ficar olhando para alguém pra ver se essa pessoa existe... Sabe o conflito: “Essa pessoa existe ou é construção da minha mente?” (risos) Mas eu falo, não, não sou tão bom de produzir essas coisas... Então eu fico... E é todo dia isso... Já desde janeiro isso... Não sei, me sinto ferido, ao mesmo tempo em que... É um prazer... (...) Eu não sei...

Facilitador 4: E o que facilitou, e o que dificultou assim, no seu cotidiano?

S2: Dificultou a minha sociabilização, com certeza. Eu entro em um ônibus, assim, e eu olho para as pessoas e penso “Será que elas estão percebendo que eu fui reduzido a um verme?”

Facilitador 2: Nossa...

S5: Ai, S2...

S2: Por que foi uma das sensações que eu tive, eu fui reduzido a um verme, não foi nem a um nada, foi a verme, desceu, assim...

S5: ultra-rômantico (risos)

S2: Daí eu falo, nossa... Tenho vergonha, então eu entro num ônibus, quando as pessoas me olham eu falo: “Elas percebem... o que eu era...” Mas depois eu falo: “Será que... Será que eles bebem ayahuasca, e está todo mundo em silêncio?” (risos) Eu fico com essas vozes gritando aqui dentro... na minha consciência, quando entro.. por exemplo, eu olho o cobrador, e dou o dinheiro.. daí eu acho que a hora que ele pega o meu dinheiro ele pensa: “Ah, faltam só 28 reais para eu pagar uma sessão...” Daí eu (balançando a cabeça), não, não posso pensar esse tipo de coisa!

S4: Usa o bilhete único! (risos)

S2: Usa o bilhete único, né? (risos) (...)

Facilitador 1: Legal... Então vamos lá S3?

S3: Então, vou falar...

S5: Tem dois...

S3: E conforme vou olhando assim, também... Eu vou vendo coisas, porque é processo...
Porque é processo, não é o que já está feito.

Facilitador 1: Aham... É a partir disso, pra você trazer para a gente a vivência, o papel dela....

S3: Isso, isso... Sempre existe uma dificuldade inicial... Um estranhamento com o material, e eu precisei... Tava pensando: “Ta...” Vi o lugar, procurei achar uma superfície... Mas aí eu conectei com imagens que... já vêm recorrentes.... E que com a ayahuasca vieram mais potencializadas, não sei... Então, que... Daqui a pouco... vai.... Tem a ver com a árvore... Olho a árvore e vejo um eixo. Daí eu, sem descobrir que já estava na árvore... “Deixa eu”.. senti um eixo.... e o eixo que está no corpo! Eu olho fora do corpo, e vê esse eixo também... Que é terra-céu. E um fluxo. Mas... Tem uma vivência... Pra baixo da terra tem uma vivência, pra cima do céu também... A ayahuasca, eu acho que leva... te joga num turbilhão e te estica e te afunda, ... de primeira me afunda,

de primeira sempre me afunda, na verdade são palavras próximas, ou muito fundo, muito escuro, muito, o não sei, o desconhecido, parece que ta lá em baixo, simbolicamente te leva para baixo. Na verdade foi uma decisão, mas acho que é isso que eu preciso trabalhar.

E essa questão de elevação e te levar lá pra baixo,..., é... Tem que cavar bem fundo, e depois assumir um eixo, pra depois se elevar, caminhar, conhecer outras camadas, elevar, nas coisas que estão aqui também.

Então, de início eu fiz os dois lados, pensando horizontalmente, até identifiquei fluxos assim... (gesticulando), daí fiquei rabiscando pra cima e pra baixo, um pouco assim no horizonte, ai eu olhei e vi o cruzamento e me assustei um pouco, “não, dá pra segurar isso agora...”, mas o fluxo pra cima e pra baixo, e fui mexendo, depois foi caminhando o fluxo e foi pro redondo, veio outras coisas também, tem o outro lado que depois eu mostro, mas acho que nesse como processo eu projeto coisas aqui. Aqui é o início do trabalho, ai depois eu vejo coisas (deita a folha na posição horizontal), uma dualidade aqui, o redondo, pro sentimentos, é uma coisas não tão concreta, não é concreto, mas não é matéria, então eu vejo essas coisas que se contrapõem. (direciona o olhar para produção).

Agora, depois que a gente sentou na roda, é que eu começo a conjugar o que eu produzi, um lado mais duro, mais racional, e um outro mais afetivo, mãe-ai, e ai vai, céu-terra. Os opostos se complementam.

Aí eu parti pro material de pintura... Aí eu trabalho também meio sem muito saber... Vai pro abstrato, tento que saber o que vai... Eu vou puxando, né? Que nem um pescador... Puxando... Sem saber se vai dar peixe, sem saber que horas que vai dar, vou jogando... vou jogando linha, acreditando... Estabelecendo uma conexão...

Aí com traços, aí de primeiro, e ficou fácil... Veio um vaso... Primeiro fiz um vaso aqui... meio um vaso, uma certa dificuldade... É um vaso... Vou aceitar isso, vou aceitar isso, é um vaso. Aí vi um vaso, que tem fora, que tem dentro... Então vem cor... Então... O azul ficou mais fácil, pintar o azulzinho. Ai eu falei “Não... Esse vaso também tem coisa muito escura,tem coisa muito escura...ta tudo escuro”. Ai... “O escuro ta onde? Ta fora. Ta fora.... Ta dentro também” Aí fiz mancha dentro. Uma coisa orgânica...de cor de sangue...uma coisa orgânica... pro redondo. Aí fiz o fluxo de sangue, entrou sangue aí. Ai eu falei: “É órgão.” “É órgão isso ai!”, “desculpa mas isso aí é um órgão”. É mais ou menos isso, uma montanha, é paisagem e é interno. Um vaso que também tem... não é uma forma que se fecha, aí eu disse: “Gostei disso”. Eu poderia ir para um movimento mais, fechar mais, essa forma vai para o aberto também.

Daí eu virei, eu gosto de virar e ver (muda a posição da produção para o inverso), daí eu vejo um cabeção, essa é a cabeça, e esse é o pescoço, quase um busto, funciona assim, é como um caracol, então é um vaso que é um caracol, que nem um cabeção. E eu até brinco, num determinado momento da sessão, quando eu tava aprendendo a abrir o olho, ficava muito com o olho fechado, mergulhado, nesse momento eu percebo um grande cabeção, todo mundo formava um grande cabeção, todas as cabecinhas formavam um grande cabeção e eu tava lá, tinha rompido esses limites do corpo e tava junto nesse cabeção. Então, um vomitava lá, era um tanto de mim que tava vomitando, quem vinha tomar a segunda dose, amargava a boca também, um choro, um espirro, umas palavras, as perguntas, muitas das perguntas nesse cabeção, é como se eu fosse procurar numa biblioteca, fosse procurar esses arquivos e ta essa pergunta, que essa voz, esse ser que ta plasmado comigo que ta trazendo essa questão, isso é meu também.

S5: (apontando no desenho) Sabe que quando eu vi essa cabeça ai, essa parte amarela aqui, essas camadas de cores, eu vi a expansão da consciência, tanto aqui pela nuca, e aqui pra cima.

S3: E também tem outra visão que eu tive, algumas sessões atrás que, que era um paredão muito escuro, mais ou menos uma muralha muito escura. Tinha nada era aquele paredão e eu olhei aquilo, vi alguns traços, pouca luz, muito escuro,...., tinha umas coisas lá, não sei, (gesticulando) pictogramas, coisas desenhadas não sei, fiquei curioso e perturbado, como se fosse um corte no terreno e expõem as camadas, arqueologia. Também esse caracol, esse cabeção, eu me sinto envolvido nisso, que tem haver com a consciência que vocês colocaram, um pequeno feixe de luz, num plano escuro, é por ai, façam perguntas, para me direcionar um pouco...

Facilitador 2: Eu achei legal no seu trabalho como ele, à primeira vista, assim, ele não dizia nada, e na verdade ele diz muita coisa... é um trabalho que não é uma coisa, ele é várias, juntas, todas juntas, sabe.. isso me parece.. lembra muito da experiência da ayahuasca, também...

S3: Quando a gente, né... sente o fluxo, né... é um turbilhão, né, um turbilhão... e é uma coisa que pode ser muita coisa, né.. o caleidoscópio, vai... é uma coisa meio de cavar... eu sinto essa coisa assim.. quando bate.. eu to lá... to lá no fundo mesmo.. quando vem mesmo legal eu tô lá travado... sou uma cabeça afundada, um cabeção afundado, quase

meio afogado, com um monte de companheiros juntos, de certa maneira sofrendo, né, entre aspas... num sufoco, né? Situações de pouca luz, mesmo, coisas muito arrebatadas, muito puídas, assim... nas primeiras vivências eu vi assim, um monte de bandeirolas, como se fosse um monte de paisagem de navio subterrâneo, ficam aquelas embarcações tudo puído, tudo... Em desenho abissal... As pessoas meio caídas, meio presas, em frangalhos, adoecidas... como se o mundo fosse um grande lugar de gente doente, todo mundo travou, assim... sem possibilidade de movimento ascensional... Depois... Caminhando com o trabalho, né, vem essa estrutura de cabeção, vaso comunicante... meio de... parece que a gente se junta, né.. pequenas coisas... As ajudas de palavras de orientação, né, do mestre sempre que... ajuda... músicas que vem trazendo... daí vai.. né.. ter condição de eu caminhar nesse eixo... eu vou conseguir, né.. galgar outras estruturas... meio assim.. mas eu já falei bastante.. queria que vocês indagassem pra eu fazer junto com vocês, né... o que me interessa também é pensar com bastante liberdade. Não que.... ultimamente tenho pensado... existe um método? A gente comenta assim... “Ah, eu pergunto pro mestre...” Mas o mestre aparece maneira tão clara assim, né, e você consegue verbalizar? Pra mim é fluxo... mas eu, de certa maneira, fico pensando, né, não de maneira tão científica e certinha, mas um método, né, enfim... O mestre fala, “Examina”... É, sua necessidade de ao menos fixar alguma coisa...

Facilitador 1: Sua produção, sua produção tem muitos elementos, e ela representa, junto com a sua fala, com você experiencia a ayahuasca... A calma.. e um monte de elementos muito vivos ainda, né...

Facilitador 3: Mas unidos, né?

Facilitador 1: E unidos, é isso que eu ia falar... A imagem do cabeção, né... é a imagem do cabeção.... A imagem que eu fiz é a de uma comunidade.... a comunhão, né... dentro de um comum, né.. Então, é comum, a comunhão, o compartilhamento...

S3: Isso, é....

Facilitador 1: E a comunidade... Não deixa de ser.. À medida que estamos todos partilhando de um mesmo momento junto.. Qual a importância, qual o papel, dessa comunhão pra você? A comunhão é o que mais está presente no desenho e na sua fala, tá? Não sei se você está conseguindo entender, tá, mas.. “A comunhão”... entende?

S3: É... Tem questões aí.. sei lá.. Eu acho que pensar, pensar a identidade, né... A identidade pessoal, a minha identidade, a identidade de cada um... Tem que se formar junto... É essa a sensação... Se forma junto... Ela nasce junto, e eu vejo as pessoas, vai, dentro desse cabeção... Não vejo pessoas, vejo as sensações, as emoções, as dificuldades, sabe, os sonhos... A imagem.. Como se estivesse todo mundo dentro de uma embarcação que afundou, né, lá embaixo.... Quando você falou que se sentiu achatado (para S2), eu me sinto achatado, dentro de uma embarcação, que é um cabeção.. Um cabeção porque fecha o olho, e sente que está tudo junto.... Eu sinto que é assim.. tem o ser humano... Tem essa parte que é ele, que é dele, mas eu tive dificuldade de falar “É só dele, é só meu...” Eu não consigo afirmar “Tudo bem, isso é meu, é a minha história...” Essa

história eu divido, aqui... Divido com a minha família, tudo o que eu vivi... Isso eu estou pensando, no mundo, no mundo...

Facilitador 1: Como condição desse mundo?

S3: É, não tem..

Facilitador 1: É a sua história de vida, entende? Não é as coisas em si, mas o que você faz com as coisas.. Que é o que traz tudo isso... É a sua relação com o mundo.... Mas legal, vamos dar um tempinho, pra gente fazer uma rodada...

S3: É, falei demais...

Facilitador 1: E o tempo que sobrar a gente retoma, ta bom? Mas, legal, muito elementos, bacana.... Vamos lá, Rafael, então...

S4: É..... O meu representa... O cosmo, a natureza, o homem, e a purificação... Eu acredito que sejam os elementos... Os ingredientes... Aqui estão... é a mesma pessoa... Quando a gente está naquela situação difícil, tendo uma correção, um aprendizado, se purificando, e quando vem a luz da ayahuasca, nos preenche, nos torna mais forte, aumenta o volume espiritual... E aí a gente consegue se expandir... E alcançar o cosmo...

Facilitador 1: Deixa eu só fazer uma interrupção, pra auxiliar.. ou dificultar um pouco..
Coloca.. quando for falar, no lugar de “nós”, “a gente”, fala “Eu”...

S4: É, eu estou generalizando....

Facilitador 1: Se coloca.. Heh!

S4: Então, assim, é... É como eu vejo a minha experiência com a ayahuasca, né... Eu chego aqui com um monte de energia negativa do mundo... Da minha convivência com os outros seres humanos que a gente vai acumulando... Fica aquela coisa densa... e quando você se purifica, parece que você já elevou um patamar... Mas não precisa necessariamente você vomitar... E daí eu consigo levantar os braços, e o mestre diz.. “Olha, você vai ficar um pouco mais forte agora, to te dando mais uma ferramenta” E você (abrindo os braços) consegue levantar os braços, e alcançar assim, toda a energia... Do universo...

Facilitador 3: Mas você sente isso só quando você toma o chá, aqui...

S4: Não...

Facilitador 3: Ou você acha que a ayahuasca acabou influenciando na sua vida também?

S4: Também... Eu acredito que você consiga entrar na frequência da ayahuasca sem estar bebendo chá...Se você estiver fazendo um trabalho de.... Um aprendizado básico que a ayahuasca me trouxe é que... é tudo energia, cara.... A gente está aqui sentado, é uma energia que está circulando... Se a gente tá lá conversando com alguém na rua, e é um papo pesado, é uma energia que está ali circulando... E às vezes você até pode estar conversando sobre aquilo, mas não está deixando entrar em você... Entendeu? Porque você também não pode se isolar do mundo, pra se poupar disso, né... É tudo uma questão de como você vai manejar essa energia dentro de você... Como que ela entra em você, e...

S1: É uma questão de como você vai lidar com isso....

S4: É.. então é isso, assim... eu acredito que sejam esses os elementos....

Facilitador 2: O que você falou me lembrou muito esse negócio da purificação, assim, que o mundo vai te pesando, e daí você se purifica, e daí você pode se levantar, assim...

S4: Uma coisa que acontece comigo, é que às vezes eu vomito, e parece que não cabe tudo isso dentro de mim... Parece que materializa... Que não tinha nem aquilo de líquido, e nem de volume... Você “ahrr” (imitando o ato de vomitar)

Facilitador 1: O que materializa?

S4: Eu acredito que... As energias que eu agrego em mim... Que eu deixo agregar.. e as energias que as pessoas vão agregando.. e é por isso que a gente está vindo aqui, é como se fosse um “Spa espiritual”! (risos) Pra gente poder estar se limpando, né, limpando a mente... Começa a analisar.. às vezes você está vendo um filme na teve e logo pensa: “Opa, porque que eu vou deixar isso entrar em mim?” Já muda de canal... O que antigamente a gente ficava “nossa, nossa, quanto tiro, quanta morte, não sei o quê! Stallone, Schwazneger! Uau!” Hoje em dia eu já falo. “Pô...” Por que, que eu estou...

S1: Estabelece o filtro, né?

S4: Porque que eu estou trazendo isso pra dentro mim, to aprendendo, né? Não estou.... Às vezes uma pessoa.. A pessoa senta num lugar, você sente toda aquela energia... Aí você fala: “Se eu ficar aqui essa energia vai entrar em mim...” Eu ainda não tenho ainda a capacidade de filtrar ela... Então já (fazendo movimento com a mão) sai.... É essa sensibilidade... É essa sensibilidade, que a ayahuasca está me aguçando...

S2: Ô Facilitador 1, posso só... um minutinho?

Facilitador 1: Por favor, por favor...

S2: É que eu sinto algumas coisas, que nem ele, assim, né... Só que o meu ainda desvia.. Hoje, é como se o meu espírito, estivesse vagando, e eu estou como um zumbi aqui, e daí eu venho, bebo o chá, e encontra... Mas daí eu volto pra casa, e vaga... Daí eu deito, com

aquela sensação de vazio, assim... Daí grita na minha cabeça, sabe, assim, quando você não quer? “Insanidade!” Daí eu acordo, assim, três horas da manhã, e eu começo a respirar, daí eu volto a deitar, e vem outra frase: “Tudo é fingimento!” Daí eu acordo, entro no Orkut, mando um scrap pro S4: “E aí, como foi a sessão?” E ele vai falar: “Ahh, foi bom!”, e eu fico pensando, é fingimento... Daí eu entro no Facilitador 2, escrevo “Como foi?”, daí eles respondem... Uma sensação, assim, que tem uma voz, dentro da minha cabeça... Daí quando eu bebo o chá, une, puxa o meu espírito, e trabalha... mas fora eu ainda estou com essa sensação de que, sabe está vazio? Como se fosse só uma matéria, circulando? Fazendo o que eu tenho que fazer? Eu ainda tenho essa sensação...

Facilitador 2: Mas essa voz, que você está falando, parece, essa voz, com se ela não é sua, mas aqui você se encontra com ela?

S2: É, aqui eu me encontro, mas quando eu deito, aquela sensação de vazio, a voz que grita, ela não é, não parece ser... não parece ser produto da minha mente, assim, é uma voz que vem e grita, assim: “Insanidade!” Daí eu acordo, daí.. “Tudo é fingimento!”... Daí, será que existe? Daí eu fico pensando, será que a Ana existe, o Rogério existe? Daí eu venho... (risos)

S5: Fica na dúvida! (fala ao mesmo tempo que o S2).

S2: “Não existe...” Eu tenho que... Fico em casa... Daí eu tenho que ver de novo.. Daí eu venho de sábado de novo! (risos)

S4: Uma coisa que eu vivencio na ayahuasca, é uma coisa que ele... (S1), como é o nome dele? Ele falou: Que a ayahuasca ensina a gente e lidar com os nossos medos... Me ensina a.... “Você tem medo disso?? Então toma, ta aqui na sua frente, a um palmo!” (risos) Vamos lá! E aí resolve na hora... Então o mestre me pôs aquele caminho, e disse, “Então esse é o seu caminho na vida!” Segue por ele, que eu estou com você, agora qualquer desvio é por sua conta própria... Então esse caminho... A ayahuasca me ensina que nesse caminha vai ter muita dificuldade... Mas eu sei que é ele... Eu posso tropeçar, eu posso... me levanto , tudo, mas eu sei que é esse caminho... E eu sei que se eu me desviar, eu não vou estar na minha plenitude... Então é ele... Sempre em linha reta, ali... Por mais que venha todas as influências, que vão te agarrando, e você vai se soltando, Eu sei que vou pra lá, e não vou me desviar... Cada vez com mais convicção...

S1: Vai melhorando a pessoa, né?

S4: uma vez o mestre disse assim na sessão, eu estava passando uma sessão muito difícil, e o mestre falou assim, o mestre Rogério: “Considero o povo da Ayahuasca muito valente... Porque não é fácil passar o que passa...” Ver essas coisas... Você ter o seu maior medo a um palmo do seu rosto, ter que ir lá, e não foge... Então ele falou: “Tenho muito respeito pelo povo da Ayahuasca” E na hora, eu pensei assim: “esse é um homem que entende o que eu estou passando aqui, compreende minha dor” (risos) Então me deu muita força, e é isso aí, vamos lá... É mais uma ferramenta que ele me deu... Me senti

assim.. É... Um pouco mais forte pra enfrentar tudo aquilo... E é isso... Então apesar da purificação, que não é tão agradável, tem a energia do cosmos, pra...

Facilitador 1: E qual o papel... O que você relaciona com essa... Essa limpeza, essa expansão? No seu cotidiano? Como isso está relacionado? Ou... Acho que para você relacionado não é uma boa palavra, porque passa essa idéia de duas coisas separadas, vou reformular.. Como que isto está presente no seu cotidiano? Não precisa, necessariamente, dar exemplos, mas só pra gente ter uma idéia...

S4: É... Pelas coisas que a gente manda pra dentro do nosso corpo, fisicamente, e às vezes a gente sabendo que isso polui. Em tão você já começa a ser mais seletivo. Da mesma forma que pensamentos... Falas, atitudes... Você analisa assim, é... Tendo essa atitude, ou pensando isso, ou pondo isso pra dentro do meu corpo, eu estou me conectando com aquilo que eu vejo quando eu vomito, aquela energia que eu estou abandonando, ou eu me conecto com o cosmos? Com qual energia eu estou me conectando? Aí a partir desse momento você faz a escolha, e começa a selecionar... A se tornar seletivo na vida... Todos nós sabemos aqui, assim, que não é fácil, né... Muitas vezes quando alguém fala assim: “Ah, vai lá beber seu chazinho, ficar numa boa...” Ah, meu irmão se você soubesse...

S2: Se ainda fosse, ficar numa boa...

S4: A caminhada,.. Não é uma caminhada fácil, assim... Não é fácil, e ninguém disse que ia ser, então bola pra frente...

Facilitador 2: Como se você tomasse mais cuidado, né, com o que você vai fazer, no dia a dia, assim...

S4: É... Então...

Facilitador 3: Então você acha que ela funciona como um filtro assim, é?

S4: é.. também pra gente não cair naqueles, prazeres que... Prazeres físicos, né.... A gente tem inúmeros prazeres físicos na terra, né, que nos alimentam, mas a gente está machucando o nosso espírito. Então a gente tem que pesar, “E aí?”

Facilitador 2: Mas me parece que não que ela é um filtro, mas ajuda a se filtrar, né?

É.. Por exemplo, tem situações aqui na ayahuasca, o mestre tava dando esse exemplo, assim de que tem horas, que você está tão difícil, que você preferiria ter tomado dez chibatadas, na porrada, mesmo, do que estar passando por isso... Mas estar curando o seu espírito. Então acho que isso tem um valor muito grande... Para o ser humano... Você abrir mão de um conforto físico... Para estar... Porque eu acredito que fisicamente.. fisicamente não.. Para mim seria muito mais fácil estar na minha antiga rotina... As coisas que eu fazia, e estava sempre numa boa, e quanta coisa que eu não sabia que existia...

Aquilo que a gente estava falando no carro, quando você abre a porta, e vê o que está ali... Você se compromete e resolver aquilo. É isso.

Facilitador 2: É isso?

Facilitador 1: Legal... S5?

S5: Bom... É... Eu não acredito que uma obra pictórica possa ser explicada, né... Mas como a gente está aqui numa atividade que pressupõe né.. Resultados para a psicologia, Então eu vou tentar falar alguma coisa... È... Da minha relação do que eu senti, não é isso? Na verdade...

Facilitador 2: Ah, só tenta falar um pouco do que você fez...

S5: O que foi que eu fiz? Eu to tentando expressar um pouco da minha relação, com esse culto à natureza... Que é a gente vir pra cá e beber a ayahuasca, né? O mestre sempre fala que essa é uma religião de culto à natureza... Então eu me sinto muito, muito, muito, intimamente ligada aos elementos da natureza... É... Tanto do reino vegetal, quanto esses elementos que a gente vê que estão muito ligados a esse culto, que é o sol, a lua e a estrela, né, os astros... E... Ai gente, eu queria que vocês me perguntassem na verdade...

S1: Esses elementos são os quatro elementos da natureza, são.. ou são elementos, tipo, o chão, o ar... o céu, nuvem, tudo isso.

S5: Também, né... Tudo que é natureza, que eu sinto muito próxima, sinto muito perto de mim, e eu fazendo parte de... uma integração, uma sensação de integração muito grande... Aquela coisa que você falou da pequenez, mas da grandeza (apontando para S1), ao mesmo tempo, né... Porque tudo faz parte de tudo, Então tudo é importante, tudo é valioso, embora eu esteja dentro de um contexto que é muito maior.

Facilitador 3: Essa pessoa aí que você fez, é uma pessoa isso?

S5: É, uma representação de uma figura humana....

Facilitador 3: Mas, seria você essa figura humana?

S5: Seria eu, seriam meus irmãos que eu converso aqui, seria a ayahuasca, seriam as entidades que se apresentam para mim no trabalho, porque tenho uma coisa de um trabalho mediúnico desenvolvendo, então aparecem entidades, vêm entidades também, na maioria das vezes não as vejo, ouço as vozes, mas algumas vezes eu vejo figuras humanas, e sou eu também, e são as pessoas, integradas com essa natureza, e tendo essa expansão da consciência, porque embora eu tenha feito aqui os dois olhos, mas, dentro de um todo desse círculo aqui.... Na verdade é o terceiro olho. Que age quando a gente tá fazendo nosso trabalho...

Facilitador 1: O que é pra você esse terceiro olho?

S5: É a percepção que a gente não tem no cotidiano.

Facilitador 1: É uma coisa que funciona, mas em você, mas espontâneo, entende? Ele é mais espontâneo... Deixa eu ver se eu entendi...

S5: ãhn...

Facilitador 1: Ela acontece muitas vezes sem você querer que ela aconteça.. Não é você falar “Acontece”, e ela acontece, não, ela simplesmente surge.. É isso?

S5: Às vezes sim...

Facilitador 2: É não me pareceu isso quando você falou....

S1: Meio como uma intuição?

S5: É, foi isso que eu pensei quando ele falou, Eu ia te dizer “você está falando de intuição, então...” Uma coisa assim de intuição, que muita gente trabalha na arte, Ah, vai e faz... mas acho que isso ainda pode ser.. pode ta ainda dentro do nosso controle... Se eu quero perceber, e me disponho a perceber, então eu paro e falo “Agora eu quero perceber”, eu posso perceber, além do que eu percebo habitualmente... E com a consciência expandida, né.. uma coisa que eu tenho observado nos últimos trabalhos por

exemplo, é que eu tenho que saber, o que é que eu vim fazer agora aqui. Nesse trabalho, ter um foco. Por que se eu vou, não sei o que é, não sei bem o que eu quero, e vou... e deixo... ta certo que a gente tem que ter uma disponibilidade de se deixar levar, né... De ter uma confiança, de não se travar, mas ao mesmo tempo, saber o que eu estou trabalhando aqui, saber o que eu quero ver de mim, saber o que eu quero direcionar pra mim...que é pra eu não me perder em canais errados, entrar em sintonias que não são legais.... Esse negócio do foco, assim.... To sendo clara??

Todos: Tá!! (risos)

S1: Ta sim... Eu tô entendendo...

S5: Nunca se sabe se está se expressando direito, quando se está nessa pobreza de expressões... Quando se vai falar dessa experiência que é tão rica, tão borbulhante, tão profunda... Mas acho que de outras formas de expressão a gente pode melhor botar pra fora....

Facilitador 1: Me fala um pouco mais sobre o que você produziu...

S5: Como assim?

Facilitador 2: Eu posso perguntar, só uma coisa?

S5: Pode.

Facilitador 2: Eu queria entender: Você acha que tem que vir aqui com foco, assim... pra saber o que você vai trabalhar...

S5: Eu acho que me facilita, se eu tiver um foco...

Facilitador 2: e você acha que vir aqui que te foca?

S5: Ah, sim! Sim.... O S4 estava falando da limpeza, né... Nessa limpeza vai tudo o que eu vejo que não me serve mais. Na minha vida... Porque eu to lá no trabalho, e vejo, isso aqui, isso aqui, isso aqui, porque aconteceu isso aqui comigo, porque na verdade eu fiz assim, assim e assado! Então porque eu vou continuar fazendo? Se não me serve mais! Então o meu foco é outro o meu foco é mais limpo, é mais objetivo... O que eu quero na verdade, o que me serve, o que me engrandece, é isso aqui (apontando). Então eu vou pra cá... Que é o que me faz desenvolver, então é por aí que eu vou...

Facilitador 4: E o cotidiano, como é pra você?

S5: Ah, eu sabia que vocês iam perguntar isso!

Facilitador 2: Se bem que do que você falou, dá pra tirar...

Facilitador 3: Já dá pra saber...

Facilitador 4:É mais pra ampliar, né....

S5: O meu cotidiano eu sinto que melhora muito, porque como a minha relação comigo mesma melhorou enormemente... Como eu estou sem emprego agora... Eu falo pros meus amigos assim, “Quando eu tinha dinheiro, eu estava péssima comigo mesma, uma podridão total, totalmente desequilibrado o meu ser”, e agora que eu não tenho grana, eu estou super mais conectada comigo, super mais sabendo onde eu estou, quem eu sou, e tal... Então está me valendo muito... mais esse momento, mesmo que eu não tenha grana... daqui a pouco eu vou ter.. e tal... Mas a minha relação comigo mesma, enriqueceu, e se tornou muito mais clara, então a relação com as outras pessoas também fica muito mais limpa, muito mais nítida, mais honesta... mais... não mais fácil, né, porque se relacionar não é fácil... Mas... Fica mais limpa. É isso...

Facilitador 1: Então é isso...